



UNILASALLE



CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE

**PRÓ-REITORIA ACADÊMICA – PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO**

OTÁVIO NOGUEIRA BALZANO

PROJETO ESPORTE SOCIAL:

**UMA POSSIBILIDADE DE INCLUSÃO DOS ALUNOS NEGROS, ATLETAS E
ORIUNDOS DE CLASSES POPULARES NA ESCOLA PRIVADA, ATRAVÉS DO
FUTEBOL**

CANOAS, 2008

OTÁVIO NOGUEIRA BALZANO

**PROJETO ESPORTE SOCIAL:
UMA POSSIBILIDADE DE INCLUSÃO DOS ALUNOS NEGROS, ATLETAS E
ORIUNDOS DE CLASSES POPULARES NA ESCOLA PRIVADA, ATRAVÉS DO
FUTEBOL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, sob a orientação do Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva.

CANOAS, 2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B198p Balzano, Otávio Nogueira

Projeto esporte social: uma possibilidade de inclusão dos alunos negros, atletas e oriundos de classes populares na escola privada, através do futebol [manuscrito] / Otávio Nogueira Balzano. – 2008.

Bibliotecário responsável: Kátia Rosi Possobon - CRB 10/1782



UNILASALLE

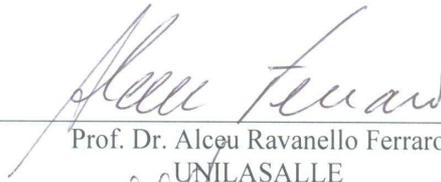
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE

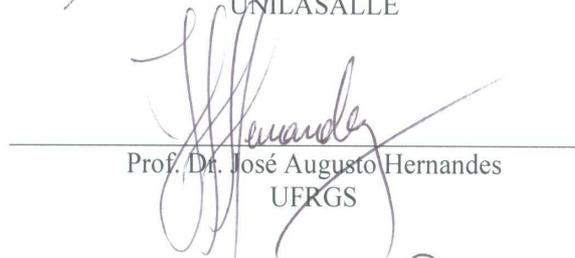


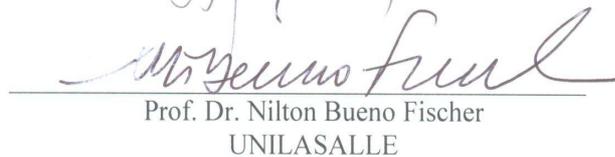
Credenciamento: Decreto de 29/12/98 - D.O. U. de 30/12/98
Recredenciamento: Portaria 1.473 de 25/5/04 - D.O.U. de 26/5/04

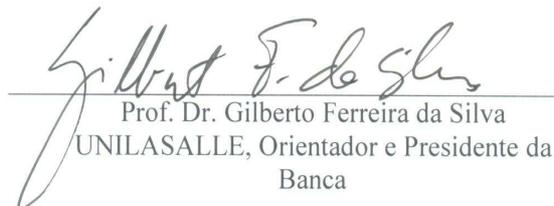
Programa de Pós-Graduação em Educação

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Alceu Ravello Ferraro
UNILASALLE


Prof. Dr. José Augusto Hernandez
UFRGS


Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer
UNILASALLE


Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva
UNILASALLE, Orientador e Presidente da
Banca

Área de Concentração: Educação, Cultura e Ação Pública

Curso: Mestrado em Educação

Canoas, 22 de dezembro de 2008.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos meus pais, Julio e Sônia, que ao longo da minha vida me auxiliaram nos momentos mais difíceis. E aos meus dois maiores amores, a minha esposa e companheira Adriana e a meu filho Pietro, que tem me proporcionado os momentos mais felizes da minha vida.

Obrigado pela compreensão de vocês.

Amo-os muito!

AGRADECIMENTOS

Neste momento, se faz necessário lembrar de muitas pessoas que ao longo desta caminhada me ajudaram muito. Começo agradecendo a minha esposa Adriana pela força e incentivo nos momentos mais complicados, quando por algum motivo desistia de escrever, e Adriana com seu jeito especial me confortava, não me pressionava e ao mesmo tempo me incentivava. Também agradeço ao meu filho Pietro, que soube compreender o momento que seu pai estava passando, e mesmo nos momentos em ele queria jogar botão ou futebol, entendia o que estava acontecendo e “aliviava” seu pai do compromisso. Agradeço especialmente aos meus pais Julio e Sônia, se tivesse de escrever algo sobre eles, escreveria uma nova dissertação. Não posso esquecer-me do auxílio dos amigos Pipa, Vargas, Dudu, Penna, Valente, Rudinei e Cláudio, esses quatro últimos, responsáveis pelo meu ingresso de professor no ensino superior. Também agradeço os alunos participantes da pesquisa, professores e todos que me auxiliaram na Instituição.

Sobre a instituição Colégio Israelita Brasileiro, só tenho palavras de agradecimento, por me receber novamente com os braços abertos e facilitar minha caminhada neste processo. Sem querer deixar ninguém de lado, tenho que ressaltar o nome de três pessoas que no Colégio Israelita, abriram todas as portas para que este trabalho pudesse ser realizado, cito Lizete, Mônica e Amália. Para finalizar agradeço a minha primeira orientadora Rejane Penna, por ter me aceito e acreditado no meu trabalho e agradeço do fundo do meu coração, ao meu orientador atual, o professor Gilberto Ferreira da Silva, por me ajudar no momento mais difícil da trajetória do mestrado, quando perdi minha orientadora, Gilberto sem hesitar me aceitou como orientando e contribuiu significativamente, na execução deste trabalho.

*“Sonhos são possibilidades esperando
para se tornarem reais”.*

(Carla Folyne Carey)

RESUMO

O presente trabalho é o relatório final de pesquisa entregue ao Curso de Mestrado em Educação do Centro Universitário La Salle, sob o título: “Projeto Esporte Social: uma possibilidade de inclusão dos alunos negros, atletas e oriundos de classes populares na escola privada, através do futebol”, para fins de obtenção do título de Mestre. Através da pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso e com a utilização da entrevista semi-estruturada, da observação participante, do diário de campo e da análise documental, como instrumentos de coleta de informações, a pesquisa teve como objetivo responder ao seguinte problema de investigação: O “Projeto Esporte Social” contribui para o processo de inclusão dos alunos negros, atletas e oriundos de classes populares na escola privada, através do futebol?” A dissertação está organizada em duas partes. Na primeira, estão localizados os referenciais teóricos onde desenvolvo uma aproximação ao problema e apresento as decisões metodológicas que conduziram a pesquisa. Na segunda, trato da interpretação dos resultados obtidos no campo. Essas informações deram origem a cinco categorias de análise: Integração Escolar, Futebol com meio de inclusão e ascensão social, Inclusão Social e Escolar, A escola e o Projeto Esporte Social e Exclusão social e escolar. Nas considerações finais, apresento: como conclusão, a importância do futebol na inclusão dos alunos bolsistas na escola privada. Também apresento, minhas reflexões durante o processo de desenvolvimento da pesquisa, sugestões para construção de uma escola inclusiva relacionados ao Projeto Esporte Social e idéias que podem dar continuidade ao tema de investigação.

Palavras-chave: Projeto Esporte Social. Inclusão. Futebol. Escola Privada.

ABSTRACT

This work is the final report delivered to the search for Master Course in Education at the University La Salle, under the title: "Social Sports Project: a possibility of inclusion of black students, athletes and from classes in private school through of football "for purposes of obtaining the title of Master. Through qualitative research of the type of case study and the use of semi-structured interviews, participant observation, the journal of the field and document analysis and information-gathering tools, the research aimed to answer the following research problem : The "Social Sports Project" contributes to the process of inclusion of black students, athletes and from classes in private school through the football? "The dissertation is organized into two parts. First, the benchmarks are located where I develop a theoretical approach to the problem and make the decisions that led to methodological research. In the second, the interpretation of treatment results in the field. This information led to five categories of analysis: Integrating School, Football with means of inclusion and social ascension, Social Inclusion and School, the school and the Sports and Social Exclusion Project social and school. In closing comments, I present: as a conclusion, the importance of football in the inclusion of private school students in stock. Also present, my thoughts during the process of development of research, suggestions for building an inclusive school related to the Social and Sports Project ideas that can give continuity to the subject of research.

Key words: Social Sports Project. Inclusion. Soccer. Private School.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 INCLUSÃO OU INTEGRAÇÃO ESCOLAR	18
2.1 Inclusão e integração no contexto escolar	18
3 INCLUSÃO ATRAVÉS DO ESPORTE	26
3.1 Esporte como fator de inclusão social	26
3.2 Exemplos de programas de inclusão através do esporte.....	29
3.3 A importância sócio-cultural do futebol para sociedade brasileira	32
4 EXCLUSÃO SOCIAL - ESCOLAR E DISCRIMINAÇÃO RACIAL	37
4.1 Exclusão social	37
4.2 Exclusão escolar.....	38
4.3 Discriminação racial.....	41
4.3.1 Teoria raciais.....	41
4.3.2 Teorias da etnicidade.....	44
5 O NEGRO E O FUTEBOL	48
5.1 A retrospectiva histórica da discriminação e ascensão do negro no futebol brasileiro.....	48
5.2 O ingresso do negro no futebol brasileiro	48
5.3 O ingresso do negro no futebol do Rio Grande do Sul	53
5.4 Casos de discriminação de jogadores negros na seleção brasileira.....	57
5.5 A diferença de tratamento entre jogadores negros e brancos.....	60
5.6 Ascensão do negro através do futebol	63
6 ESCOLA PARTICULAR E BOLSA DE ESTUDO	67
6.1 Escolas particulares e projetos de inclusão por intermédio do esporte – um estudo de caso	67
6.2 A escola pesquisada	67
6.2.1 A história do Colégio Israelita Brasileiro.....	67
6.3 Experiência pessoal e experiências de outras escolas privadas com projetos de bolsas de estudo através do esporte.....	71
6.4 Projeto Esporte Social.....	76
6.4.1 Descrição do projeto esporte social	76
7 PROCESSO METODOLÓGICO	81
7.1 Metodologia	81
7.2 Caracterização do estudo	81
7.3 Critério de seleção da escola	83
7.4 Os participantes	83
7.5 Negociação de acesso	84

7.6 Instrumentos de coleta de informações	85
7.6.1 A observação participante	85
7.6.2 A entrevista semi-estruturada	87
7.6.3 Análise documental	88
7.6.4 Diário de campo	89
8 ANÁLISE DOS DADOS EMPÍRICOS	91
8.1 Análise dos dados empíricos, observações e entrevistas.....	91
8.2 Integração Escolar	92
8.2.1 Situações características de integração escolar.	93
8.2.2 Solidariedade entre os alunos do projeto	95
8.3 Futebol como meio de inclusão escolar e ascensão social	98
8.3.1 O futebol como perspectiva de ascensão social	98
8.3.2 O futebol como meio de inclusão escolar	102
8.4 Inclusão escolar e social	105
8.4.1 Situações características de inclusão escolar.....	105
8.4.2 Situações características de inclusão social	110
8.5 A escola e o Projeto Esporte Social	113
8.5.1 A família, a escola, os alunos e o Projeto Esporte Social	113
8.5.2 A visão dos alunos sobre o Projeto Esporte Social.....	115
8.6 Exclusão social e escolar	117
8.6.1 Situações características de exclusão social e escolar.....	117
8.6.2 Diferenças sócio-culturais	121
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS.....	128
APÊNDICE A - OBSERVAÇÕES PARTICIPANTES.....	133
APÊNDICE B - ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	149
APÊNDICE C - GRUPO DAS OBSERVAÇÕES.....	157
ANEXO D - FORMAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	164

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, já por um longo período, programas de bolsas de estudo têm sido utilizados de forma a permitirem que indivíduos com diferentes identidades tenham acesso a um processo educacional em instituições de ensino privado. Tais programas têm apresentado um aumento no número de vagas para alunos carentes em instituições de ensino privado. Estes programas representam também para esses indivíduos uma possibilidade de ascensão social e a conquista de novos espaços como novos círculos sociais.

O “Projeto Esporte Social” aplicado no Colégio Israelita Brasileiro, localizado na cidade de Porto Alegre, tem como objetivo incluir na escola privada, através de bolsas de estudo, atletas oriundos de classes populares dos dois principais clubes de futebol do Rio Grande do Sul (Internacional e Grêmio).

O Colégio Israelita Brasileiro, igualmente, tem como missão ser uma entidade educacional comunitária, embasada nos valores culturais, éticos e morais do judaísmo, que elege a educação pela paz e a busca pela excelência de ensino com vistas à formação de cidadãos preparados para vida e para a construção de uma sociedade plural. A escola iniciou a parceria com o Sport Club Internacional e o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense no segundo semestre de 2004, beneficiando sete meninos. O “Projeto Esporte Social” é coordenado pela direção do Colégio, com apoio do grupo de professores, funcionários da escola e voluntários da comunidade judaica.

A escolha desse tema como objeto de estudo em minha dissertação se deve a minha experiência de 17 anos, especificamente nesta escola, em um período de 19 anos atuando como professor. A partir de uma análise preliminar da situação de bolsistas que não tinham vínculo esportivo com a instituição, observei que a relação

no convívio escolar apresentava uma série de dificuldades, tanto para alunos quanto para a equipe diretiva e professores da escola. Em várias ocasiões, verifiquei discriminação, dificuldade pelo fato dos alunos beneficiados pelas bolsas de estudo em acompanhar o ritmo da escola, revelado pelo fraco desempenho escolar ou, ainda, por não pertencerem à comunidade judaica. O resultado dessa situação era a reprovação ou a transferência de escola, dos alunos bolsistas, no meio ou no final do ano letivo.

Muitas vezes em conselhos de classe nos finais de ano, ouvia da coordenadora pedagógica e da coordenadora educacional, o seguinte relato: “[...] os alunos bolsistas e suas famílias nos dizem que estão trocando de escola, por dificuldade de relacionamento e por não conseguirem acompanhar o ritmo da escola”.

Depois de três anos afastado da instituição, ao retornar, verifiquei uma nova proposta de bolsas de estudo no Colégio Israelita Brasileiro, estas vinculadas à prática esportiva.

Em outras instituições, em que o critério para bolsas de estudos era o fato dos alunos serem atletas, muitas vezes, negros e oriundos de classes populares, constatei que, embora esses alunos tivessem menos dificuldade no relacionamento com colegas e a comunidade escolar, seu desempenho escolar ainda era insatisfatório, percebendo certo despreparo das escolas frente a essa realidade de não aprendizagem. Diante desses fatos, percebia que a comunidade escolar não se encontrava preparada para atender esses alunos.

Segundo Bourdieu:

[...] nas camadas menos privilegiadas da população, existe uma parcela que alimenta um desejo razoável de ascensão social através da escola, mesmo que as chances objetivas sejam ínfimas, estes ignoram completamente as estatísticas que apontam, que um filho de operário têm duas chances em cem de chegar ao ensino superior (1998, p. 48).

Para o autor, esse comportamento ocorre, pela estimativa empírica dessas esperanças objetivas, comuns a todos os indivíduos dessa categoria social.

O propósito de abordar a temática dos programas de bolsas de estudo não é novo. Gutierrez Filho (2004, p. 118) realizou estudo com indivíduos beneficiários desses programas, demonstrando que a ascensão social ou “a mudança para um novo espaço social” conquistada por esses indivíduos decorreu por forte influência do “novo campo educacional” em que esses beneficiários passaram a freqüentar. O autor sugeriu também que, em boa medida, tais programas proporcionam “um

aumento significativo do capital cultural e social” para esses indivíduos assim como o estabelecimento de “novos objetivos e a inclusão em um novo grupamento social”.

Entretanto, Gutierrez Filho concentrou sua pesquisa basicamente na influência dos diferentes espaços sociais na construção da identidade dos alunos beneficiários dos programas e na influência desse processo em sua ascensão social. O autor não aprofundou estudos acerca da influência do esporte praticado pelos beneficiários, nas relações com a comunidade escolar, bem como as propostas da escola para promover a equidade entre alunos de classes sociais distintas.

Por minha experiência no meio esportivo, tenho como hipótese que o futebol, por ser o esporte mais importante no país, é fator determinante para que esses alunos tenham maior possibilidade de incluir-se no contexto escolar em questão.

A experiência e a cultura do futebol, que esses meninos do projeto levam para escola é outro fator que os diferencia nas relações, pois este aprendizado no clube, com outros jogadores, diretores, treinadores, torcedores, adversários, dá-lhes uma bagagem social e cultural que os difere dos outros alunos, que muitas vezes apenas se relacionam com os jovens da própria comunidade.

Esta bagagem social e cultural de conviver com diversas pessoas, que o futebol possibilita, faz com que estes meninos saibam se portar na maioria dos ambientes. Pois a personalidade adquirida ao longo do convívio esportivo, a liderança e a maturidade fazem com que se tornem jovens mais seguros, para lidar com as situações de dificuldade que possam se apresentar.

Considero importante pesquisar esse tema, observando e ouvindo a opinião dos alunos, atletas negros e oriundos de classes populares do “Projeto Esporte Social”, para verificar se esse não é apenas mais um projeto para integrar alunos na escola privada, ou um projeto que sirva de referência para as escolas particulares de inclusão de alunos bolsistas através do esporte, isto é, utilizar o esporte como mecanismo de inclusão.

Algumas escolas particulares, freqüentadas majoritariamente por alunos brancos e de boas condições econômicas, fornecem bolsas de estudos a alunos oriundos de classes populares. Questiona-se em que medida um segmento específico segregado – negros, atletas e oriundos de classes populares – consegue incluir-se neste tipo de escola, por intermédio de sua inserção em projetos ligados ao esporte (futebol). Nessa perspectiva, a questão que orienta a construção desta pesquisa pode ser sintetizada da seguinte forma: O “Projeto Esporte Social”,

contribuí para o processo de inclusão dos alunos negros, atletas e oriundos de classes populares na escola privada, através do futebol?

A relevância social da pesquisa decorre da possibilidade de inclusão de alunos negros atletas e oriundos de classes populares em escolas privadas, onde sua população é de maioria branca. Esta situação muda radicalmente o meio sócio-econômico e cultural desses meninos, em relação à escolaridade, oportunizando-lhes uma realidade diferente, podendo ser determinante para seu sucesso profissional, para além do seu talento esportivo.

Um fato relevante desta investigação acredito, é a possibilidade deste estudo vir a constituir-se em referência institucional, permitindo lançar novos olhares para compreender como ocorrem os processos de inclusão em espaços educativos.

Além disso, nesse trabalho investigo a percepção dos sujeitos beneficiados pelas bolsas de estudos sobre o apoio pedagógico e a infra - estrutura oferecida pela escola.

Também analiso, através de observações e apoiado em entrevistas dos meninos do projeto, as relações interpessoais dos sujeitos beneficiados pelas bolsas de estudo dentro e fora de uma escola de orientação judaica. Descrevo e interpreto sobre a cultura do futebol nas relações entre os alunos da escola e os do projeto, e sua influência na perspectiva profissional dos alunos.

Portanto, no primeiro capítulo do trabalho discuto a diferença entre integração e inclusão na perspectiva de Mantoan (2003), Araújo (1998) e Mittler (2003).

No segundo capítulo da pesquisa abordo o esporte como fator de inclusão social na visão de Tubino (2001), Parker (1978) e Gonçalves (2006). Também trago alguns exemplos de programas de inclusão através do esporte para exemplificar o trabalho que está sendo realizado em torno do tema. E finalizo o capítulo justificando a importância sócio-cultural do futebol para sociedade brasileira na perspectiva de Damo (2005) e Rinke (2007).

No terceiro capítulo disserto sobre o tema exclusão social, escolar e discriminação racial, tomando como referência o confronto de idéias de Bourdieu (1998) e Charlot (2000), no que tange à exclusão escolar. Sobre discriminação racial caracterizo, historicamente, fatos da exclusão do negro na sociedade brasileira na perspectiva de Scharwarcz (1993), e também exemplifico desigualdades sociais pelo fator de ser negro ou pertencer a classes menos favorecidas economicamente, na visão de Heringer (2002).

No quarto capítulo do estudo faço uma retrospectiva histórica de fatos que mostram a inserção do negro no futebol brasileiro e gaúcho, momentos de discriminação e ascensão social através do futebol. Essa retrospectiva torna-se importante, pois os meninos que são os sujeitos desta pesquisa são negros e atletas de futebol.

Os meninos do projeto, como a grande maioria das crianças brasileiras, procuram, através deste desporto, sua realização e afirmação pessoal, muitas vezes não sabendo das dificuldades e dos processos de discriminação, que os atletas passam para alcançar seus objetivos. Nesse segmento tomo como referência Rodrigues Filho (2003), Giulianotti (2002) e Jesus (2001).

No quinto capítulo da pesquisa, caracterizo o Colégio Israelita Brasileiro nos aspectos que envolvem sua história, sua missão, sua visão, seus projetos transversais e seu Projeto Político Pedagógico. Também relato minha experiência como professor de Educação Física, técnico de Futsal e Futebol, e meu conhecimento de outros projetos de bolsas de estudo que vivenciei em escolas particulares. Finalizo o capítulo, através de uma abordagem sobre o “Projeto Esporte Social”, implantado no Colégio Israelita Brasileiro

No sexto capítulo, apresento o percurso da pesquisa, onde segui uma pauta de observações participantes, que me auxiliou no trabalho de observação. Comecei a fazer as primeiras observações em abril de 2007 e terminei minhas observações em junho de 2008. Seguindo o processo metodológico, também realizei entrevistas semi-estruturadas, essas foram realizadas no dia 06/06/2008, com os alunos do “Projeto Esporte Social”.

No sétimo capítulo da pesquisa, construo as análises das informações, elas foram realizadas a partir dos resultados obtidos nas entrevistas semi-estruturadas com os alunos do “Projeto Esporte Social”, e nas observações participativas registradas no diário de campo. Para melhor sistematizar a apresentação das cinco categorias de análise, as mesmas foram divididas em subcategorias: Integração Escolar (Situações características de integração escolar e Solidariedade entre os alunos do Projeto), Futebol com meio de inclusão e ascensão social (O futebol como perspectiva de ascensão social e O futebol como meio de inclusão social e escolar), Inclusão Social e Escolar (Situações características de inclusão escolar e Situações características de inclusão social), A escola e o Projeto Esporte Social (A família, a escola, os alunos e o Projeto Esporte Social, A visão dos alunos do projeto sobre o

Projeto Esporte Social) e Exclusão social e escolar (Situações características de exclusão social e escolar e Diferenças sócio-culturais).

No oitavo capítulo da pesquisa, descrevo as considerações finais do estudo, bem como, sugestões para o “Projeto Esporte Social” sua relação para a construção de uma escola inclusiva, e finalizo com idéias de continuidade para uma nova pesquisa.

2 INCLUSÃO OU INTEGRAÇÃO ESCOLAR

2.1 Inclusão e integração no contexto escolar

Começo este capítulo apresentando uma breve reflexão sobre inclusão e integração escolar. Tomo como referência os estudos de Mantoan (2003), Araújo (1998) e Mittler (2003) para construir este diálogo.

Conforme Mantoan (2003), a integração escolar ocorre quando o aluno tem acesso à escola por meio de um leque de possibilidades educacionais, desde a inserção na sala de aula do ensino regular ao ensino em escolas especiais. Na integração escolar nem todos os alunos acompanham as turmas de ensino regular e nesse caso são indicados: individualização dos programas escolares, currículos adaptados, avaliações especiais e redução dos objetivos escolares. A escola não muda como um todo, mas os alunos têm de mudar para se adaptarem às suas exigências. O principal objetivo da integração é inserir um aluno ou um grupo de alunos que por algum motivo já foi excluído anteriormente. Conforme constata a autora:

[...] é sabido que os alunos que migram das escolas comuns para os serviços de educação especial muito raramente se deslocam para os menos segregados e, também raramente, retornam/ingressam às salas de aula do ensino regular (MANTOAN, 2003, p. 23).

Segundo a autora na perspectiva da integração os alunos que ingressam na escola é que devem se adaptar. A escola não muda, mesmo que estes alunos tenham características diferentes (sociais, físicas, de raça entre outras) do grande grupo de alunos, que já pertencem à escola.

Já a inclusão, para Mantoan (2003), não apenas questiona as políticas e a organização da educação especial e da regular, mas também o próprio conceito de integração. O objetivo da inclusão é não deixar ninguém fora do ensino regular,

desde o começo da vida escolar. A proposta das escolas inclusivas é organizar um sistema educacional que considere as necessidades de todos os alunos, e esse sistema é estruturado em função dessas necessidades. A inclusão implica numa mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiências e os que apresentam dificuldades para aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na escola.

Segundo a autora, as escolas deveriam mudar radicalmente a estrutura educacional que está proposta. Os currículos, matérias, avaliações deveriam vir ao encontro da realidade dos alunos. O trabalho das escolas é de transformação de uma proposta já instituída para uma renovação da cultura escolar, esta organizada de dentro da escola para fora, focada no seu principal objetivo, que é a formação social e cultural de seus alunos. Nesse aspecto o aluno faz parte do todo, sua cultura, seus conhecimentos são respeitados e reconhecidos.

Para Mittler (2003), a integração envolve preparar os alunos para serem colocados nas escolas regulares, o que implica num conceito de “prontidão”, para transferirem os alunos das escolas especiais para as escolas regulares. O aluno deve adaptar-se a escola, e não há necessariamente uma perspectiva de que a escola mudará para acomodar uma diversidade cada vez maior de alunos. A integração significa tornar as escolas regulares em escolas especiais através da transposição das melhores práticas, dos melhores professores e dos melhores equipamentos das escolas especiais para o sistema regular de ensino.

Segundo o autor dentro da escola regular abre-se um espaço para os alunos especiais, não acontece a transformação da escola e da comunidade escolar para a inserção destes novos colegas. Apenas, “acomoda-se” os alunos especiais dentro da escola regular.

Já a inclusão para o autor implica numa reforma das escolas em termos de currículo, avaliação, e formas de agrupamento dos alunos nas atividades de sala de aula. Ela é baseada em um sistema de valores que faz com que todos se sintam bem-vindos e celebra a diversidade. (MITTLER, 2003).

Conforme os autores Mittler e Mantoan, a inclusão escolar passa pela transformação da organização escolar vigente, para uma reorganização escolar voltada para o bem estar dos alunos, sejam eles ditos “normais” ou “diferentes”. A inclusão passa pelo bem estar de todos os alunos da comunidade escolar.

Nesta pesquisa, não estou tratando de necessidades especiais, entendidas como deficiências físicas ou mentais, mas de diferença sócio-econômico-cultural-étnica entre os alunos do Projeto e os alunos da escola, capaz de gerar dificuldades para a convivência e para a aprendizagem; logo, exige mecanismos de inclusão que promovem equidade respeitando diferenças, e permitindo à escola cumprir sua função social, isto é, promover a aprendizagem de todos com qualidade.

A respeito do tema qualidade de aprendizagem, Mantoan (2003), avaliando as propostas de ação educacional que visam à inclusão, encontra nas orientações dessas ações, dimensões éticas conservadoras, que continuam mais excluindo que incluindo alunos em suas instituições.

Nesse sentido, as escolas possuem seus próprios métodos de continuar assegurando as diferenças dentro das salas de aulas, promovendo a fragmentação do ensino em disciplinas, modalidades regular ou especial, seriações, classificações, e hierarquias de conhecimento. Apesar de respeitar o diferente, continua colocando barreiras para que esse não alcance o mesmo patamar dos demais.

Para modificar esta situação Mantoan (2003), pontua ser importante reconhecer as diferentes culturas, a pluralidade das manifestações intelectuais, sociais e afetivas. Para autora, precisamos construir uma nova ética escolar, que advém de uma consciência, ao mesmo tempo individual, social e até planetária.

Penso que o papel da escola é o de uma instituição socialmente responsável, não só pela democratização do acesso aos conteúdos culturais universais, mas também é responsável pelo desenvolvimento individual de todos os seus membros, objetivando que esses sejam inseridos como cidadãos autônomos e conscientes em uma sociedade plural e democrática.

Neste enfoque, Mittler trabalha com o conceito de diferenciação, que segundo ele:

[...] é o processo por meio do qual o planejamento e a forma como o conteúdo curricular é trabalhado em sala de aula levam em conta as diferenças individuais e combinam o que é ensinado e o modo como é ensinado aos estilos de aprendizagem e às necessidades individuais de cada estudante. Ela busca promover oportunidades para TODAS as crianças participarem das atividades e progredirem com relação ao currículo, através da construção sobre aquisições anteriores, apresentação de desafios para aquisições futuras e oferta de oportunidades para o sucesso (2003, p. 166, grifo do autor).

O autor propõe um currículo diferenciado que tenha tarefa, resultado, produção, resposta, recurso e apoio.

Essa proposta se distingue de todos os currículos, nos quais estou acostumado a trabalhar e que contemplam normalmente disciplinas estanques, separadas por conteúdos mais ou menos importantes, disciplinas não interligadas, onde os alunos devem ter conhecimento de todos os assuntos, não os diferenciando por competências ou habilidades, e sim, tratando-os alunos de forma homogênea, como se fossem gavetas para guardarem conhecimentos distintos.

A homogeneização leva facilmente à discriminação e ao preconceito, um professor que estabelece seus valores de forma rígida, definindo quem é “bom ou mau” estudante, assim como seus padrões de avaliações, que são baseados em seus próprios valores de vida. Nesse sentido o professor fica mais próximo de estabelecer discriminações e preconceitos, a alguns tipos de alunos e as ações realizadas por eles. Da mesma forma, podem acontecer estes preconceitos entre a direção da escola e alguns professores da instituição, no que tange a métodos e conteúdos ministrados por eles. Se quisermos uma escola mais democrática e inclusiva, precisamos criar um ambiente de trabalho que respeite a diversidade, a pluralidade de pensamentos, os sentimentos individuais, onde o que reitere seja a cooperação e o respeito mútuo (ARAÚJO, 1998).

Levando em consideração a idéia anterior, faz-se importante à valorização e qualificação permanente do professor. Uma escola que pretende ser inclusiva deve proporcionar e patrocinar oportunidades, para que seus profissionais possam se qualificar, e atender da melhor maneira possível seus alunos.

A forma como a escola esta estruturada hoje, com disciplinas, séries, conteúdos, avaliações, na visão de Bourdieu (1998), Araújo (1998), Mantoan (2003) e Mittler (2003), a torna excludente.

A respeito das avaliações utilizadas pelos professores nas escolas, Bourdieu (1998) é enfático, para ele, as avaliações reiteram as diferenças e as desigualdades entre os alunos. Para autor, a função social das avaliações é a de hierarquizar os indivíduos.

Em relação ao currículo, Bourdieu (1998), descreve que os professores transmitem sua mensagem igualmente para todos os alunos, como se todos tivessem os mesmos instrumentos de decodificação. Para o autor, os conteúdos

curriculares seriam selecionados em função dos conhecimentos, dos valores e dos interesses das classes dominantes.

Tratando-se do prestígio de cada disciplina, para Bourdieu (1998), estaria associado aos diferentes tipos de níveis sociais. Classificadas em: disciplinas “canônicas” (as mais valorizadas), cito matemática, química, física e português (relação com o Brasil); disciplinas secundárias, como história e geografia; e disciplinas marginais, como música, artes e educação física.

Quanto à classificação dos alunos, ao se relacionarem com a cultura, Bourdieu (1975), considera que existem os alunos que não têm capacidade, seja por dificuldades intelectuais ou de origem social. Há os alunos classificados como estudiosos, esforçados e aplicados, que buscam compensar sua distância em relação à cultura legítima através de muito esforço. Existe o grupo dos alunos brilhantes, talentosos, que atendem as exigências da escola de forma natural, na maioria das vezes, oriundos das classes dominantes.

Nogueira ; Nogueira (2002), contrapondo-se à análise de Bourdieu, reitera que o conteúdo escolar não pode ser, globalmente, definido como sendo uma característica cultural dominante arbitrária. Boa parte dos conhecimentos veiculados pela escola seria epistemologicamente válida e merecedora de ser transmitida. Para Nogueira e Nogueira o fato dos conteúdos do currículo escolar serem de domínio da classe dominante, não significa afirmar que sejam selecionados por esta classe social.

Outro fator determinado por Bourdieu, em relação à homogeneização das escolas, e sustentação das diferenças, é o fato das escolas e dos professores reproduzirem a cultura da classe dominante. Nogueira ; Nogueira contrapõe Bourdieu, descrevendo que existe uma diversidade interna no sistema de ensino, há escolas e professores diferenciados. Acontecendo variação no modo de organização das escolas, nos princípios pedagógicos, nos critérios de avaliação, nos currículos, disciplinas e outros.

Conforme Nogueira ; Nogueira (2002), as várias iniciativas que buscam promover uma aproximação mais respeitosa entre a cultura escolar e a cultura de origem dos alunos - organizando o ensino a partir dos conhecimentos anteriores trazidos pelos alunos, respeitando e valorizando os modos de fala e as tradições de cada grupo social, podem no mínimo, adiar o processo de eliminação ou auto-eliminação dos alunos.

Neste contexto para Mittler (2003) de uma escola com iniciativas inclusivas, descrevo dez pontos de partida citados pelo autor para a efetividade de uma escola com vistas a uma educação democrática e inclusiva.

São eles:

- Forte liderança positiva;
- Altas e conscientes expectativas de todos os alunos;
- Boa atmosfera, com objetivos e valores compartilhados, e bom ambiente físico;
- Foco claro e continuado sobre o ensino e a aprendizagem;
- Procedimentos bem desenvolvidos a fim de avaliar como os alunos estão progredindo;
- Responsabilidade compartilhada para apreender;
- Participação dos alunos na vida da escola;
- Recompensas e incentivos;
- Envolvimento familiar;
- Atividades extracurriculares que intensifiquem os interesses e as experiências dos alunos ampliando suas oportunidades para terem sucesso, e ajudem a construir relações consistentes com a escola.

Essas características são pontos de partida, para as escolas que pretendem ser inclusivas, e a partir destes movimentos, proporcionar um ambiente harmônico e equilibrado, para que todos seus alunos, possam atingir seus objetivos escolares e profissionais.

A escola deve tomar para si a responsabilidade de trabalhar a superação das deficiências circunstanciais das crianças que chegam em suas salas, respeitando as diversidades, e também buscando incluir os deficientes reais no contexto regular do ensino. A escola não deve ter “super-professores”, com conhecimentos aprofundados sobre todos os elementos constituintes da personalidade humana, além dos conteúdos específicos com que trabalham. Mas também não significa que a escola deva estar cercada por profissionais que atuem isoladamente sobre a natureza de cada um destes aspectos constituintes: o professor com a cognição, o psicólogo com a afetividade, o médico com o corpo e o assistente social com as relações sociais. (ARAÚJO, 1998).

Dessa forma, passa a ser importante para a escola o abandono do modelo no qual se almeja alunos homogêneos, tratando como iguais os diferentes. Deve

permear pela escola uma concepção que considere a diversidade tanto no âmbito do trabalho com os conteúdos escolares quanto das relações pessoais.

Compartilhando dos conceitos de Mittler, Nogueira ; Nogueira e Mantoan. O professor Araújo da UNICAMP, em seu artigo “O déficit cognitivo e a realidade brasileira”, descreve que a escola deve propiciar um ambiente cooperativo, pautado em princípios de auto-regulações pessoais e coletiva, com um local em que a opressão é reduzida o máximo possível e no qual se encontrem as condições que engendram a cooperação, o respeito mútuo, as atividades grupais que favorecem a reciprocidade. Também um lugar onde seus membros tenham à oportunidade constante de fazer escolhas, tomar decisões e expressar-se livremente. Segundo o autor, este ambiente escolar que para muitos é utópico, existe em muitas escolas. (1998).

Este ambiente, quando construído, permite a inserção de metodologias de trabalho em que os professores respeitam, em suas salas de aula, os ritmos de aprendizagens e de desenvolvimento de cada aluno (mesmo em situações difíceis). Estes devem estar conscientes de que a diversidade leva a trocas significativas do sujeito consigo mesmo e com o meio à sua volta (ARAÚJO, 1998).

No mesmo ponto de vista de Mittler e Nogueira ; Nogueira, ao procurar mudar a escola, e principalmente o ensino ministrado por ela, Mantoan (2003) aponta algumas tarefas fundamentais para escola mudar o paradigma vigente. São elas:

- Recriar o modelo educativo escolar tendo como eixo, o ensino para todos;
- Reorganizar pedagogicamente as escolas, abrindo espaços para que a cooperação, o diálogo, a solidariedade, a criatividade e o espírito crítico sejam exercitados nas escolas por professores, administradores, funcionários e alunos, porque são habilidades mínimas para o exercício da verdadeira cidadania;
- Garantir aos alunos tempo e liberdade para aprender, bem como um ensino que não segrega e que reprova a repetência;
- Formar, aprimorar continuamente e valorizar o professor, para que tenha condições e estímulo para ensinar a turma toda, sem exclusões e exceções.

Esses princípios ainda estão longe da nossa realidade, mas todos nós como educadores devemos buscar a educação de qualidade para todos, no sentido de ter como ideal uma sociedade na qual a diversidade seja mais norma do que exceção. O nosso desafio é estender essas propostas a um número cada vez maior de

crianças, jovens, escolas e comunidades, com o principal propósito de contribuir para a aprendizagem e o sucesso profissional de todos.

Conforme minha experiência de quase vinte anos como professor do ensino particular e técnico de futebol/futsal, compactuo da idéia, que para obter uma escola para todos, o esporte (futebol) e a Educação Física Escolar podem contribuir de maneira significativa para alcançarmos esses objetivos.

3 INCLUSÃO ATRAVÉS DO ESPORTE

3.1 Esporte como fator de inclusão social

Um dos principais documentos internacionais que influenciaram a reconceituação do esporte foi o Manifesto Mundial do Esporte de 1964, conforme Tubino (2001), editado pelo *Conseil Internationale d'Éducation Physique et Sport* (CIEPS), da UNESCO. Esse documento, segundo Tubino (2001), reconheceu que, além do esporte do rendimento, também havia um esporte na escola e um esporte do tempo livre, sendo um direito de todos.

Após esse documento, outros manifestos surgiram. Em 1978 a UNESCO publicou a Carta Internacional de Educação Física e Desportos consolidando a discussão internacional que ocorreria sobre o esporte, tornando a prática esportiva um direito para todos.

Com a ampliação do conceito de esporte um conjunto maior de aspectos socialmente relevantes passou a ser oferecido. Os significados sociais que passaram envolver o esporte segundo a UNESCO são os seguintes:

- Meio de socialização;
- Favorecer, através da atividade coletiva, o desenvolvimento da consciência comunitária;
- Uma atividade de prazer;
- Exercer uma função de coesão social;
- Desempenhar um papel de compensação, pelo prazer, contra o excesso de industrialização;
- Instrumento de equilíbrio social.

Seguindo nessa abordagem, Tubino (2001) coloca que o jogo na sua perspectiva sócio-cultural é uma atividade voluntária que tem sua execução dentro de limites de tempo e lugar com regras aceitas que devem ser seguidas, com um sentido de tensão e alegria. No jogo esportivo as condutas sociais dos participantes estarão orientadas na dependência da lógica interna de cada esporte.

Portanto, para o autor, internalizada numa modalidade de esporte, estará representada uma sociedade em miniatura, contendo intensas experiências de condutas e comunicações humanas, onde se apresentam problemas sociais com relação às percepções e decisões, situados nas interações do plano do poder, das iniciativas individuais com os sistemas de obrigações coletivas.

Segundo Tubino (2001), o esporte na escola pode ser um dos meios mais importantes de formação dos jovens. A prática esportiva, como educação social, será indispensável no desenvolvimento da personalidade e imponderável nos processos de emancipação. A dimensão social do esporte-participação com o princípio do prazer lúdico, como finalidade de bem-estar social dos seus praticantes tem relações íntimas com o lazer e o tempo livre.

Confirmando a idéia anterior, Parker (1978) em "A Sociologia do Lazer", ao realizar uma pesquisa nos Estados Unidos contemplando uma amostragem de 585 meninos que freqüentavam a escola e praticavam esportes, constata que tiveram melhor aproveitamento na aprendizagem do que os demais. O autor verificou também, que alunos de quem não se esperava sucesso nos estudos tiveram melhor desempenho quando se envolveram na prática do esporte.

Segundo Parker (1978), desenvolver a personalidade é uma das funções do lazer, portanto, ocorre uma harmonização dos objetivos do lazer com a educação, a perspectiva do lazer, deve ser vista não como o oposto ao trabalho e de tudo o que seja sério, mas como o seu colaborador.

Bagrit *apud* (Parker, 1978, p. 113), afirma que: "Todo o propósito do lazer é proporcionar as pessoas o ensejo de desenvolverem quaisquer talentos ou interesses que possam ter".

Continuando na mesma linha de pensamento Carlson (*apud* PARKER 1978), diz:

[...] os objetivos da recreação e da educação não são pólos separados, pois ambos trabalham em prol do enriquecimento vital das pessoas. A aprendizagem é mais rápida e duradoura se for agradável e satisfatório em

si mesma, e as melhores experiências educacionais aumentam uma natureza lúdica (1978, p. 112-113).

Conforme o autor podemos definir que, trabalhar a educação com ênfase no lúdico, teremos uma aprendizagem rápida e duradoura, pois o jovem aprende de uma forma agradável conteúdos e conceitos, que na maioria das vezes não lhes interessam.

O esporte tem o seu valor social ressaltado na participação e nas alianças ou parcerias desenvolvidas, assim fortalecendo os grupos e as comunidades, tornando-os ativos e com mais possibilidades de percepção do conceito de obrigação social, dessa forma tornam-se agentes do seu próprio destino.

O esporte, independente da modalidade, é considerado um meio de inclusão social. Através dele, várias pessoas, instituições públicas e privadas, que têm a consciência da necessidade da prática de exercícios físicos na vida de todos, tomaram a iniciativa de aproximar e incluir a rotina esportiva na vida das pessoas e crianças carentes.

O desporto futebol é o esporte com maior apelo popular no Brasil. Nesse sentido apresenta atrativos capazes de retirar jovens negros, mulatos e brancos da marginalidade, e abre possibilidades para que a juventude alcance uma perspectiva de vida. Essa perspectiva deve considerar a inclusão social, no sentido de gerar acesso à educação, saúde e segurança.

De acordo com o professor Gonçalves (2006), o futebol deve ser considerado, no ambiente escolar, como um esporte de inclusão social do negro e dos oriundos das classes populares, ou conscientização sobre a necessidade dessa inclusão.

Gonçalves (2006) acredita que através de trabalhos educativos e projetos sociais, voltados para a inclusão do negro brasileiro e dos provenientes das classes populares, estes projetos diminuiriam o processo histórico de racismo, instalado na sociedade brasileira.

O autor continua afirmando que, nesse contexto, os benefícios para inclusão social do negro e dos oriundos de classes populares poderiam ser viabilizados da seguinte forma:

- conscientização das crianças e adolescentes sobre a necessidade de promoção de igualdade social e racial;
- revelação de talentos esportivos que proporcionem ao negro e aos oriundos de classes populares a ocupação de espaços sociais de destaque;

- qualificação profissional.

O esporte em questão o futebol, torna-se um aliado, segundo o autor, para contribuir no relacionamento e no convívio social entre os alunos da escola e os meninos do projeto, pois o fato deles jogarem em clubes de elite do futebol brasileiro, e possuírem habilidades técnicas, que se destacam em relação aos seus colegas, fazem com que estes fatores, sejam admirados e respeitados por grande parte da comunidade escolar.

Vários são os programas, tanto particulares, quanto públicos e governamentais, que buscam incluir socialmente crianças menos privilegiadas, através do esporte. No próximo segmento do estudo, vou exemplificar alguns destes programas.

3.2 Exemplos de programas de inclusão através do esporte

Nos exemplos que irei citar sobre programas de inclusão social através do esporte, no que diz respeito à discussão entre o que é inclusão ou integração social, não entrarei no mérito da discussão. Apenas vou descrevê-los, para demonstrar iniciativas que são feitas através do esporte (futebol), de pessoas vinculadas a este desporto e outros programas sociais de cunho esportivo, que têm como iniciativa a formação para cidadania, de crianças, jovens e adultos.

Segundo o site www.planalto.gov.br, acessado em 11/10/07, os programas do Ministério do Esporte e Turismo, criado em 1999, observa-se que prática desportiva é estimulada, a partir do potencial integrador e formativo, trabalhando dimensão da expressão humana, que é a ludicidade, podendo dar uma contribuição fundamental para o processo educacional e para a melhora de qualidade de vida do cidadão. Os programas governamentais criados para esse fim são:

- Esporte na Escola;
- Esporte Solidário;
- Esporte Direito de Todos.

O Programa Esporte na Escola, criado em 2001, foi concebido para democratizar o acesso à prática esportiva como instrumento educacional, visando o desenvolvimento integral das crianças e dos adolescentes. Esse programa atenderá, segundo o governo, nos próximos doze anos, a 36 milhões de alunos das

escolas públicas de ensino fundamental, implantando em torno de cem mil núcleos de esporte naqueles estabelecimentos de ensino. O principal objetivo do programa é a utilização do esporte escolar como ação preventiva de distorções sociais, favorecendo a permanência do aluno na escola, através do interesse pelo esporte, Esse programa já conta com 25 mil escolas cadastradas.

O Programa Solidário desenvolve ações em regiões de reconhecida carência, voltadas para a diminuição das situações de exclusão e risco social, por meio da intensificação da prática esportiva. O programa utiliza o esporte como instrumento de apoio ao processo de desenvolvimento integral das crianças, adolescentes e jovens na faixa etária de sete a vinte e quatro anos. Alguns objetivos do programa são o de valorizar as técnicas de saúde preventiva, inculcar valores éticos e resgatar culturas esportivas locais. Esse programa começou em 1996, com 47 núcleos esportivos em funcionamento. No ano de 1999, o projeto já abrange 26 estados, e 239 mil pessoas são atendidas em 857 núcleos. Em relação à infra-estrutura, foram disponibilizados 2.775 espaços esportivos.

O Programa Esporte Direito de Todos desenvolve ações voltadas para re-inserção social, através da intensificação da prática esportiva em segmentos específicos da sociedade, e para o incentivo às manifestações esportivo-culturais. O programa utiliza o esporte como instrumento fundamental no auxílio aos idosos, aos portadores de necessidades especiais e as crianças e jovens, de 12 a 15 anos, regularmente matriculados na rede de ensino, através da implantação e funcionamento de núcleos de esporte. O projeto teve início em 1999 em um estado abrangendo 570 pessoas. Em 2001, foram programados quatro eventos esportivos em quatro estados distintos, abrangendo 7.100 pessoas, com destaque para os Jogos dos Povos Indígenas.

Também as iniciativas privadas colaboram para o desenvolvimento da inclusão social através do esporte. Casos como o Instituto Bola Pra Frente dos tetracampeões Jorginho e Bebeto. O projeto tem como princípio que “qualquer pessoa pode vencer na vida, bastando ter apoio necessário e força de vontade”, o Instituto se estabeleceu no bairro de Guadalupe no Rio de Janeiro e já atende cerca de 700 crianças.

O principal objetivo do projeto é tirar a criança da rua e a rua da criança. Por meio de uma metodologia vitoriosa que une esporte e educação, buscando atrair crianças e jovens que vivem em condições de risco social e oferecer condições para

um futuro melhor, resgatando seus valores e ampliando suas oportunidades através da educação, da cultura e qualificação profissional.

O projeto oferece de forma gratuita a prática de várias modalidades esportivas, apoio pedagógico, preparação para o mercado de trabalho, aulas de informática, palestras e atividades culturais, além de atendimento por especialistas nas áreas de psicologia, psicopedagogia, serviço social, odontologia e enfermagem, buscando oferecer condições reais para um futuro melhor, segundo seus criadores.

O Instituto Bola Pra Frente ainda não divulgou dados, nem resultados dos seus trabalhos. Parece ser importante a divulgação de mais detalhes sobre o projeto, mas fica o exemplo de solidariedade dos idealizadores do projeto.

Mais um caso onde a política privada atende crianças e adolescentes através do esporte, segundo dissertação de mestrado Vargas (2007), é o Projeto Esporte Clube Cidadão, coordenado pela ACM Vila Restinga e o Instituto Dunga de Desenvolvimento do Cidadão (IDDC). Esse projeto fica localizado no estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre.

O trabalho iniciou seus atendimentos em 2002, atendendo 370 crianças por dia, com atividades complementares com objetivo de desenvolvimento integral das crianças e adolescentes nas áreas de educação física, artes, pedagogia e serviço social. O Projeto Esporte Clube Cidadão a ACM e o IDDC buscam inserir socialmente crianças e jovens em situação de risco, formar indivíduos conscientes, produtivos e construtores da cidadania.

Outra iniciativa importante no Rio Grande do Sul, que desenvolve um trabalho nos moldes do IDDC, é o Instituto Ronaldinho Gaúcho, que através de uma parceria com a Prefeitura de Porto Alegre e seu programa de Governança Solidária Local, está promovendo atendimento de 270 crianças da rede pública municipal da capital gaúcha. A parceria visa, através de esforço integrado de várias secretarias municipais, a inclusão social de crianças, jovens e adultos.

O Instituto está localizado em uma área de doze hectares na zona Sul de Porto Alegre, sendo que 4,7 hectares estão destinados à preservação ambiental. No local são oferecidas atividades esportivas como futebol, futsal, natação, vôlei, basquete, xadrez, entre outras modalidades. O Instituto também promove cursos de dança, cinema, artes visuais, música, teatro, estilismo, moda, estética, histórias em quadrinhos, educação ambiental e inclusão digital.

Nos planos do Instituto estão serviços de assistência médica, odontológica, social e nutricional, como também acompanhamento à família de cada aluno. O intuito do projeto é tirar centenas de crianças de Porto Alegre das drogas e da violência, dando-lhes uma perspectiva de futuro e esperança.

Muitos são os exemplos de projetos públicos, de instituições privadas e de iniciativas pessoais, de incentivo ao esporte para beneficiar jovens e crianças carentes. Dentro destas iniciativas pessoais, cito os casos como o da Escolinha Onze Estrelas que funciona em Aracajú, coordenado pelo sr. Osmar Lisboa e atende 206 crianças e adolescentes entre oito a dezoito anos.

E também o projeto do casal Antonio Carlos e Terezinha Santos, em Aracajú, no Bairro do Lamarão atendendo a 80 crianças, tantas outras iniciativas de origem pessoal, que têm como objetivo principal proporcionar um futuro melhor para crianças e adolescentes das classes populares.

Os exemplos citados acima demonstram a importância do esporte para as instituições públicas, iniciativas privadas e particulares, no que diz respeito à inclusão social e formação para cidadania através da prática esportiva. Os resultados desses programas ainda não foram divulgados pelas instituições, configurando um campo rico para a compreensão e estudo.

Para finalizar os exemplos cito o Colégio Israelita Brasileiro incluindo-se nesse contexto através do “Projeto Esporte Social”, pretendendo através deste, e de outras iniciativas tornar-se uma escola inclusiva.

Na minha opinião, o futebol é socialmente relevante pelos efeitos emocionais e culturais que exerce sobre a sociedade, pois tem como objetivo a vitória sobre o adversário. Ele é praticado pelos chamados talentos esportivos, propiciando espetáculos desportivos, onde podem ocorrer possibilidades sociais positivas e negativas. Vários são os aspectos que atraem milhares de pessoas a praticar ou assistir futebol, principalmente no Brasil, onde esse esporte já está institucionalizado na cultura popular.

3.3 A importância sócio-cultural do futebol para sociedade brasileira

Outro fator relevante para a pesquisa é a importância sócio-cultural do futebol para sociedade brasileira. Seguindo o que observo é um fator determinante na

aceitação dos alunos negros, atletas e oriundos de classes populares, dentro do Colégio Israelita Brasileiro, com sua população composta por maioria de crianças e adolescentes brancos de bom nível econômico. A minha afirmação parte da experiência de trabalhar com equipes de futebol, e ter jogado futebol durante 14 anos em escolas e clubes. Um dos argumentos para o respeito com os meninos, acontece pelo fator subjetivo (Imaginário) - que esses meninos atletas - transmitem para seus colegas - por serem futuros jogadores de futebol de equipes importantes, e por terem um talento com a bola, que muitos desejariam ter.

O futebol mexe com o imaginário das pessoas, pois quem quando menino nunca sonhou em ser jogador de futebol, ganhar muito dinheiro, ajudar a família, ter fama, carros importados e mansões? São esses e outros desejos que movem milhares de crianças a procurar a carreira de jogador de futebol. Hoje em dia, a ascensão social por meio do futebol é um objetivo de muitas famílias brasileiras.

Um fato relevante que alterou esta perspectiva de futuro profissional foi que não só meninos negros, de classes populares estão procurando a fama e a riqueza através do futebol profissional, meninos de classe média e alta também estão fazendo do futebol uma opção para o futuro. Muitas vezes estimulados pelos pais, amigos e principalmente influenciados pela mídia, que sugere uma possibilidade de profissão promissora.

A experiência e a cultura do futebol, que esses meninos do projeto levam para escola é outro fator que os diferencia nas relações, pois esse aprendizado no clube, com outros jogadores, diretores, treinadores, torcedores, adversários, lhes dá uma bagagem social e cultural que os difere dos outros alunos que freqüentam a escola, que muitas vezes apenas se relacionam com os jovens da própria comunidade. Essa bagagem social e cultural de conviver com diversas pessoas, que o futebol possibilita, faz com que estes meninos aprendam se portar em diferentes ambientes.

Segundo Massolo (2002), existe um preconceito bem forte e arraigado no campo intelectual, influenciado pelo discurso da inteligência, que diz que o futebol é atividade ligada a alienação, colocado no centro do populismo que bloqueia qualquer possibilidade de tomada de consciência de classe. Para a inteligência o futebol ainda é o ópio do povo, ou vinte dois homens correndo atrás de uma bola; não entendem segundo o autor o fascínio por esse esporte e a cultura que gira ao seu redor. O magnetismo do futebol atravessa barreiras, ele é cultuado e admirado

em qualquer parte do planeta, basta observar como as pessoas se comportam em época de Copa do Mundo.

Pretendo neste capítulo discutir, analisar o papel e a importância desse esporte para a sociedade, através de autores como Damo, Da Matta, Giullianotti, Rinke, entre outros.

O futebol encanta a humanidade com sua forma particular de jogar. O futebol é um esporte universal acessível a todos, pois não precisa de luxo nem muitos acessórios, suas regras são simples tornando-se um desporto fácil para ser praticado. Pode ser jogado em um simples pedaço de terra, ou numa calçada, praça, asfalto ou rua. As goleiras podem ser demarcadas por chinelos, pedras ou garrafas (GIULLIANOTTI, 2002, p. 8).

Segundo Rinke (2007), o campeonato mundial de 2006 de futebol mostrou que este esporte é um dos grandes temas no nosso tempo. Para o autor o futebol é muito mais que uma habilidade corporal ou um treinamento: o futebol é um enorme fato econômico, configura estilos de vida e têm relevância política desde o início dos tempos. Aos olhos de muitos aficionados é a última paixão verdadeira. O futebol seguramente é um dos mecanismos de mobilização social mais eficazes dos nossos dias.

Para ratificar a importância do futebol, Rinke (2007) aponta que esta paixão pelo esporte tem sido investigada em muitos trabalhos por historiadores e sociólogos como Huinzinga (2001), Elias e Dunning (1986) e Pierre Bourdieu (1986). Esses estudos se remetem a quatro fatores fundamentais para justificar a paixão pelo futebol:

- Sua facilidade: o futebol pode se jogar em qualquer lugar, não é necessário um equipamento caro, apenas uma bola. As regras do jogo em geral são fáceis, e todos podem entender sem maiores problemas.
- Sua ênfase está no corpo: com isso se faz referência a determinadas imagens e ideais masculinos.
- O entusiasmo e a emoção que provoca: isto se expressa sobre tudo pela vivência do povo, na qual pode ser interpretada como uma vivência de comunidade. Ao mesmo tempo, o futebol, é um espetáculo, e serve de válvula de escape para o excesso de agressividade.
- Seu caráter de ritual: através das repetições semanais das partidas, o “compromisso” de ir aos estádios para torcer pelo seu time, o ritmo anual dos torneios, os cantos, as vestimentas, os movimentos coletivos das torcidas, têm grande poder de fascinação.

Esses aspectos, que vale para boa parte do mundo, se observa com mais intensidade na América Latina.

Conforme Rinke (2007), o futebol é muito mais que a prática de um jogo, é muito mais que um produto que se consome. O futebol é um espetáculo sobre o qual se pensa muito e também se discute bastante. A América Latina é vista por países desenvolvidos como um continente pobre, e o futebol passa ser um dos poucos artigos de exportação para esses países. Esse esporte latino-americano, muito mais que na Europa, é uma fonte de identidade de nível regional, nacional e continental, servindo de forte inspiração para produções artísticas e culturais.

O Brasil é um dos países da América Latina, que melhor sabe expressar esses sentimentos de paixão e frustração. Através da cultura do futebol revelamos hábitos e costumes, e principalmente as identidades.

Para Da Matta (1982), é fundamental que se visualize o futebol além do seu caráter funcional, pois só desta maneira, torna-se possível compreender a função política e social deste esporte que acaba trazendo à tona várias tensões sociais. Para o autor o jogo de futebol é um momento claramente demarcado da vida em sociedade, o que permite ao futebol veicular muitos problemas fundamentais e, não obstante ser apenas um jogo, sendo esse um ponto central na importância das atividades esportivas para as sociedades modernas.

Seguindo esta linha de pensamento, o homem brasileiro comporta-se na vida como num jogo de futebol, com chances de ganhar ou perder - e às vezes empatar - tendo que se defrontar com adversários, tendo que respeitar certas regras, mantendo respeito por uma autoridade (juiz), jogando dentro de um tempo e de um espaço, marcando e sofrendo gols, fazendo jogadas de categoria e cometendo erros fatais. Após uma derrota, sempre a chance de se recuperar no próximo jogo.

O futebol é uma forma que boa parte da sociedade brasileira encontrou para se expressar. É uma maneira do homem extravasar emoções profundas, tais como paixão, ódio, felicidade, tristeza, prazer, dor, fidelidade, coragem, fraqueza e muitas outras.

O brasileiro foi um dos povos que mais incorporou a cultura futebolística no seu dia a dia. Milan traduz essa idéia em suas palavras:

Sentir-se, por exemplo, querido ou cobiçado, garante que o outro lhe deu bola". Se tiver enganado o opositor, vangloria-se com o verbo "driblar". Tendo se enganado, confessa que "pisou na bola". Se excluído de atividade ou grupo, está "fora da jogada". Se em dificuldade, mas com intenção de

vencer, “vai derrubar a barreira” e ele então chama “bola pra frente”. Caso, no entanto, abrir mão da luta, anuncia que “tira o time de campo”. Ameaça aposentar-se “pendurando as chuteiras”, seja do homem ou da mulher. (1989, p. 5).

Outro significado importante para exemplificar o dia a dia do futebol (e sua relação com a comunidade do Colégio Israelita e o os meninos do projeto), é o que Damo (2005) chama de “clubismo” e “pertencimento”.

O clubismo futebolístico, segundo Damo (2005), é um sistema que dá suporte à produção e circulação de emoções a partir da adesão do indivíduo (torcedor) a uma dada agremiação (clube de futebol). A adesão que se observa no Brasil e em muitos países ocidentais, tem como uma de suas peculiaridades o fato de ser única e imutável, ao inverso da tendência dos vínculos sociais moderno – mutáveis, fragmentados.

Para o autor o pertencimento é herdado, salvo raras exceções, da parentela masculina sangüínea (avô, pai, tio, irmão), ou de amigos tão próximos que, do ponto de vista afetivo, são significados como parte da família – razão pela qual chamamos de “os clubes do coração”.

Conforme Damo (2005 p. 50),

O clube é uma entidade sagrada: por representar a coletividade; por ser o elo temporal entre o passado, presente e futuro; por espelhar pertencimentos extra-futebolísticos e, sobretudo, por ser uma projeção, no indivíduo, dos afetos familiares. Para o autor, torcer por um clube de futebol é a chave para entrar no universo dominado pelo movimento e pela prática corporal, requisitos indispensáveis para qualquer esporte. O domínio dos códigos do futebol possibilita ao indivíduo ter acesso a certas discussões que ocorrem sobre o tema, garantindo momentos de intensa sociabilidade.

Conceitos descritos anteriormente podem justificar a hipótese de que os meninos negros atletas de futebol, de classes populares do “Projeto Esporte Social”, possam ter menos dificuldade de serem aceitos socialmente, pela comunidade do Colégio Israelita Brasileiro, de maioria branca e classe social privilegiada.

Os meninos selecionados pelo projeto possuem uma aptidão e um talento para o esporte mais popular e cobiçado do Brasil. Além disso, eles jogam nos dois clubes mais famosos do nosso estado. Esse fato mexe com o comportamento da maioria dos colegas, pois ao seu lado pode estar um jovem com potencial de alcançar o sonho de muitos brasileiros: ser jogador profissional de um grande clube do futebol brasileiro.

Mesmo com toda a aptidão e o talento para o futebol desses garotos, eles estão sujeitos a episódios de discriminação e exclusão no âmbito social e escolar.

4 EXCLUSÃO SOCIAL - ESCOLAR E DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Neste capítulo faz-se necessário rever concepções de discriminação racial, exclusão social e escolar, procurando localizar como a escola está contribuindo para o processo de inclusão dos atletas negros e oriundos de classes populares.

4.1 Exclusão social

Para Bulla (2004) o termo exclusão é considerado como um fenômeno social, buscando sua origem nos princípios do funcionamento das sociedades modernas, onde os processos de urbanização desordenada, a inadaptação, a padronização escolar, e a pouca mobilidade profissional causam a desigualdade de renda e o pouco ou nenhum acesso aos bens materiais.

Segundo o autor, a exclusão se manifesta pela perda do lugar conquistado com responsabilidade pública social e pela discriminação quando não respeitado o direito à diferença. A idéia de exclusão social se constitui no contraponto da concepção de universalidade e dos direitos sociais, configura-se como negação da cidadania.

Para Bulla (2004), os excluídos não são apenas os rejeitados fisicamente, geograficamente ou materialmente; são também aqueles cujos valores não são reconhecidos socialmente, logo são excluídos culturalmente.

4.2 Exclusão escolar

No que diz respeito à exclusão escolar tomo como referência o sociólogo Bourdieu, e alguns exemplos de sua teoria que analisam a exclusão escolar. Também neste espaço do trabalho, faço um contraponto com o sociólogo Bernard Charlot, mostrando que existe outra perspectiva, que também deve ser considerada, no que diz respeito as características e ações da sociedade e instituições escolares.

Conforme Bourdieu (1998), a escola exclui de forma sutil e um dos conceitos predominantes de exclusão denominados pelo autor é o do capital cultural¹.

Para Bourdieu (1998), cada família transmite para seus filhos, mais por vias indiretas do que diretas, um certo capital cultural, e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural é a responsável pela diferença dos alunos diante da experiência escolar e, conseqüentemente, das taxas de êxito.

Contrapondo o discurso de Bourdieu, o sociólogo Charlot (2000), descreve que a posição dos filhos não é herdada, à maneira de um bem que passasse de uma geração para outra por uma vontade testamental; ela é produzida por um conjunto de práticas familiares: as dos pais (que supervisionam os temas de casa, acompanham seus filhos em eventos, etc.) e as dos filhos (que não basta ser herdeiro, é preciso trabalhar e esforçar-se muito). O sucesso na escola, para o autor, não é questão de capital, mas do trabalho, mais especificamente das atividades práticas.

Numa perspectiva sociológica, Bourdieu (1998) atribuiu a diferenciação dos alunos na escola, aos alunos “bem nascidos”, esses recebem da família exemplos e conselhos capazes de ampará-los em casos de incertezas, e essas famílias também têm condições de colocar seus filhos em bons estabelecimentos de ensino. Já os procedentes de famílias mais desprovidas, são obrigados a se submeter às

¹ Capital cultural é o conjunto de prioridades adquiridas pelo indivíduo, que segundo a teoria do autor, identifica-se sob a forma de conhecimentos e habilidades adquiridos na família ou na escola. Partindo deste conceito às crianças nascidas em famílias de melhor condição financeira, levam vantagem na disputa escolar com as crianças oriundas de famílias carentes. (1998, p. 50).

injunções das instituições escolares públicas, não raramente apresentando condições inferiores de educação.

Na mesma linha de pensamento de Bourdieu, o escritor Mittler (2003), afirma que as crianças que pertencem às famílias que vivem na pobreza tendem a se beneficiar menos da escolarização do que aquelas que são oriundas das famílias com melhores recursos. O autor justifica esta consideração, principalmente pelos antecedentes sociais e familiares, e também pelos processos de escolarização que afetam à aprendizagem.

Segundo Bourdieu, muitas vezes são as próprias famílias das classes populares que reproduzem esta estratificação, fato observado nas escolas públicas, admitindo sua incapacidade e a de seus filhos como um fator quase que hereditário, limitando suas aspirações e desejos com frases como: “isso não é para nós” ou “não temos meios para isso”, “professora, ele não aprende mesmo, é fraco das idéias”, expressões de inferioridade que ratificam as diferenças na escola, tanto social como cultural.

Mas, para Bourdieu (1998), nas camadas menos privilegiadas da população, existe uma parcela que alimenta um desejo razoável de ascensão social através da escola, mesmo que as chances objetivas sejam ínfimas, estes ignoram completamente as estatísticas que apontam, que um filho de operário tem duas chances em cem de chegar ao ensino superior. Para o autor, este comportamento ocorre, pela estimativa empírica dessas esperanças objetivas, comuns a todos os indivíduos dessa categoria social.

A opinião de Charlot (2000), é diferente, para o autor duas crianças que pertencem à mesma família, podem obter resultados escolares diferentes. A criança, para o autor, não é apenas filho ou filha de [...]. A criança ocupa uma certa posição na sociedade. Essa posição tem a ver com a dos pais, mas não se resume a ela, depende muito do conjunto de relações que a criança mantém com jovens e adultos. A posição da própria criança se constrói ao longo de sua história.

Charlot acredita que é importante distinguir posição objetiva e a posição subjetiva. A noção de posição nos leva à de lugar, mas também à de postura. O lugar objetivo é o que pode ser descrito de fora, aceito, recusado, sentido como insuportável. Pode-se também ocupar outro lugar na mente (subjetivo), este pode ter uma posição imaginária, e não de aceitar a posição social que esta designada aos seus pais.

O fato dos alunos do “Projeto Esporte Social” freqüentarem uma escola reconhecida de bom nível no meio educacional, possibilita que as famílias desses alunos alimentem a esperança de ascensão social, não só pelo esporte (futebol), mas também através da escola. Pois, ao pertencerem a uma escola diferenciada, e terem uma certa posição no meio em que convivem (clube de futebol), são fatores que contribuem para que meninos possam ter uma posição imaginária diferenciada, almejando um sucesso futuro.

Bourdieu (1998), ao descrever que as transformações das relações entre as diferentes classes sociais e o sistema de ensino, com a explosão escolar (do tipo escola para todos) e todas as suas conseqüências, como a transformação das relações entre os diplomas e os cargos. Fez com que as classes dominantes buscassem valorizar seus diplomas, muitas vezes pela instituição em que eles são obtidos, para assegurar a diferença de cargos entre as classes sociais no mercado de trabalho.

Para o autor é claro que não se pode fazer com que as crianças, provenientes das famílias mais desprovidas economicamente e culturalmente, tenham acesso aos diferentes níveis escolares, em particular, aos mais elevados, sem modificar profundamente o valor econômico e simbólico dos diplomas.

Nessa visão, quanto mais importante é a instituição educacional onde o aluno alcançou o diploma, maior é a possibilidade desse alcançar melhores empregos no mercado.

Discordando da opinião de Bourdieu, Nogueira ; Nogueira (2002), seguindo a mesma linha de Charlot, mostrando outra dimensão dos fatos, descreve que Bourdieu faz uma análise das relações entre as classes num plano macrossocial. Para Nogueira ; Nogueira, esta análise não pode ser transposta para um plano microssociológico, pois existem diferenças no modo de cada escola e cada professor participar deste processo de reprodução social. Essas diferenças são fundamentais no contexto social.

Na observação que faço do Colégio Israelita Brasileiro, vejo esta instituição com iniciativas de fazer parte do plano microssociológico, das escolas que pretendem se diferenciar do contexto atual. A instituição é reconhecida como uma escola de ponta (aprovação em massa no vestibular e primeiro lugar no ENEM no ano de 2006), e o aluno que consegue diplomar-se neste Colégio é visto com bons olhos na concorrência por uma vaga no mercado de trabalho. Apesar desses fatos,

a instituição está preocupada em contribuir para o sucesso de alunos que diferem da maioria que freqüentam suas classes. Como exemplos dessas preocupações posso citar o “Projeto Esporte Social”, o grupo de estudos “Dificuldades de Aprendizagem e Inclusão”, entre outras iniciativas com alunos que apresentam características diferenciadas do conjunto.

4.3 Discriminação racial

O objetivo neste segmento é trazer à superfície a realidade desconhecida por grande parte da sociedade, o problema do racismo oculto, outras vezes explícito, que permeia nosso quadro social e, conseqüentemente, o futebol e a escola.

O fato de ser negro e descendente de classes populares são características dos meninos participantes do “Projeto Esporte Social”, as quais pretendo conceituar neste espaço do trabalho.

Para realizar essa imersão no contexto específico do estudo resgato alguns elementos do debate sobre raça, discriminação e etnia.

4.3.1 Teoria raciais

Para Scharwarcz (1993), a discussão sobre a questão racial surge no Brasil com mais fervor no final do século XIX, tendo como referência as teorias raciais do continente europeu. O Brasil se tornou alvo da curiosidade dos naturalistas estrangeiros, que buscavam exemplares únicos da flora e da fauna local. Nosso país virou uma espécie de laboratório humano vivo. Um fenômeno chamava atenção dos cientistas, “o espetáculo da miscigenação”, que se constituía na mistura de grupos humanos diferentes.

Duas teorias raciais destacaram – se: de um lado, congregados em torno das sociedades de etnologia, os “evolucionistas sociais”, adeptos do monogéismo e da visão unitária da humanidade. De outro lado, filiados a centros de antropologia, pesquisadores “darwinistas sociais”, fiéis ao modelo poligenista e à noção de que os homens estariam divididos em espécies essencialmente diversas.

No Brasil do final do século XIX, o tema racial esteve muito presente nas faculdades de Direito e Medicina. Estas trouxeram para si a tarefa de discutir e interpretar os conceitos, que levavam ao destino do progresso da nação brasileira. Os cientistas brasileiros eram adeptos dos modelos poligenistas de análise das raças, com forte influência eugênica. Nesse contexto as teorias raciais se apresentavam num modelo teórico, cujas características apoiavam-se na cultura dominante (branca e masculina).

Conforme Scharwarcz (1993), não foram só as teorias sociais que diferenciavam o negro do branco. As teorias médicas como a de Nina Rodrigues, que afirmava a inferioridade da raça negra, sem nenhuma dúvida científica, considerando impossível e desprezível a idéia de que representantes das raças inferiores pudessem atingir, através da inteligência, o elevado grau a que chegaram as raças superiores. Para o autor, essas teorias também colaboraram para afirmar este estigma.

Outros conceitos continuavam a ser desenvolvidos neste período, conforme sintetiza Lacerda: “A mistura das raças heterogêneas era sempre um erro, e levava à degeneração não só do indivíduo como de toda a coletividade” (*apud* SCHWARCZ, 1992, p. 179).

Na mesma perspectiva discriminatória Agassis se referiu às pessoas que viviam no Brasil da seguinte maneira: “Quem duvide dos males da mistura das raças venha ao Brasil e descobrirá um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental”. (*apud* SCHWARCZ, 1992, p. 178).

Contribuindo na mesma visão dos pesquisadores anteriores, Nina Rodrigues descreve que: “Não pode ser admissível em absoluto à igualdade de direitos sem que haja ao mesmo tempo pelo menos a igualdade na evolução”. (*apud* SCHWARCZ, 1992, p. 186).

Com todas estas influências o conceito de “raça” segundo Schwarcz (1993), além de sua definição biológica (cor da pele, tamanho de crânio entre outros), acabou recebendo uma interpretação social também. O termo “raça” para a autora, antes de aparecer como um conceito fechado, fixo e natural, é entendido como um objeto de conhecimento cujo significado estava sendo constantemente renegociado e experimentado. Dessa forma o conceito de “raça” escapa de uma visão apenas biológica e adentra em questões de cunho político cultural.

A discriminação racial com os negros brasileiros, independente das características próprias de cada grupo, está implantada na sociedade, pela classe dominante (branca e masculina) desde os primórdios, mostrando situações ambivalentes, ora denunciando formas de violência, outras vezes reforçando processos de exclusão.

Diversos tipos de discriminação permeiam a cultura brasileira, refletindo também no futebol e na escola. Desde a chegada dos primeiros negros ao Brasil para trabalhar nas lavouras de cana de açúcar, foram vistos como seres inferiores. Trazidos para o trabalho escravo, tinham muitos deveres, nenhum direito, e muitas vezes eram submissos aos homens brancos. Por estes e outros motivos, que muitos negros, neste período, revoltaram-se e criaram os quilombos para formar uma nova sociedade.

Segundo Pereira ; White (2001), apesar da disseminação da ideologia da “democracia racial”, (tese que abordava, através da distância social no Brasil, o problema das diferenças de classe, bem mais do que os preconceitos de cor e raça) esta proposição revela, os esforços das elites para ampliar sua influência e a exclusão de outros segmentos da sociedade brasileira. Para os autores esses argumentos favorecem o estabelecimento de uma sociedade tensa, que prega um discurso democrático e pratica os mais diferentes tipos de discriminação.

O “mito da democracia racial” foi uma distorção – deliberada ou involuntária – do real padrão das relações raciais no Brasil. Este mito foi usado como um expediente pelas classes dominantes brancas (das quais Gilberto Freire e outros intelectuais de sua geração foram porta vozes) para mascarar a opressiva realidade das relações raciais (VIOTTI DA COSTA, 1975).

Conforme Pereira ; White (2001), é preciso levar em conta o fato de que a sociedade brasileira reformula continuamente idéias que contribuem para dar novas dinâmicas ao processo de discriminação.

Segundo os autores a orientação ideológica dos “Abeces dos Negros” (tradição popular), indica uma visão de mundo (desde a época da colonização) que sustenta a supremacia do grupo dominante de brancos, com apoio da Igreja e do estado, sobre os negros. Para os autores os “Abeces” não são chistes inocentes, eles criam significados psicológicos e sociológicos com intuito de desqualificar o outro e criar um discurso de dominação.

Conforme os autores os “Abeces” mais atuais ainda continuam a estabelecer um racismo baseado em aspectos morais e intelectuais negativos. Isso significa que a sociedade em seu cotidiano ainda mantém uma predisposição desfavorável no tocante aos negros. O futebol e a escola sendo “instituições” em nosso país, não poderiam escapar destas agruras.

4.3.2 Teorias da etnicidade

A etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores. (POUTIGNAT ; FERNART-STREIFF, 1998).

A existência e a realidade de um grupo étnico são atestadas pelo fato de que ele próprio se designa e é designado pelos outros por intermédio de um nome específico. A identidade étnica, nunca se define de maneira puramente endógena (como eu me vejo), mas também de maneira exógena (como os outros me vêem). Esse eixo se caracteriza por ser discriminador, pois é visto sempre pela visão do mais forte, denominando o mais fraco da maneira que lhe interessa.

O conceito de “etnia” para Barth (*apud* POUTIGNATE ; FERNART-STREIFF, 1998) se caracteriza por:

- Uma população que se perpetua biologicamente de modo amplo;
- Compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade - nas formas culturais;
- Constitui um campo de comunicação e interação;
- Possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo.

A identidade étnica aparece, inicialmente através de um rótulo étnico entre outros meios possíveis de identificação das pessoas. A etnicidade pode ser realçada por meio de signos visíveis (comportamentais, vestuário, etc.) que podem ser mobilizados e selecionados para caracterizar um grupo social. (POUTIGNAT, 1998).

As fronteiras étnicas não representam barreiras, pois mesmo nas sociedades em que elas assumem a forma de barreira racial, os mecanismos institucionais de

controle nunca chegam a impedir que um determinado número de indivíduos a transponham, como os casos da escola e do futebol no Brasil e no mundo.

Os meninos do “Projeto Esporte Social” possuem características diferentes de seus colegas. Ser atleta, negro ou pertencer a classe popular, são “signos” que os identificam no contexto escolar.

Para Bourdieu (1996), “*habitus*” designa as capacidades inventivas e criativas dos agentes sociais. Significa as disposições carregadas pelos atores nas suas trajetórias de vida, nos corpos, sendo também estruturas, incorporadas pelos agentes em cada campo da vida social. É a capacidade do indivíduo para atuar como agente da estrutura social, como criador e não apenas simples reprodutor das estruturas dadas.

Fazendo a relação com os atletas do projeto, entendo que a formação do jogador de futebol é a construção do seu *habitus*. Na sua formação são incorporadas estruturas como: estratégias, técnicas, táticas, modelos de agir, esquemas de jogo entre outros.

Para Rodrigues (2003), a aprendizagem do jogador compreende um *habitus*, um capital com o qual ele joga, toma decisões, mantém relações com seus colegas e constrói a sua realidade. Os jogadores levam a estrutura do clube que o formou para sua trajetória de vida. Eles reproduzem a maneira de jogar e as características desse clube, consciente ou inconscientemente, ao longo de sua profissão.

Seguindo esses conceitos, a relação dos atletas do projeto, com a comunidade escolar, acontece pela admiração e pela projeção do imaginário, pois esses futuramente, poderão estar representando os clubes “do coração” da comunidade escolar.

Em relação aos critérios para escolher alunos negros e oriundos de classes populares, justifico que essas são características que sofrem grande discriminação ao longo da história, conforme verifico na análise do artigo de Heringer (2002), “Desigualdades raciais no Brasil: síntese dos indicadores e desafios no campo das políticas públicas”.

O Brasil encontra-se entre as maiores economias do mundo, mas a realidade brasileira não condiz com este desenvolvimento econômico, pois as distinções e desigualdades raciais são contundentes, facilmente visíveis e de graves conseqüências para a população negra e para o país como um todo.

As desigualdades são graves e, ao afetarem a capacidade de inserção dos negros na sociedade brasileira, comprometem o projeto de construção de um país democrático e com oportunidades iguais para todos (HERINGER, 2002).

O censo brasileiro pede às pessoas que se classifiquem dentro de cinco categorias: branco, preto, pardo, indígena e amarelo. Pretos e pardos constituem 45% de toda a população. (IBGE, 1996, citado no artigo de Heringer, 2002).

Segundo pesquisa do IBGE de 1999, citada no artigo de Heringer (2002), sobre o item infra-estrutura urbana e habitação, muitos aspectos revelam as desigualdades entre brancos e negros. Essa pesquisa demonstrou que 15,2% dos brancos vivem em domicílios sem coleta de lixo, enquanto 30,3% dos negros encontram-se nesta situação. Esta diferença se faz presente em itens como escoamento sanitário, luz elétrica e água.

Observando esses dados, constata-se que a população de origem negra, além de ter uma grande desigualdade sócio-econômica em relação à população branca, é a população que compõem as classes com a menor renda.

Outros dados que exemplificam essas desigualdades são apresentados no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 1997, índice que calcula a qualidade de vida. O IDH do conjunto da população brasileira é de 0,796 (para um máximo de 1.000). Para os negros brasileiros, o IDH era de 0,573, pior índice que todos os países latinos americanos excetuando-se a Nicarágua (SANT'ANNA 7 Paixão, 1997 *apud* HERINGER, 2002).

Outro item importante para registrar a desigualdade e discriminação social entre negros e brancos está no acesso à educação, considerado como um dos principais fatores de mobilidade social dos indivíduos.

O IBGE de 1988 e 1996 verificou que houve um aumento da escolaridade do brasileiro, entretanto, a proporção de negros entre as pessoas com 12 ou mais anos de estudo (ensino médio completo e possuem curso superior), é de apenas 2,8%, quase quatro vezes menor que a dos brancos, que fica na faixa dos 10,9% (HERINGER, 2002).

Nesse sentido, esses fatos justificam ainda mais meu interesse em pesquisar a relação que se estabelece no Colégio Israelita Brasileiro entre a comunidade escolar (maioria branca e de classe privilegiada socialmente) e os alunos do "Projeto Esporte Social" (maioria negra e de classes populares), no que tange ao processo de inclusão desses alunos na escola.

Continuando nessa linha de exclusão, discriminação e possível ascensão social através do esporte, faço na próxima etapa da pesquisa, um relato histórico do negro e sua inserção no futebol. Penso ser importante escrever sobre esse assunto, pois futebol e atletas negros são objetos de estudo deste trabalho.

Faz-se importante relatar o processo histórico e cronológico dos negros no futebol brasileiro, para entender certas teorias e estigmas, que sofrem ao longo dos anos.

5 O NEGRO E O FUTEBOL

5.1 A retrospectiva histórica da discriminação e ascensão do negro no futebol brasileiro

Neste capítulo do estudo faço uma retrospectiva história de fatos que mostram a inserção do negro no futebol brasileiro, momentos de discriminação e relatos de ascensão social através do futebol. Esse retrospecto torna-se importante, porque os meninos que são os sujeitos dessa pesquisa são negros e atletas de futebol, e também como a grande maioria das crianças brasileiras, com estas características, procuram através desse desporto, sua realização e afirmação pessoal, muitas vezes não sabendo das dificuldades e dos processos de discriminação, que os atletas passam para alcançar seus objetivos.

5.2 O ingresso do negro no futebol brasileiro

O surgimento do futebol no Brasil é atribuído a Charles Muller. Nascido em 1874 no bairro paulistano do Brás, filho de pai inglês e mãe brasileira, educado na *Banister Court School*, Southampton (Inglaterra), onde conheceu o *foot-ball*, por ele se encantou e praticou, jogando como *center-foward* (centroavante) no time do Condado de Hampshire, numa partida contra o Corinthians londrino.

De volta ao Brasil em 1894, conforme Frisselli (1999), Charles Muller traz consigo as duas primeiras bolas, uma delas logo apelidada de "Peluda" - por ainda conter pêlos no couro - trouxe também uniformes e chuteiras. Charles Muller organizou o primeiro jogo, no qual também participou, no São Paulo Athletic Club, clube de ingleses, fundado em 1888, onde se jogava principalmente, o críquete

(*cricket*). Para o autor, a principal tarefa de Muller era a de ensinar as regras do jogo e como se praticava.

Desde a chegada da primeira bola de futebol, o esporte caiu nas graças do brasileiro. Primeiramente jogado pelas elites, mas ao longo dos anos, pela facilidade de sua prática, passou a ser jogado por todas as cores e camadas sociais.

Com a chegada do futebol no final do século XIX, o esporte era praticado pela elite branca da cidade de São Paulo. Neste mesmo período, a escravidão fora extinta há poucos anos, mas os negros não eram aceitos pelos clubes sociais para a prática do futebol. Dessa forma, o futebol manifestava um dos problemas cruciais da transição do Império para República, isto é, a integração do negro na sociedade de classes, como denominou Florestan Fernandes (1978).

Segundo o autor, o fim da escravidão, do Império, e a generalização das relações de trabalho livre, não superaram os vícios aristocráticos da sociedade brasileira. A abolição, sem a reforma agrária, privou os negros recém-libertos e seus descendentes de uma base material mínima sobre a qual pudessem iniciar uma nova vida. Os inúmeros preconceitos bloquearam a incorporação dos negros na indústria nascente e no setor de serviços. Esses fatos também repercutiram no futebol.

A história social do futebol brasileiro, segundo Jesus:

[...] traz em si processos dramáticos e representativos de problemáticas centrais da sociedade. Inicialmente reduto exclusivo das elites, tal esporte rapidamente rompeu os círculos aristocráticos para ganhar as ruas e tornar-se entretenimento popular de largo alcance (1998, p. 1).

Nesse processo de democratização da prática do futebol, um dos momentos mais tensos foi à inserção do negro nos grandes clubes e principais campeonatos do futebol brasileiro.

Para Jesus:

O futebol se introduz na vida social brasileira justamente no momento em que a sociedade vivia uma conjuntura de acirramento das tensões raciais. O processo de desescravização nas últimas décadas do século XIX faz aportar nas principais cidades brasileiras, densos contingentes de negros oriundos da zona rural. A substituição do trabalho escravo por imigrantes europeus acarretou não somente um quadro de falta de oportunidades de trabalho para o negro, mas todo um continuísmo do racismo, no âmbito da ideologia do "embranquecimento" da nova nação republicana. (1998, p. 2).

Dentro da sociedade de classes, o racismo também se faz presente no futebol, desporto que, mesmo assim, se transformou numa paixão mundial.

Segundo Luis Imbiriba (2003), no artigo “O futebol e a atualidade do racismo”, as primeiras evidências de racismo no esporte estiveram presentes numa fase muito importante de sua história: a passagem do amadorismo para o profissionalismo. Ao mesmo tempo essa transição no futebol foi marcada pelo ingresso de atletas pertencentes às classes populares menos abastadas formando equipes especialmente de negros e mestiços.

Justificando a afirmação acima, Rodrigues Filho (2003) descreve que foi importante a atitude de um clube que lutou para acabar com a segregação dos jogadores de origem popular: o Vasco da Gama do Rio de Janeiro.

Foi em 1920, segundo Máximo (1999), que o Vasco e alguns clubes do subúrbio carioca, como Bangu (primeiro clube a colocar negro em sua equipe) e América, passaram a admitir negros e mestiços em seus quadros, sendo que o Vasco, diferente dos outros clubes pequenos, estava preparando uma equipe para desestabilizar a hegemonia dos clubes de elite representados pelas classes dominantes.

A presença de jogadores negros e mestiços nos clubes pequenos era tolerada pela aristocracia, desde que não incomodasse o poder dos grandes clubes. Para as classes dominantes, era até bom jogar contra uma equipe formada por negros, mestiços e brancos pobres, uma vez que, ao derrotar esse time, estava sendo ratificada a preponderância de classe e de cor (RODRIGUES FILHO, 2003).

Existem algumas histórias populares conforme relata trabalho de doutorado de Soares (1998), que foi nesses confrontos de times brancos contra times negros que surgiram os dribles no futebol.

Conforme Soares:

Quando começaram a jogar futebol por aqui, os negros não podiam derrubar, empurrar, ou mesmo esbarrar nos adversários brancos, sob pena de severa punição: os outros jogadores e até os policiais podiam bater no infrator. Os brancos, no máximo, eram expulsos de campo. Esta redução dos espaços dentro das “quatro linhas”, subproduto de uma situação social obrigou os negros a jogarem com mais ginga, com mais habilidade, evitando o contato físico e reinventando os espaços. Sim, porque o drible não é outra coisa que a criação de espaço, onde o espaço não existe. Indubitavelmente, foi o jogador negro que imprimiu no futebol brasileiro um estilo próprio de magia e arte, diferente das formas arcaicas do jogo de bola, bem como da sua descendência inglesa imediata (1998, p. 170).

Não se pode desconsiderar que os árbitros eram brancos na ocasião, e que a grande maioria dos jogadores, e do público que assistiam aos jogos, era de predominância branca.

Para os negros poderem jogar nos clubes de elite do futebol, segundo Rodrigues Filho (2003), deveriam se submeter a situações como usar toucas para esconder o cabelo crespo e se maquiar com “pó de arroz” para clarear a pele, e aparecerem como os jogadores brancos. Para os jogadores negros entrarem pela porta da frente, eles tinham que se passar por pessoas brancas. O próprio apelido de “pó de arroz”, não é gratuito: ele nasceu da necessidade de certos jogadores que, por mais geniais e convincentes que fossem, prescindiam do fato de ser branco para demonstrar sua arte.

Nesta época conforme Rodrigues Filho (2003), o futebol era um esporte de classe, só os bem nascidos tinham acesso a ele, era “coisa de inglês”. Negros e mestiços só conseguiram ocupar seus espaços graças ao embranquecimento artificial. Uma estratégia para o embranquecimento foi a utilização do pó de arroz pelos jogadores mulatos, tais como Carlos Alberto, Robson e o lendário Friedenreich, que além de usar essa estratégia, alisava o cabelo.

Um fato citado por Rodrigues Filho (2003), de reconhecimento do negro pelas elites do futebol, foi o excelente desempenho do jogador Arthur Friedenreich no Campeonato Sul Americano de 1919, pois foi através dos pés desse mulato que aconteceu o gol do título do campeonato. O gol de Friedenreich foi marcado na terceira prorrogação contra a equipe Uruguiaia, no então novo estádio do Fluminense. O jogador foi carregado nos ombros da torcida pelas ruas da cidade, teve suas chuteiras expostas na joalheria e consagrou-se como primeiro ídolo do futebol brasileiro, apelidado de *El Tigre* pelos adversários.

Mas, a grande mudança para entrada do negro no futebol brasileiro para o autor citado acima, foi devido ao investimento feito pelo Vasco em jogadores negros, e a conquista do seu primeiro título do campeonato carioca de 1923. Os clubes aristocráticos, percebendo a força da equipe vascaína, passaram a criar barreiras para a sua permanência na Liga dos Clubes Amadores e, assim, excluí-lo do campeonato de 1924, alegando que os jogadores vascaínos eram profissionais e não amadores como os jogadores das equipes oponentes.

Nessa época, continua o autor, o futebol já gerava um grande lucro para os clubes e quantias significativas eram arrecadadas nos jogos realizados. Porém, a única remuneração dos atletas da época era feita na forma de gratificações, que passam a ser incorporadas no dia a dia do futebol, com o nome de “bicho”. Mesmo com tantas barreiras impostas à sua participação na competição realizada pelos

clubes de elite (Flamengo, Fluminense, Botafogo), o Vasco encontrou uma solução: unir-se aos outros clubes excluídos e realizar um campeonato paralelo em 1924.

Conforme descreve Helal (1997), com a saída do Vasco da Gama do campeonato de 1924, o público diminuiu muito, pois preferiu assistir a liga extra-oficial, na qual o Vasco se fazia presente. O baixo público fez com que os clubes de elite convidassem o Vasco a participar da liga oficial de 1925, com as seguintes recomendações: a) a cada três meses seus jogadores deveriam mostrar um documento declarando sua renda e seu emprego; b) os jogadores deveriam provar certo nível de escolaridade. Devido a essas exigências, vários jogadores abandonaram o futebol ou foram jogar na Europa.

Apesar de todas estas exigências da aristocracia, o time mestiço do Vasco da Gama de 1923 revolucionou o futebol da época, com inclusão de negros e por ter tido bons resultados, influenciando outros times a adotarem a mesma fórmula da mistura das “raças” em suas equipes.

Segundo Helal (1997) no final dos anos 20, surgiu um fato importante; a discussão entre progressistas e conservadores sobre o profissionalismo no futebol, que remetia diretamente aos jogadores de classes populares, na sua maioria negros. Os progressistas lutavam pela implantação do profissionalismo e os conservadores contra. A profissionalização do futebol no Brasil, segundo este autor, aconteceu em janeiro de 1933 no Rio de Janeiro, e em março deste mesmo ano, no estado de São Paulo.

Outro caso relatado por Rodrigues Filho (2003), importante para o ingresso do negro nesse esporte e sua aceitação, foram os destaques de Domingos da Guia e de Leônidas da Silva pela seleção brasileira de futebol, na Copa do Mundo de 1938 na Itália, transformando-se em exemplos de jogadores oriundos do futebol brasileiro.

Para Gastaldo (2006), a entrada dos negros e dos populares em geral nos clubes de elite – até então freqüentados e comandados pela elite – não ocorreu sem que tivesse sido criada uma fronteira demarcando o status entre associados e atletas, recaindo sobre os mais prestigiados, entre os primeiros, a gestão política e administrativa dos clubes.

A aceitação dos negros no futebol brasileiro se deve a uma mistura de três fatores: o primeiro fator econômico, onde os grandes clubes e seus dirigentes perceberam o quanto era importante a presença de negros em suas equipes, conseqüentemente, trazendo mais público, quando maior renda. O segundo fator

deu-se pela habilidade técnica dos negros em relação aos brancos, e os resultados que as equipes brasileiras conquistaram com sua presença. O terceiro fator é a paixão despertada por esse esporte.

5.3 O ingresso do negro no futebol do Rio Grande do Sul

A origem do futebol no Rio Grande do Sul para Jesus (2001), aconteceu através de grande influência dos alemães. Estes, segundo o autor, estabeleceram algumas bases fundamentais, no Rio Grande do Sul e localidades como Curitiba, São Paulo e Montevideú.

Para o autor, o futebol se tratava de uma inovação comportamental sujeita a alto índice de rejeição na sociedade brasileira na virada para o século XX, mas o papel dos alemães foi o de preparar o "terreno" para a sua fácil assimilação e aceitação.

O S.C. Rio Grande, segundo Jesus (2001), foi o primeiro clube de futebol criado no Rio Grande do Sul, contou com participação majoritária e decisiva de alemães, o autor justifica essa afirmação, relatando que foi um hamburguês chamado Minnemann seu principal articulador, e a grande maioria dos fundadores do clube tinham seus sobrenomes de origem germânica, conforme Jesus, a cidade de Rio Grande era foco de atração de comerciantes alemães enriquecidos nos circuitos coloniais.

O advento do futebol no Rio Grande do Sul tem, obviamente, relação com a presença de ingleses, foram eles os principais importadores dos produtos das charqueadas platinas. Em suma, os ingleses trouxeram a inovação (a informação, as regras e os equipamentos), e os alemães se empenharam na fundação do primeiro clube dedicado ao esporte.

No Rio Grande do Sul não foi diferente a dificuldade do ingresso dos negros na cultura do futebol, para com o centro do país. Um fato relevante segundo Jesus para o ingresso do negro no futebol gaúcho, foi à criação da Liga da Canela Preta. Para o autor, é difícil precisar o momento de fundação da Liga "Nacional" de Football Porto-Alegrense, a liga dos negros.

Provavelmente seu início deu-se em meados da década de dez do século XX, a partir da constatação da apropriação, desde 1911 ou 1912, do abandonado campo

do S. C. Internacional pela população negra local, que numerosa, teria provavelmente possibilidades de organizar alguns times de futebol. Sua oficialização conforme Jesus (1998), pode ter ocorrido no final daquela década. A Liga contava com os seguintes clubes: Primavera, Bento Gonçalves, União, Palmeiras, Primeiro de Novembro, Rio-Grandense, Oito de Setembro, Aquidabã e Venezianos.

A Liga da Canela Preta e toda a rejeição por parte da liga branca são fatos que não podem ser isolados da dinâmica urbana. A denominação oficial da Liga ficou praticamente esquecida da memória urbana, principalmente pela campanha adversa promovida pela imprensa na época. Em favor de um registro que despreza, ironiza e atribui um sentido de estranhamento e alteridade: "Aquelas canelas são diferentes, fogem ao padrão, elas são pretas" (JESUS, 1998, p. 3).

Foi através dessa liga, que a primeira incursão dos negros e das classes populares, na prática do futebol no Rio Grande do Sul ocorreu. Considerando-se que Porto Alegre é um dos maiores centros de prática do futebol no Brasil, foi estranho notar a lentidão local em permitir o acesso de negros na liga principal.

Segundo Pesavento (1995) ao longo do século XIX se observa nas zonas pobres da cidade de Porto Alegre a formação de pequenos núcleos habitacionais de predominância negra, bem como se nota a existência de regiões (as "emboscadas") caracterizadas por abrigar temporariamente escravos fugitivos. Mas conforme a autora, é com a desescravização que a territorialidade negra ganha corpo, através da geração de "um cinturão de cor em torno da cidade branca que se aburguesava lentamente".

Conforme Corrêa (*apud* DOS ANJOS, 2007), foi através do futebol que o negro manteve a resistência e a conservação das raízes culturais, os grupos populares utilizavam-se das associações de futebol e blocos carnavalescos como meio para garantir a continuidade de suas descendências culturais, usando o disfarce do futebol para escapar da perseguição estatal. Para o autor muitas associações serviram de cobertura sob rótulos de clubes carnavalescos, maracatus e associações esportivas, mas não deixavam de ser um clube de futebol.

Para Pesavento (1995), é neste contexto de exclusão social, que o futebol se difunde com forma de entretenimento popular numa cidade que se apresenta como um tecido fragmentado, separando nitidamente grupos étnicos e sócio-econômicos, fazendo com que esta fragmentação incida sobre a organização do futebol.

Casos curiosos aconteciam, segundo Cardoso (*apud* JESUS, 2001), para a participação dos negros nos principais clubes de futebol do Rio Grande do Sul. O autor alerta para a emergência do movimento “mulato”, que realizava uma polêmica diferenciação interna na comunidade negra, alvo de críticas e reações violentas por parte dos militantes da “raça”. Observa o autor, que aconteceu a existência em 1915 de associações de mulatos numa estratégia de ascensão social através da negação da negritude.

Esta mobilidade social controlada segundo Cardoso, também era verificada na equipe de futebol do S. C. Internacional dos anos XX. Acontecia, uma resistência oculta, só permitindo o acesso de mulatos bem credenciados.

O Sport Club Internacional foi fundado em 1909, com a clara finalidade de se opor abertamente ao Grêmio, o principal clube de futebol da cidade, segundo Mascarenhas (2005), alguns elementos servem como indícios:

- A escolha do nome da agremiação tem uma postura pluri-étnica e cosmopolita, oposta ao caráter excludente do rival;
- O fato de ser fundado por indivíduos de classe média (funcionários públicos, estudantes), em busca de uma ascensão social, sem o tom aristocrático do oponente;
- A decisão de escolher o terreno para prática do futebol, junto à comunidade negra e pobre do bairro da Ilhota, ao contrário do Grêmio;
- Ter a ousadia de escolher as cores do clube, inspirada numa entidade carnavalesca a Sociedade Veneziana;
- Enfrentar no seu primeiro jogo oficial, o maior rival o Grêmio FPA.

Coube ao Internacional, conforme Mascarenhas (2005), clube menos atrelado a valores elitistas, a iniciativa de recrutar jogadores negros e pobres, precisamente a partir de 1939, com o objetivo de reforçar sua equipe. Em decorrência desse fato tornou-se campeão nove vezes, dos dez campeonatos citadinos disputados.

O primeiro negro a disputar um Gre-Nal foi o ponteiro Dirceu Alves em 1925 pela equipe do Internacional. Dirceu foi uma exceção, já que a maioria dos jogadores era de origem branca. A barreira da cor e do preconceito começou a ser derrubada no Internacional, a partir da contratação de Osmar Fortes Barcellos, “o Tesourinha”, em 1939. Ao adotar jogadores negros e pobres, o Internacional se consolidou nos anos 1940 como o “clube do povo” de Porto Alegre.

Na década seguinte, foi adotado como símbolo máximo do Internacional “o saci”, expressiva figura folclórica regional a representar a malícia e os poderes obscuros de uma negritude excluída. (MASCARENHAS, 2005).

A origem do outro clube importante da cidade de Porto Alegre, o Grêmio em 1903 segundo Mascarenhas (2005), está diretamente associada à poderosa comunidade germânica local. Logo após sua fundação o Grêmio recebeu do Banco Alemão o terreno para sua sede em zona nobre da cidade. Apesar do discurso de negação germânica na história oficial do Grêmio, esta não resiste à mais breve consulta aos nomes dos atletas sócios e membros da diretoria, todos com origem germânica.

Mantendo-se fiel aos seus estatutos, conforme Coimbra (*apud* MASCARENHAS, 2005), o Grêmio persiste em recusar a inclusão de atletas negros até o ano de 1952, quando já não mais suporta o acúmulo de vitórias do inimigo direto, rompendo enfim com sua tradição racista. Nesse momento o clube inaugura seu estádio em zona suburbana na cidade de Porto Alegre. Dois anos depois, 1954, o novo hino do clube, de autoria de um negro, Lupicínio Rodrigues, ratifica o projeto de uma nova identidade clubística.

É amplamente conhecido o caso do Grêmio FBPA, que apenas admitiu pela primeira vez um jogador negro em 1952, e ainda assim, por se tratar de Tesourinha (um dos maiores talentos já visto no Brasil, e recusado pelo rival SC Internacional).

Segundo Endler (*apud* DOS ANJOS, 2007), Tesourinha, através dessa ação, passou a figurar como personagem principal de um novo capítulo da vida esportiva da cidade de Porto Alegre. Já que formalmente foi o primeiro cidadão de cor a vestir a camisa da equipe tricolor do sul. Mesmo sendo ídolo das duas maiores torcidas do Rio Grande do Sul, o jogador tinha uma vida social segregada, limitada às comunidades negras carnavalescas e religiosas.

Para o autor, o atleta soube se colocar no cenário de sua época, que era traiçoeiro e hostil, ponderando suas atitudes de jogador com posturas culturais e religiosas. Para o autor o jogador deu sua contribuição ao futebol do sul e manteve sua postura de identidade cultural e de laços com a comunidade negra (p. 7).

Apesar de ingressarmos no século XXI, os casos de racismo com jogadores de futebol de origem negra, ainda permanecem latentes, principalmente na serra gaúcha. Há pouco tempo atrás, em 2005, observamos casos de discriminação da torcida do Juventude com o jogador Tinga do Internacional. Neste mesmo estádio

no ano de 2006, o atleta Antônio Carlos, da equipe do Juventude de Caxias, praticou gestos racistas contra o jogador Jeovânio da equipe do Grêmio F.P.A. Além desse fato, a mesma torcida do Juventude de Caxias, gritou dizeres racistas contra seu próprio atleta (Julio César) em uma partida de futebol no ano de 2007.

Mesmo com esses casos citados anteriormente, posso enumerar vários jogadores negros que tiveram grande sucesso profissional e ascensão social através do futebol no Rio Grande do Sul, casos como: o de Jair (Internacional), Tinga (Grêmio e Internacional), Aloísio (Internacional), Anderson (Grêmio), e o principal, o jogador Ronaldinho Gaúcho (Grêmio), esses ainda alentam a imaginação e a ambição de uma grande quantidade de garotos negros e pobres, sonharem com a ascensão social através do futebol.

Mesmo com essa suposta aceitação das elites, para a entrada dos negros nos clubes importantes do futebol brasileiro e a ascensão dos negros através deste esporte, os momentos de tensões e de discriminação se sucederam ao longo dos anos, principalmente quando a equipe brasileira perde Copas do Mundo de Futebol.

5.4 Casos de discriminação de jogadores negros na seleção brasileira

Os casos de discriminação de jogadores negros no futebol brasileiro são relatados ao longo da trajetória do esporte neste país. Começo citando Máximo (1999), um fato acontecido no início dos anos 1920. Nesta época, o presidente da República Epitácio Pessoa recomendou que não incluíssem mulatos na seleção brasileira que iria a Buenos Aires, para disputar o Campeonato Sul-Americano, pois para o presidente era importante projetar uma outra imagem do povo brasileiro no exterior. Segundo ele, era absolutamente imperioso que o país fosse representado pela sua “melhor sociedade”.

Outro caso interessante aconteceu com a primeira Copa do Mundo, realizada no Uruguai em 1930. A seleção canarinho foi composta apenas por jogadores de um combinado de times cariocas, excluindo os paulistas, e a grande maioria dos atletas, era de origem branca.

Na Copa de 1938, na França, cita Rodrigues Filho (2003), nossa seleção chegou nas semifinais contra a Itália e nosso melhor jogador, Leônidas da Silva, de origem negra, “foi poupado” desse jogo para jogar à final. Resultado desta

segregação: o Brasil perde o jogo para a Itália, com um pênalti cometido por Domingos da Guia (negro) e não chega a final, o jogador por ter cometido o penalty, leva a culpa pela eliminação brasileira.

Mais uma situação de críticas aos negros, essa de grande repercussão sócio cultural, segundo Da Matta (1982), foram as perdas dos títulos mundiais nas Copas de 1950 e 1954, respectivamente, para o Uruguai e a Hungria. Essas perdas foram atribuídas aos negros e mestiços que atuavam pela equipe brasileira, sendo o racismo justificado por um suposto desequilíbrio emocional dos atletas que apresentavam cor escura, ao longo dos jogos decisivos.

Para Imbiriba (2003), um dos casos mais sérios de transferência de responsabilidades aconteceu na Copa de 1950, realizada no Brasil em que a Seleção Brasileira, favorita ao título, ia para a disputa de uma final como se estivesse apenas cumprindo uma obrigação para levantar a taça. Mas a equipe foi pega de surpresa pelo Uruguai e a derrota foi atribuída ao goleiro, o já falecido Moacir Barbosa (negro), que serviu para criar um estigma em relação aos goleiros negros, que passaram a ser preteridos em relação aos goleiros brancos na seleção.

A partir deste episódio, um dito popular do futebol se afirmou: “negro de luva só mecânico”. Até mesmo o jornalista Rodrigues Filho (2003), fez um comentário a respeito de Barbosa que reforça a idéia: “[...] até que apareceu Barbosa, realmente um grande *keeper* (goleiro), grande tremedor, porém tremeu tanto num jogo contra os argentinos em 45 que teve de mudar o calção quando acabou o primeiro tempo”.

A condenação de Barbosa não parou por aí e em uma frase o próprio goleiro comentou o seu castigo: “No Brasil, a pena maior por um crime é de 30 anos. Há 43 anos, pago por um crime que não cometi”.

Mesmo após sua morte o antigo goleiro continua crucificado, o episódio mais recente da discriminação racial contra Barbosa aconteceu em 1993, nas eliminatórias da Copa de 1994 quando o ex-goleiro quis visitar os jogadores da seleção brasileira na concentração a fim de dar um ânimo aos atletas. Foi impedido de entrar no hotel. Barbosa era visto como uma figura de “mau agouro” pela população.

Entretanto, para Rodrigues Filho (2003), esse atrapalhado estigma foi derrubado nas Copas seguintes, em 1958 e 1962 quando a seleção brasileira conquistou os títulos mundiais tendo como destaques jogadores negros e mulatos como Pelé, Garrincha, Didi e outros.

Podemos constatar ao longo das Copas do Mundo, no que diz respeito à formação das seleções brasileiras, outros casos muito curiosos. Imbiriba (2003) cita o da seleção de 1982, tida pela maioria da população brasileira e jornalistas esportivos como uma das melhores equipes já formadas, era constituída em grande parte por jogadores brancos, universitários e oriundos da classe média. Atletas negros ou mestiços estavam reduzidos a quatro: Luisinho, Toninho Cerezo, Júnior e Serginho. Por coincidência ou não, essa seleção é elogiada até hoje, apesar de seu insucesso.

As críticas que surgiram em 1982 foram sobre os atletas mestiços como Toninho Cerezo, por ter atravessado uma bola na frente da área, possibilitando o segundo gol da Itália na partida. Também sobre Luizinho que não marcou Paolo Rossi em partida fatídica contra esta mesma Itália. As críticas também culminaram contra o centroavante Serginho (negro), que substituiu Reinaldo e Roberto Dinamite machucados, e não conseguiu dar a resposta desejada pelos críticos.

Problemas mais evidentes de racismo na seleção brasileira só voltaram a acontecer na Copa de 1998, realizada na França. Na ocasião, foi a vez do atacante Ronaldo Nazário carregar a cruz.

Para Imbiriba (2003):

Ronaldo era tido como a esperança de gols da equipe, foram colocados sobre a sua cabeça os “esclarecimentos cabíveis”: ele foi acometido por um mal estar súbito acompanhado por convulsão, momentos antes do jogo final contra a seleção francesa. A preocupação com o atacante que entrou em campo e a lembrança da cena de Ronaldo se debatendo durante a convulsão, teria abalado muito a equipe brasileira. O mal súbito foi o elemento usado pelo monopólio mundial dos meios de comunicação para tentar convencer a população a crucificar Ronaldo Nazário como “amarelão”. Pôde-se ver nos jornais do dia seguinte ao jogo manchetes que atingiam diretamente o atacante: “Ronaldinho amarela antes do jogo e abala seleção. (O Dia, 13/07/98).

A cada Copa que se aproxima e depois termina com a derrota da equipe brasileira, surgem novos fatos para tentar explicar o fracasso brasileiro. Não foi diferente na Copa do Mundo de 2006. A curiosidade é que os fatores da derrota normalmente recaem sobre os ombros dos jogadores mestiços e negros. Os jogadores crucificados em 2006 foram: Roberto Carlos por estar arrumando as meias, no momento do gol da França. A gordura dos atacantes Adriano e Ronaldo Nazário. E as saídas da concentração de Ronaldinho Gaúcho para encontrar-se com a namorada.

Ao longo dos anos, poucos foram os casos do fracasso da seleção por culpa dos atletas brancos. Caso que lembro, foi do jogador Dunga (famosa era Dunga) no mundial de 1990. Podemos observar que estas situações dificilmente irão terminar, pois esse processo de discriminação já é histórico e cultural.

5.5 A diferença de tratamento entre jogadores negros e brancos

Como vimos anteriormente, as diferenças sociais, culturais, físicas estão institucionalizadas, não só no Brasil, mas em vários países do Ocidente. Os fatos que relato a seguir, demonstram diferenças de atitude, para brancos e para negros, tomadas pelos homens que dirigem o futebol.

Conforme a pesquisa de doutorado, realizada pelo sociólogo Vieira (2001) com 327 jogadores de 17 clubes do Rio de Janeiro mostra que, enquanto 26,6% dos atletas brancos ganham um salário mínimo, entre os negros essa proporção é de 48,1%, quase o dobro. No alto da pirâmide salarial estão os brancos, com 24,8% de atletas ganhando mais de 20 salários mínimos, já somente 17,1% dos negros recebem mais de 20 salários.

O presente estudo também demonstrou que os salários dos negros costumam atrasar mais que o dos brancos, além de receberem menos convites para aparecerem ao lado dos dirigentes dos clubes, chegando até a ser tratados com desprezo pelos cartolas.

Para Vieira (2001), outra segregação está no tratamento: macaco, crioulo, gorila. Muitos nem consideram os apelidos discriminatórios, ou seja, o racismo às vezes é tão velado, que não é identificado nem pelas próprias vítimas.

O estudo de Vieira ainda confirma a rara presença de goleiros (exceção Dida 2006) e técnicos negros na seleção brasileira, correspondendo em proporcionalidade à ascensão sócio-econômica de negros e mulatos no Brasil.

Para Imbiriba (2003), o preconceito em relação aos goleiros aumentou e permanece vivo muito depois do episódio vivido por Barbosa, e quanto aos técnicos, cuja cor da pele denuncia, no mínimo, ancestrais trabalhadores, apenas dois foram admitidos no comando da seleção: Gentil Cardoso, em 1957, e Wanderley Luxemburgo, se é que este se considera negro ou “pardo”.

Também devemos lembrar os poucos árbitros de origem negra que apitam na primeira divisão. Outro caso pouco relatado pela imprensa brasileira refere-se a falta de dirigentes negros, que comandam as equipes de ponta do futebol brasileiro.

Para Giulianotti (2002), estes casos de discriminação acontecem desde o processo de seleção dos atletas na formação das equipes.

Conforme o autor:

Para atletas não-brancos, a experiência do racismo começa na escola. Os professores esperam um nível acadêmico relativamente limitado dos alunos negros, tacitamente conscientes de que suas oportunidades de trabalho são pequenas. O currículo é modificado para maximizar sua habilidade esportiva natural. Uma vez estabelecidos dentro do futebol, os jovens jogadores negros têm menos chances de compartilhar das brincadeiras e da camaradagem dos colegas de equipe brancos. Estereótipos raciais sobre as habilidades atléticas e a baixa inteligência dos negros continuam durante a seleção do time (2002, p. 205).

Ainda, segundo Giulianotti (2002), os jogadores de futebol são amontoados em posições “centrais” ou “não centrais periféricas”. Jogadores centrais formam a espinha dorsal do time, como o goleiro, o volante, o meia-armador, o centroavante. Eles representam o “centro inteligente” dando o formato do jogo de acordo com as habilidades do time e às exigências de cada partida. Os jogadores periféricos, como os zagueiros e alas, são valorizados intelectualmente embora sua força física seu individualismo sejam vitais em explorar a extensão do campo, principalmente no ataque.

Os jogadores negros tendem a ser “empilhados” nessas posições periféricas. Para Giulianotti, é devido às crenças raciais dos técnicos de que eles não possuem a capacidade de tomar decisões nem a consciência dos jogadores brancos, embora sua velocidade e seu estilo imprevisível sejam essenciais nas pontas.

Para o autor, são os técnicos e os oficiais de futebol que decidem quando o jogador não-branco pode jogar e em que posição. Dessa forma, os técnicos de futebol e a mídia tendem a concluir que os jogadores negros possuem qualidades erráticas (habilidade natural) enquanto os jogadores brancos têm habilidades mais controladas. Como exemplo os jogadores africanos e sul-americanos são vistos no Ocidente, como “mágicos e irracionais”. Os clubes europeus contratam esse tipo de jogador para trazer algo de “imprevisível” para sua equipe, um toque de exotismo para quebrar as defesas organizadas cientificamente pelos ocidentais.

Um outro discurso racista para Giulianotti é o fato de os técnicos caracterizarem as qualidades dos jogadores pela sua nacionalidade (país de

origem). Os goleiros devem ser argentinos ou iugoslavos, alemães ou italianos na defesa, no meio campo holandeses, dinamarqueses ou croatas, nas alas africanos ou sul-americanos e no ataque sul-americanos ou africanos. Seria importante realizar pesquisas sobre as escalões racistas das equipes, com o objetivo de reconhecer a complexidade do assunto e confirmar a afirmação de Giulianotti.

Um caso interessante das diferenças de tratamento entre brancos e negros no futebol, acontece na Ucrânia. O escritor Foer (2005) relata que a cultura futebolística daquele país segue uma lógica do marxismo científico, aplicado ao esporte.

Segundo o autor, o criador do sistema de avaliação no futebol foi Valeri Lobanovsky. Este sistema dá valores numéricos para algumas ações nas partidas, como passes, desarmes, taxa de erros, intensidade no jogo, efetividade, entre outros.

Os dribles e os passes verticais têm pouco valor, essas referências de avaliação fazem com que jogadores brasileiros e africanos tenham pouca pontuação, pois a cultura de futebol desses atletas é de ser engenhoso, indisciplinado e elegante. Os jogadores brasileiros e africanos estão sempre na parte inferior da tabela de avaliação, levando a uma baixa valorização de seus passes e seus rendimentos.

Outro relato de Foer (2005, p.145), acontece quando o escritor entrevista o técnico sérvio Ivan Golac, que trabalha na Ucrânia, e descreve o tratamento dado aos jogadores negros de sua equipe, por ele: “[...] Eu digo a eles: rapazes, vocês têm habilidade. Imagino que tenham ambição. Se não se saírem bem, se não forem disciplinados, se não tiverem ambição suficiente, e não puderem se adequar à minha ambição, mando vocês de volta para África”.

Situações como essas acontecem em vários países do mundo, o futebol ainda continua sendo racista, muitas vezes por parte de torcedores, técnicos, dirigentes e jogadores.

Com base nessas informações, podemos concluir que os jogadores não-brancos continuarão sendo discriminados nas escolas e na seleção de seus times. Continuarão mal pagos em relação a seus méritos e permanecerão sem usufruir de outras fontes de renda, como em trabalhos de relações públicas e contratos de publicidade.

Gastaldo (2006), enfatiza a diferença ao escrever que com a adoção do profissionalismo, a segregação social e racial foi amainada, mas os salários desses profissionais ficaram abaixo das expectativas, à exceção, dos “pop stars”.

No Brasil de Pelé e Ronaldo, no “país pentacampeão”, com uma equipe em grande parte formada por “mestiços”, o jogador negro ou mulato continua a enfrentar o racismo, em geral, recebendo contratos e pagamentos inferiores aos dos brancos e não tendo no esporte uma garantia de ascensão social.

Mas, apesar destes fatos, ainda pode ser através do futebol, a oportunidade de jovens negros, pertencentes a classes sociais de baixo poder econômico, ascender socialmente na escala social.

5.6 Ascensão do negro através do futebol

O futebol, a música e os jogos de azar, ainda parecem ser as únicas expectativas de crescimento sócio econômico das camadas de baixa renda da população. O futebol, como um desses fatores, é apresentado de forma histórica nessa pesquisa, para demonstrar a partir de que momento e como, o negro conseguiu ocupar um espaço de respeito neste esporte, que no primeiro momento era praticado pela elite branca e depois se tornou o esporte mais popular do mundo.

O principal fato para o reconhecimento da importância do negro para o futebol brasileiro e mundial aconteceu nas Copas de 1958, 1962 e 1970. Estes campeonatos mostraram para o mundo, o estilo de jogar do atleta brasileiro. Um estilo dançado, gingado e improvisado, que foi revelado através dos pés de Pelé, Garrincha e Didi, estilo este conhecido como “futebol arte”.

Levine descreve:

[...] promovido pelos intelectuais, pela imprensa e televisão, e pela classe dominante, como um símbolo de brasilidade, o futebol atingiu o ápice de sua influência quando os negros, como Pelé, foram reconhecidos dentro do sistema. O apogeu do orgulho e da afirmação nacionais, que acompanhou as vitórias das três Copas do Mundo, não poderia sequer ter sido imaginado em outras circunstâncias (1982, p. 42-43).

Seguindo na mesma linha, Rodrigues Filho (2003), aborda que com a incorporação dos negros como jogadores de futebol no longo processo de desenvolvimento deste esporte no Brasil, além de fundar o nosso estilo de prática-

lo, demonstraria a “democracia racial” brasileira, tendo como exemplo máximo o jogador Edson Arantes do Nascimento o “Pelé”.

Este esporte, que no primeiro momento foi praticado pelas elites, com o passar do tempo, e com as conquistas dos títulos mundiais, foi reconhecido pela sociedade como uma instituição nacional. O futebol brasileiro com ingresso desta ginga, desta malícia, desta habilidade com a bola, da capoeira e de outros fatores trazidos pelo negro, foi o estilo de jogo, que chegaria ao final do século XX, como o que mais contribuiu, para o encanto do esporte.

Estas prerrogativas, para um estilo de jogo tão diferenciado, deve-se principalmente a dois sensacionais jogadores. O primeiro Edson Arantes do Nascimento “Pelé”, o mais jovem jogador a disputar uma Copa do Mundo (Suécia 1958), tornando-se o mais importante jogador da competição. Sobre Pelé, os europeus descreviam, que ele tinha talento sobrenatural, era de outro planeta, fazendo com que seus gestos e ações fossem eternizadas. Pelé foi um jogador que ganhou três campeonatos mundiais de seleções, dois títulos mundiais de clubes e fez mais de 1300 gols, tornando-se o “o rei do futebol”.

O segundo jogador de tamanha importância para o futebol brasileiro e mundial foi Manoel Francisco dos Santos “Garrincha”. Nascido na cidade de Pau Grande (RJ), também como Pelé foi destaque na copa de 1958. Mas sua grande performance foi no mundial de 1962 no Chile, onde foi considerado o melhor jogador da competição, pelos seus dribles desconcertantes, tornando-se imarcável pelos adversários. Garrincha jogou no Botafogo C.R. na grande parte de sua carreira, marcando 265 gols e jogando 653 partidas. Garrincha caracterizava-se por ter uma deformação congênita nos dois joelhos, contrariando todas as expectativas e justificativas dos médicos, que diziam que ele não poderia praticar futebol, o atleta tornou-se um dos melhores jogadores de futebol do mundo.

Após a era Pelé e Garrincha, surgiu a globalização do futebol, com isso, vários jogadores fizeram e fazem sucesso no mundo do futebol, sendo exemplos para as crianças menos favorecidas socialmente. São os casos de Ronaldo Nazário, Romário, Robinho, Ronaldinho Gaúcho entre outros.

A história do futebol brasileiro é contada, quando este esporte chegou aqui, nas malas do mitológico Charles Miller, nesta época o futebol era jogado por brancos, isto é, a elite, portanto, era algo artificial na cultura brasileira. Quando o negro se apropriou desse bem cultural realizou um ato de recriação, em verdade de

criação, e o futebol ganhou contornos da cultura brasileira, isto é, passou a ser jogado com a ginga do samba e da capoeira. Em outras palavras, as expressões culturais identificadas com a cultura negra foram traduzidas e transformadas em técnicas no campo de futebol. O futebol, assim, tornou-se negro e, então, brasileiro.

Para Freyre (*apud* JESUS, 2001, p. 3), as representações populares do futebol arte associam-no diretamente ao negro, pois este teria o tipo físico ideal para a prática maliciosa da bola, características essenciais do futebol arte.

A força do negro no futebol brasileiro, após a conquista do tri-campeonato mundial, deu a oportunidade que se criasse o inverso da teoria racista no futebol. Esta teoria é enfatizada por Murad (1994) quando afirma que “o insucesso na Copa de 1986 e 1990 foi devido ao *rebranqueamento* da equipe, e com a inclusão de negros, na equipe que disputou a Copa de 1994 (Romário, Zinho, Mazinho entre outros), o Brasil voltou a ganhar uma Copa do Mundo”.

Observamos ao longo dos anos, que nossas seleções, na maioria das vezes, são formadas por jogadores de origem negra, bem como os grandes times da elite do futebol brasileiro, justificando a importância do negro para o nosso futebol.

O sonho de ser Ronaldo, Rivaldo, Romário, Ronaldinho e outros, perpassa no discurso e no imaginário de todos os jovens iniciantes no futebol, indistintamente da origem social.

Em programa apresentado na TV Globo chamado Profissão Repórter no dia 10/06/2008 com o título de “Meninos de Ouro”, o programa demonstrou que 99% dos jovens questionados quando assistem uma partida de futebol pela TV sonham em ser um jogador famoso. Na mesma proporção 99% dos jovens entrevistados deixariam tudo de lado para obter sucesso na carreira. O contraste segundo a pesquisa entre o desejo e a realidade é infinitamente grande e desproporcional. De cada 1000 jovens interessados somente 2 ou 3 chegam a iniciar e desses, somente 3% concretizam o sonho de ser um jogador famoso. Apesar de toda essa dificuldade os meninos do projeto fazem parte desses dois ou três que buscam a ascensão social através desse esporte.

O que ainda não se conseguiu, foi colocar negros nos cargos diretivos dos clubes e de segmentos que comandam o futebol brasileiro e mundial. Mas não estamos muito longe disto, pois quem concorreu para eleição de presidente da FIFA em 2000, órgão que regula o futebol mundial, foi o presidente da Federação de Futebol da África do Sul (negro), e só perdeu a eleição para o suíço Joseph Blatter,

por uma manobra política realizada pelo suíço, colocando o mundial de futsal na Guatemala em 2000, e conseguindo os votos dos presidentes das confederações dos países da América Central.

Alguns passos importantes estão sendo dados para mudar este panorama, pela primeira vez na Liga Inglesa de Futebol, um time será dirigido por um técnico negro. Paul Ince, 40 anos, ex-meia da seleção inglesa, assumiu em 2008 o time do Blackburn. Mas, aqui no país do futebol (Brasil), técnico negro é raro.

6 ESCOLA PARTICULAR E BOLSA DE ESTUDO

6.1 Escolas particulares e projetos de inclusão por intermédio do esporte – um estudo de caso

Neste segmento da pesquisa, caracterizamos o Colégio Israelita Brasileiro nos aspectos que envolvem sua história, sua missão, sua visão, seus projetos transversais e seu PPP (Projeto Político Pedagógico). Também resgato minha experiência como professor de Educação Física, técnico de Futsal e Futebol, assim como as experiências de projetos que conheço com alunos/atletas bolsistas em escolas particulares.

6.2 A escola pesquisada

O Colégio Israelita Brasileiro está localizado na cidade de Porto Alegre, na Avenida Protásio Alves no número 943, no bairro Rio Branco. Tem como missão ser uma entidade educacional comunitária, embasada nos valores culturais, éticos e morais do judaísmo, que elege a educação pela paz e a busca pela excelência de ensino com vistas à formação de cidadãos preparados para vida e para a construção de uma sociedade plural.

6.2.1 A história do Colégio Israelita Brasileiro

A Sociedade Mantenedora da Escola Israelita de nível primário foi fundada em 4 de junho de 1922 e funcionava em uma casa na Rua Oswaldo Aranha. Anos depois, em 1938, a sede passou a ser o Centro Israelita Porto-Alegrense, na rua

Henrique Dias e em 1942 voltou para a rua Oswaldo Aranha com o nome de Sociedade de Educação e Cultura, onde permanece até hoje. A sua imagem até a década de quarenta era de escola de bairro, dona de um ambiente muito acolhedor e afetivo.

Nas duas primeiras décadas de vida, o Israelita contou com professores e dirigentes preocupados com a situação política do país, em um momento em que a ditadura perseguia estrangeiros e judeus, favorecendo aos preconceitos de raça e religião, e preocupados em criar uma escola para todos, com o objetivo de ampliar o número de alunos.

Com a mudança para a sede na Protásio Alves, a Escola necessitava de instalações mais modernas para atender ao novo currículo pedagógico que contava com esporte, música, teatro e aulas de dança.

No final da década de quarenta, criaram-se vagas para o curso ginásial, que antes não existia. Em consequência disso, a escola passou de 156 alunos em 1945 para 254 alunos em 1947, o que ocasionou a construção de ambientes maiores e um ginásio para atender a esse público. No ano de 1952 foi lançada à pedra fundamental para construção do Colégio Israelita Brasileiro (CIB), nos moldes que se encontra hoje. No dia 07 de novembro de 1955, foi autorizado o funcionamento do curso ginásial no CIB. Em 1965 foi inaugurado o segundo pavilhão de salas de aula. Já no ano de 1969, inaugura-se o terceiro pavilhão de salas de aula do CIB. Nos anos 70 e início de 80 foram inauguradas a Biblioteca, o Novo Jardim de Infância e a Sinagoga do CIB.

Ao longo dos anos, o Colégio Israelita Brasileiro vai construindo um projeto pedagógico que procura atender, tanto pessoas de origem judaica quanto outros públicos. O Colégio Israelita, atualmente, pauta suas práticas num conjunto significativo de valores, fruto do judaísmo pulsante, rico em conhecimento, em força de grupo, em ideais. A cultura, tomada em sentido amplo, é o centro do seu projeto educativo. Os alunos são incentivados a buscar na literatura, na ciência, nas formas de expressão corporal e nas artes seus próprios espaços de realização pessoal e de auto-superação. A solidariedade, entendida como a responsabilidade uns pelos outros, é o sentido que o Colégio atribui à participação no espaço coletivo.

É por todas essas razões que o Israelita valoriza a memória, habilita seus alunos a uma participação produtiva num mundo plural e enfatiza a qualidade das relações humanas na formação de seus jovens (FRIEDMANN ; FISCHER, 1998).



Figura 1 – Fotos do Colégio Israelita Brasileiro
Fonte: www.colegioisraelitabrasileiro.com.br, 2008.

A visão do Colégio caracteriza-se por ser uma instituição reconhecida pela alta qualidade de ensino, cujo projeto educativo valoriza de forma marcante a cultura e as relações interpessoais através de práticas inovadoras e vinculadas à preparação para o empreendedorismo.

O sistema de avaliação nas séries finais e no ensino médio caracteriza-se por um processo sistemático e cumulativo de acompanhar, assistir e verificar o desenvolvimento do aluno em relação às metas estabelecidas e expressas nos objetivos educacionais do Colégio. A avaliação, em consonância com os objetivos previstos nas disciplinas, abrange aspectos qualitativos e quantitativos, incluindo:

- domínio de conhecimentos;
- desenvolvimentos de atitudes;
- habilidades.

Como expressão de resultados de avaliação do aluno de 5ª série em diante, é atribuída, em cada disciplina, valores numéricos de 0 (zero) a 10 (dez).

Considera-se 6,5 (seis e meio) o valor numérico de aproveitamento mínimo a ser obtido pelo aluno, ao término de cada trimestre letivo. A média anual é calculada da seguinte forma: $\frac{(1^{\circ} \text{ tri} \times 1) + (2^{\circ} \text{ tri} \times 2) + (3^{\circ} \text{ tri} \times 3)}{6}$

6

Os Projetos Transversais do Colégio Israelita Brasileiro são os seguintes:

- 1) Primeiros Passos – voltado à Educação Infantil, proporciona um espaço para a brincadeira e criação de vínculos.
- 2) Projeto Cultural – a Feira do Livro e o Israelita Debates organiza momentos para a socialização do conhecimento nas mais diversas áreas do conhecimento.
- 3) Relações Interpessoais – Através da participação no Grêmio Estudantil e da escolha dos representantes de turma, os alunos experimentam a democracia.
- 4) Empreendedorismo – O Núcleo Educacional de Empreendedores articula projetos interdisciplinares, com apoio do Sebrae e da iniciativa privada.
- 5) Ciência e Tecnologia – Os temas são apresentados através de feiras de ciências, debates e palestras.
- 6) Educação Judaica – O judaísmo é relacionado a temas contemporâneos nos Seminários de Estudos Judaicos.
- 7) Esporte Social – O Israelita é parceiro da dupla Grenal no desenvolvimento de atividades esportivas e solidárias.

O Colégio Israelita ainda possibilita Grupo de Estudos com seus professores, que trabalham Eixos Temáticos, para uma formação continuada de seus educadores, auxiliando no processo de qualificação da Escola. O grupo de estudos no qual pertence é o das Dificuldades de Aprendizagem e Inclusão, que possibilita estar inserido nos projetos e nas alternativas que a escola se propõe a trabalhar o tema inclusão escolar. O grupo se reúne em reuniões pedagógicas uma vez por mês, nas terças feiras das 18h às 19h30min. e em dois domingos no ano, das 9h30min às 11h30min.

6.3 Experiência pessoal e experiências de outras escolas privadas com projetos de bolsas de estudo através do esporte

As experiências que tive como professor, no início da minha carreira, foram diversas: escolinhas desportivas, pré-escola, academias de ginástica, clubes, principalmente na ACM (Associação Cristã de Moços) e no ano da minha formatura, em 1989, ingressei no Colégio Israelita Brasileiro.

Meu ingresso no Israelita foi talvez o primeiro momento de reconhecimento profissional na minha carreira, pois recebi um convite especial: deveria participar de um projeto da escola com o objetivo de desenvolver o esporte de competição, no qual a escola não tinha tradição.

Outra preocupação que tive após a graduação foi manter-me sempre atualizado na minha área de atuação. Assim, fiz vários cursos, inclusive alguns fora do Estado, principalmente vinculados ao futsal e futebol, além de participar de seminários de educação promovidos pelas instituições que trabalhei, entre elas, o Colégio Americano. Embora, com maior envolvimento no esporte de competição, sempre mantive atividade docente na disciplina de educação física na escola básica.

Na minha formação, o Curso de pós-graduação - Especialização em Pedagogia do Treinamento Esportivo, realizado na ESEF/UFRGS em 1999, foi uma experiência muito positiva que veio contribuir para a qualificação da minha prática docente, bem como, para estimular meu gosto pela pesquisa científica.

No exercício da docência de Educação Física minha maior preocupação refere-se à participação e motivação do aluno. Por essa razão, conhecer seus interesses, suas diferenças e dificuldades, é fundamental para o meu trabalho. Em minhas aulas aplico a “pedagogia do jogo condicionado”, metodologia esta incentivada pelas leituras do Dr. Júlio Garganta da Universidade do Porto. Esse método consiste na diversificação das técnicas aplicadas, visando à inclusão de todos a partir da responsabilidade de cada um no conjunto. O resultado depende da integração e mobilização de todos, pois essa técnica privilegia o coletivo e não o indivíduo.

Nas aulas, os alunos têm sempre um objetivo a alcançar, eles participam e interagem com os jogos apresentados, criando novas regras e adaptando situações que promovam a inclusão de todos na atividade.

Neste período, também trabalhei, em equipes de ponta de futsal e futebol como ACBF (Carlos Barbosa), E. C. ULBRA, S.C. Internacional e em escolinhas de futebol para formação de atletas.

Na continuidade da minha carreira profissional, o ano de 2003 tem grande significado, pois marca meu ingresso na docência do ensino superior. Fui admitido como professor do Centro Universitário LA SALLE, nas disciplinas de Futsal I e II, e Futebol I e II, do Curso de Graduação em Educação Física. Iniciei também, na Unisinos, como técnico da equipe universitária de Futsal.

Hoje atuo como professor de Educação Física em três instituições de Ensino privado: Colégio Israelita Brasileiro, Instituto Educacional São Judas Tadeu, ambos em Porto Alegre, e o Centro Universitário LA SALLE em Canoas.

Partindo da experiência de 19 anos distribuídos entre ensino infantil, fundamental, médio e superior, descrevo algumas vivências de projetos com bolsa de estudos através do esporte.

A primeira instituição a que me reporto é o Colégio Israelita Brasileiro. Nesta escola ingressei em 1989 e trabalhei até o ano de 2003. Nesses quinze anos de atividades com equipes de futsal e educação física escolar, a proposta da escola para bolsas de estudo, era para alunos carentes da comunidade, ou para alunos que de alguma forma estavam ligados à comunidade (filhos de professores, filhos de empregados da escola, ou filhos de empregados de pais da comunidade judaica, entre outras situações).

Em todos esses casos, as famílias não deveriam ter condições de pagar a mensalidade de forma integral. A minha observação, da situação desses bolsistas em relação ao convívio escolar, era que esses tinham grande dificuldade de incluir-se no contexto escolar. Na maioria das vezes, eram isolados por serem pobres, negros, terem dificuldade de acompanhar o ritmo da escola ou por não pertencerem a comunidade judaica. O resultado dessa situação era a reprovação ou a transferência de escola no meio ou no final do ano letivo dos alunos bolsistas.

Muitas vezes em conselhos de classe nos finais de ano, ouvia da coordenadora pedagógica e da coordenadora educacional, o seguinte relato: “[...] os alunos bolsistas e suas famílias nos dizem que estão trocando de escola, por dificuldade de relacionamento, e por não conseguirem acompanhar o ritmo da escola”.

Trago também como referência, o trabalho realizado em outras escolas com bolsas de estudo, e a experiência que através do convívio esportivo, esses alunos beneficiados com as bolsas, possuem maior possibilidade de incluir-se no contexto escolar. Pois, o fato de representarem a escola em competições esportivas, conviverem com os alunos que integravam as equipes esportivas, e com o auxílio do professor responsável pelas equipes, os alunos bolsistas passam a ser respeitados e acolhidos no meio escolar.

Para minha surpresa, ao retornar para trabalhar no Colégio Israelita Brasileiro em 2007, deparei-me com uma proposta da escola iniciada no segundo semestre de 2004, chamado “Projeto Esporte Social”, que tem como um dos objetivos, fornecer bolsas de estudo a atletas dos dois clubes de futebol mais importantes do estado do Rio Grande do Sul.

Esse projeto é o motivo da minha pesquisa, pois quero verificar se através do esporte, a escola consegue incluir esses alunos. O “Projeto Esporte Social” será descrito no item 6.3 deste capítulo.

Outro exemplo que relato agora é de uma escola metodista de Porto Alegre. Esta instituição sempre teve tradição no esporte escolar, e também é conhecida por fornecer bolsas de estudos a atletas carentes de diversas modalidades desportivas.

O critério para esta escola fornecer bolsas de estudos, de acordo com informações obtidas junto aos professores da escola, é o seguinte:

- Ser carente, isto é, com a comprovação de renda do pai ou responsável pelo aluno de até dois salários mínimos;
- Estar com a idade escolar de acordo com a faixa etária da série em que vai ingressar na escola (ex: quinta série 11 anos);
- O aluno ter potencial para o esporte;
- Ser indicado pelos professores responsáveis pelas equipes escolares, isto é, o professor responsável pela equipe esportiva da escola, é que faz o contato com os alunos, seus familiares e técnicos ou professores responsáveis pelo aluno/atleta. Os alunos/atletas são selecionados em competições escolares ou em competições de federações esportivas.

A escola fornece 100% de bolsas de estudo para estes alunos, também auxilia com almoço grátis nos dias de treinos, no refeitório da escola. Os alunos bolsistas que possuem dificuldade na área pedagógica recebem o auxílio do NAP (Núcleo de Apoio Pedagógico). A escola não fornece auxílio para compra de material escolar,

uniforme e passagem escolar. As bolsas são renovadas mediante aprovação do aluno no ano escolar e apresentação de todos os documentos, comprovando a carência.

Os relatos dos professores responsáveis pelas equipes esportivas mencionaram que esses alunos mantêm um ótimo relacionamento com os outros alunos da escola, não percebendo nenhum tipo de discriminação. Observam, sim, o respeito, a amizade, e a afetividade entre os seus pares. Eles também observaram que existe alguma diferença entre os alunos, quando, ao final do ano, as turmas que se formaram, viajam para o Nordeste, nessa situação, só realizam o passeio os alunos que têm aporte financeiro.

Neste momento cabe destacar um fato, que vivenciei, quando observei um estagiário do Centro Universitário Lasalle, em uma escola particular situada no centro de Porto Alegre no primeiro semestre de 2007. Ao observar esse estagiário, me deparei com um ex-aluno bolsista da instituição metodista citada anteriormente. Ao conversar com esse ex-aluno, verifiquei que o mesmo integrava o quadro de professores de Educação Física da escola onde fui supervisionar o estagiário. No meio de nosso diálogo, citei meu tema de pesquisa de mestrado, e para minha surpresa ouvi deste aluno os seguintes relatos:

“[...] se não fosse a possibilidade de ingressar numa escola privada através do esporte, ganhando bolsa de estudo, hoje eu estaria vendendo drogas, junto com meu irmão”.

“[...] foi graças à possibilidade de estudar em uma escola particular, e conviver com outras pessoas e outro meio social, que me tornei um professor”.

“[...] sentia alguma discriminação na escola por alguns colegas, principalmente por não possuir alguns bens materiais, não poder comer no Mac Donalds, não poder freqüentar algumas festas e por ser negro”.

Tais situações reforçaram meu interesse de pesquisa, pois ao verificar tais situações, busquei analisar como a escola esta preparada para incluir e promover a igualdade dos alunos bolsistas negros, atletas e oriundos de classes populares com os outros alunos do Colégio.

Outro exemplo que descrevo é de uma escola confessional de Porto Alegre, esta escola mantinha um convênio de bolsas de estudos com uma instituição esportiva da cidade. O convênio terminou no momento em que estes alunos bolsistas terminaram o terceiro ano do ensino fundamental, no ano de 2006.

A partir desse momento abriu-se a possibilidade de novas bolsas de estudos para atletas, o novo projeto partiu do interesse do técnico de futebol da instituição e da coordenadora de esportes. O projeto foi levado para direção no final do ano de 2006 e foi aprovado pela mesma.

Os critérios para seleção dos bolsistas de acordo com informações da escola são os seguintes:

- Serem selecionados pelo técnico da escola, que também é técnico de futebol de uma equipe importante de Porto Alegre;
- Ter o aval da assistente social dessa equipe de futebol de Porto Alegre;
- A família estar comprometida com o projeto da escola;
- Estar na faixa etária referente a sexta e a sétima série escolar (12 e 13 anos);
- Comprometer-se no que diz respeito ao comportamento e ao desempenho escolar.

O professor responsável pelo projeto relatou-me que foram cinco os atletas escolhidos, mas no final do processo de seleção, apenas três ganharam as vagas.

A escola oferece 100% de bolsas de estudos para esses meninos, no que diz respeito ao material escolar e uniforme. O professor responsável pelo projeto conseguiu os livros com alunos que já tinham passado pelas séries nas quais os bolsistas estão cursando. Parte do uniforme, para os bolsistas, foi adquirido no setor de achados e perdidos da escola.

A alimentação nos dias de treinos é realizada no bar da escola e é subsidiada por uma família da comunidade escolar, com a qual o professor responsável pelo projeto entrou em contato e conseguiu o auxílio. O transporte para esses alunos freqüentarem a escola é fornecido pela coordenadora de esportes, através de vales transporte, adquiridos pela verba que a escola destina ao setor de esportes. O auxílio pedagógico é realizado pela coordenadora de esportes, nos horários em que essa dispõe para coordenação, e pelas alunas das séries mais avançadas que freqüentam as equipes esportivas.

O relato da coordenação esportiva e do professor da equipe de futebol da escola, no que diz respeito à relação desses meninos com a comunidade escolar, é que eles são bem quistos pelos seus colegas e, de certa forma, são referência esportiva para os colegas, principalmente por jogarem em um clube de futebol de ponta do Brasil. Os professores ainda relatam que esses meninos são convidados

sistematicamente para freqüentar e dormir nas casas dos colegas, eles participam de trabalhos em grupos e atividades sociais.

A escola contribui pouco no aspecto de infra-estrutura para os bolsistas, mas todos os professores conhecem o projeto e auxiliam de alguma forma, seja no adiamento de provas (viagem dos atletas), seja auxiliando com material pedagógico.

A direção da escola está satisfeita com o resultado do projeto, pois a equipe de futsal da escola, na qual esses meninos participam, está tendo ótimo desempenho, contribuindo para a divulgação de uma imagem positiva da escola perante a comunidade.

Os exemplos citados contribuem para estimular uma análise minuciosa e comparativa do “Projeto Esporte Social”, realizado no Colégio Israelita Brasileiro, com objetivo de incluir atletas negros oriundos de classes populares e os projetos de bolsa de estudos para atletas, de outras escolas particulares de Porto Alegre.

6.4 Projeto Esporte Social

O “Projeto Esporte Social” desenvolvido no Colégio Israelita Brasileiro, localizado na cidade de Porto Alegre, é o objeto de pesquisa deste trabalho, que pretende verificar o processo de inclusão na escola privada, através de bolsas de estudo, de adolescentes negros oriundos de classes populares e atletas dos dois principais clubes de futebol do Rio Grande do Sul.

O Colégio Israelita Brasileiro, uma instituição de ensino, fundamentada nos valores judaicos, iniciou a parceria com o S.C. Internacional e o Grêmio F.P.A. no segundo semestre de 2004, beneficiando sete meninos. O “Projeto Esporte Social” é coordenado pela direção do Colégio, com apoio do grupo de professores, funcionários da escola e voluntários da comunidade judaica.

6.4.1 Descrição do projeto esporte social

O “Projeto Esporte Social” iniciou no segundo semestre do ano de 2004, exatamente do dia 31 de agosto às 18h, com a formalização do primeiro convênio, entre o Colégio Israelita Brasileiro e o Grêmio Futebol Porto Alegrense.

A equipe responsável pelo projeto é composta, na sua coordenação geral pelas diretoras da escola Lizete Wolkind e Roseli Jacoby. O apoio estratégico foi de responsabilidade de Beto Turquienitch. O apoio técnico foi realizado por João Willy Cerski, o apoio de marketing foi coordenado por Gabriel Besnos.

Os objetivos do “Projeto Esporte Social” são os seguintes:

- Integrar e fomentar a aproximação dos processos de educação formal e prática esportiva;
- Formar jovens norteados pelo equilíbrio entre “corpo e mente”;
- Desenvolver, em parceria com fortes instituições ligadas ao esporte, atividades recreativas, educativas, esportivas e de assistência, que visem ao bem social dos atletas e alunos beneficiados pelo projeto.

Em função da parceria do Colégio Israelita Brasileiro com as duas principais instituições futebolísticas do Rio Grande do Sul, a escola criou logomarcas para representar o projeto.

Logomarcas:



Os conceitos das logomarcas têm os seguintes significados:

- A bola como um símbolo universal dos esportes;
- A relação entre a circunferência maior e a menor, representando os movimentos de integração propostos pelo projeto;
- O foco no crescimento, no desenvolvimento do corpo e da mente;
- Referência à logomarca do Colégio Israelita Brasileiro.

Inseridos nesse contexto da logomarca, outros conceitos da escola fazem parte do projeto:

- “A gente acredita na sua estrela” - no seu talento, no seu potencial;
- O esporte acredita no social, no indivíduo;
- Os valores judaicos da solidariedade abraçam o projeto;
- O Colégio Israelita inserido num mundo plural, levando seus valores para outras comunidades.

No contrato estabelecido entre as partes, cada instituição assumiu as seguintes responsabilidades:

- Cooperação do Colégio Israelita Brasileiro:
- Bolsas de estudos aos atletas das categorias de base;
- Reforço pedagógico aos atletas do clube (laboratório de estudos) – equipe de professores e monitores;
- Cônsul Escolar;
- Torcida Israelita (projeto: A escola vai ao jogo);
- Projetos sociais (ações de voluntariado e assistência social);
- Divulgação das atividades esportivas do clube;
- Espaços publicitários para o Clube na Escola;
- Palestras que visem o enriquecimento educativo e cultural dos atletas do Clube.

Cooperação dos Clubes de futebol:

- Intercâmbios e estágios dos nossos professores de Educação Física junto aos profissionais técnicos do Clube;
- Competições entre as equipes do clube e da Escola;
- Participações dos atletas da categoria “Sub 14” que estiverem matriculados no Israelita em competições oficiais em que a escola se faz presente;
- Uso dos campos de futebol dos Clubes;
- Apoio e envolvimento do Clube aos projetos sociais da Escola;

- Divulgação das atividades escolares e esportivas da escola;
- Palestras de profissionais técnicos aos profissionais e alunos da Escola.

O “Projeto Esporte Social” iniciou (2004) com a parceria do Colégio Israelita Brasileiro, do S.C. Internacional e do Grêmio FPA, onde a escola destinou sete bolsas de estudos, para sete atletas de diversas categorias.

Hoje (2008) fazem parte do projeto oito meninos bolsistas, dois meninos saíram da escola, o motivo foi dedicar-se apenas ao futebol, e três novos ingressaram no ano de 2008.

O critério para seleção das bolsas de estudo partiu dos Clubes, a escola colocou a disposição às bolsas de estudo, e os clubes selecionaram os atletas. A seleção foi realizada através do oferecimento das bolsas de estudo, pelas assistentes sociais dos clubes aos atletas que teriam interesse em estudar no Colégio Israelita Brasileiro.

É de domínio público que ambas instituições esportivas primam pelo interesse que seus atletas além de jogar futebol, estudem em boas escolas, os meninos deveriam participar das equipes sub 13 e sub 15 dos respectivos clubes, não houve distinção por classe social ou cor no oferecimento das bolsas, e sim interesse das famílias e dos atletas em estudar na escola.

A representatividade dos meninos bolsistas no ano de 2008 está distribuída da seguinte forma em relação à cor da pele e classe social: seis meninos negros e dois brancos, seis meninos oriundos de classes populares, e dois com razoável aporte financeiro. Na distribuição das séries, eles estão dispostos da seguinte forma: dois alunos cursando o segundo ano do ensino médio, um aluno cursando o primeiro ano do ensino médio, um aluno cursando a sétima série do ensino fundamental e quatro alunos cursando a oitava série do ensino fundamental.

O fato de alguns meninos do projeto não pertencerem mais aos quadros das equipes de futebol das instituições parceiras, não os elimina do direito das bolsas de estudo que o Colégio Israelita fornece. No ano de 2007, foi o caso de três meninos que fazem parte do projeto, em 2008 cinco atletas continuam jogando nas equipes de ponta do futebol gaúcho.

A representatividade dos alunos bolsistas para os critérios da pesquisa, vai deter-se em quatro alunos, que possuam as seguintes características: ser negro, atleta e oriundo de classes populares. Esses aspectos vêm ao encontro do interesse da pesquisa, dois meninos com essas características ingressaram na escola no final

do mês de abril no ano de 2008, já com a pesquisa em andamento, dificultando a possibilidade de estudo.

Unindo esses pressupostos acredito ser possível investigar se o “Projeto Esporte Social” contribuí para o processo de inclusão dos alunos negros e atletas oriundos de classes populares na escola privada, através do futebol.

7 PROCESSO METODOLÓGICO

7.1 Metodologia

Nesta seção, aponto os referenciais teórico-metodológicos que conduziram a investigação em questão. Entendo que o desenho da pesquisa está relacionado à intencionalidade e afetividade do investigador. Portanto, a decisão por um determinado paradigma demonstra o entendimento que tenho a respeito do fenômeno que me proponho a estudar e poderá fornecer um melhor encaminhamento dos resultados obtidos no campo de estudo.

Para Molina (1999), são os diferentes propósitos, aliados a diferentes perspectivas teóricas, que justificam e dão lugar a uma variedade de instrumentos e procedimentos de coleta de dados e que caracterizam os distintos tipos de saberes construídos. Por isso, esta investigação deve ser coerente com o marco teórico exposto anteriormente e com os objetivos propostos pelo investigador.

7.2 Caracterização do estudo

Embora não haja um consenso em relação ao conceito de pesquisa qualitativa (André, 1995), concordo com Minayo (1994) quando diz que é o tipo de investigação que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Portanto, a opção que faço pelo estudo de corte qualitativo se dá em função do entendimento que, dessa forma, melhor poderei descrever, interpretar, explicar, e

compreender as percepções e os significados que um grupo em particular atribui às suas práticas e vivências cotidianas.

Outra característica que me leva a entender como uma pesquisa qualitativa é a não pretensão de generalizar os resultados obtidos no campo de investigação, mas procurar contextualizá-los para o grupo específico estudado.

A base analógica desse tipo de investigação se centra na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada. Isto significa que nas pesquisas de corte qualitativo não há preocupação em generalizar os achados (NEGRINE, 1999, p. 61).

Entretanto, alguns autores como André (1995) preferem a denominação mais precisa para designar o tipo de pesquisa a ser realizada, entendendo que os termos qualitativos e quantitativos servem para diferenciar técnicas de coleta de dados ou, até, para indicar o tipo de dado obtido. Concordo com André porque acredito que o termo qualitativo é bastante amplo, necessitando de uma designação mais específica, portanto, esse estudo terá um viés qualitativo e será do tipo estudo de caso.

Segundo Bogdan ; Biklen (1994), estudo de caso é o método de estudo, formação e investigação, que implica uma observação detalhada de diversos aspectos de um contexto ou indivíduo, ou, ainda, um acontecimento específico, tendo sua área de trabalho delimitada e, como, objetivo básico, a compreensão, o significado dessas experiências.

Já Stake (1999) posiciona-se descrevendo que a expectativa em relação a um estudo de caso é que esse abranja a complexidade de um caso particular, através da busca do detalhe da interação com seus contextos.

Para Possebon (2004, p. 53):

Um estudo de caso significa uma tarefa que tem como objetivo a tentativa de aprofundar o nível de compreensão de um momento que está sendo vivido por um “organismo humano” (alunos, turmas, professores, funcionários, instituição escolar como um todo, tudo isso junto ou isoladamente inserido em um determinado contexto); sendo particularmente adequado para lidar com problemas da prática e ampliar o conhecimento sobre vários aspectos da educação.

Contribuindo com essa afirmação, para Yin (2001), estudo de caso é uma investigação de natureza empírica, e se baseia fortemente no trabalho de campo. Estuda uma dada entidade no contexto real, tirando todo o partido possível de fontes múltiplas de evidência, como entrevistas, observações, documentos e artefatos.

Possebon (2004), nessa mesma linha, define estudo de caso como um tipo de pesquisa que representa uma estratégia de investigação que examina um fenômeno no seu estado natural, empregando múltiplas técnicas de coleta e tratamento de dados sobre uma ou algumas entidades (pessoas, grupos, instituições), podendo, ao mesmo tempo, analisar o micro ou mesocontextual do caso.

Nesse sentido, o objeto de estudo proposto na investigação, possui as características de um estudo de caso, pois a investigação será realizada em uma escola particular de Porto Alegre, que propõe a inclusão de alunos negros, atletas e oriundos de classes populares, através do “Projeto Esporte Social”.

7.3 Critério de seleção da escola

Os critérios de seleção da escola particular que participou da pesquisa foram os seguintes:

- Escola com tradição no ensino da Educação Física e na prática esportiva;
- Escola que possua um coordenador de área e um setor de esportes específico;
- Escola que possua projeto de inclusão através do esporte;
- Escola que facilite a observação do pesquisador, e esse tenha livre trânsito pelas dependências da instituição e fácil acesso as informações desejadas;
- Escola que aceite e participe da proposta de investigação.

7.4 Os participantes

A pesquisa foi realizada no Colégio Israelita Brasileiro localizado na cidade de Porto Alegre e contou com a participação da direção e coordenação da escola, alunos da escola, alunos do “Projeto Esporte Social” e professores da instituição.

Os critérios para investigar alunos negros, atletas e oriundos de classes populares é que estes são fatores de discriminação ao longo da história, conforme já demonstrado anteriormente. Entre os alunos participantes do “Projeto Esporte Social” no ano de 2007, foram quatro os escolhidos, que se enquadram nas

características propostas para o estudo, foram identificados neste trabalho da seguinte forma: aluno A, B, C e D.

Os professores que participaram das observações foram: o professor de Educação Física e o professor regente da turma, o primeiro por estar em contato permanente com os alunos inseridos no projeto num ambiente mais descontraído que a sala de aula. Também por este ser o treinador das equipes de futebol da instituição, na qual os adolescentes do projeto também fazem parte, e por esse professor pertencer à mesma área de formação do pesquisador.

Já o segundo, o regente da turma, pelo motivo de ter a visão desses alunos dentro de sala de aula, num ambiente mais formal. Também por ter todas as informações dos outros professores, a respeito do desempenho escolar e das relações afetivas dos meninos com seus colegas, nas salas de aula.

O critério de escolha das pessoas que ocupam os cargos diretivos na participação das observações, são os seguintes:

A diretora administrativa por ser a mentora do projeto, isto é, podendo contribuir com todas as informações a respeito do “Projeto Esporte Social”, além de participar ativamente do processo de inclusão e bem estar dos meninos na escola. A coordenadora pedagógica por ter uma relação mais estreita com as famílias dos meninos do “Projeto Esporte Social”, e ter um contato mais pessoal com os meninos, conhecendo seus problemas e ansiedades, que esses encontram durante sua estada na escola.

7.5 Negociação de acesso

O primeiro passo para a permissão de minha entrada na escola foi realizado no período de fevereiro de 2007 quando fui re-contratado pela escola, para trabalhar na área de Educação Física. No contato pessoal que fiz com a diretora administrativa da instituição, coloquei como condição de retorno, a possibilidade de executar no Colégio, a minha pesquisa de mestrado, condição essa, que foi aceita prontamente pela diretora administrativa.

Colocarei à disposição da escola uma cópia da pesquisa para que qualquer um dos envolvidos possa ter acesso aos objetivos, à natureza do trabalho e às suas finalidades.

7.6 Instrumentos de coleta de informações

Respeitando as características da pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, assim como, o problema a ser investigado, utilizei como instrumentos de coleta de dados, a observação participante, a análise documental, a entrevista semi-estruturada e o diário de campo.

7.6.1 A observação participante

Desde que nascemos e participamos do mundo em que vivemos, somos dignos da capacidade de observar, observamos tudo aquilo que de alguma forma nos diz respeito. A partir do momento que acordamos começamos a observar, esse é o nosso método básico para conseguir as informações sobre o mundo que nos cerca.

A observação participante é, também, um instrumento bastante importante no desenvolvimento do estudo de caso. Sua importância reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real (CRUZ NETO, 1994).

Conforme Molina (1999), a observação participativa é uma técnica pela qual o investigador se introduz no mundo social dos sujeitos estudados, observa e trata de averiguar o que significa ser membro desse mundo. São tomadas notas detalhadas dos acontecimentos presenciados e mais tarde esses apontamentos se organizam e são codificadas de modo que o investigador possa descobrir os padrões dos acontecimentos que se produzem neste mundo.

Para Negrini (1999), podemos olhar algo sem extrair informações ou sem perceber aspectos relevantes. Para o autor, a observação se tornará relevante cientificamente, quando esse instrumento de coletas de dados, for contínuo e sistemático, com a função de registrar determinados fenômenos e comportamentos.

Conforme o autor, as observações são classificadas por modalidades e estratégias de observação. No que diz respeito ao meu objeto de estudo a categoria que vou me inserir, será de acordo com o papel desempenhado pelo observador.

Nesse caso a observação poderá ser: participante ou ativa; não participante ou passiva.

No meu estudo optei pela observação participante ou ativa. Para André (1995), a observação é chamada participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado. A observação é uma atividade que envolve muita atenção, percepção e memória. No estudo qualitativo, é interessante que seja realizada no contexto real dos indivíduos que estão sendo observados, no local onde desenvolvem suas práticas.

Negrini (1998), descreve que o fundamental na observação, na maioria das vezes, não é a quantidade de participantes a serem observados para a avaliação do estudo, mas sim, a observação em profundidade, por aportar elementos significativos de determinadas situações.

Neste sentido observei os seguintes situações de inclusão e exclusão no contexto escolar:

- As aulas de educação física e a relação dos alunos do colégio, com os colegas do “Projeto Esporte Social”;
- Os eventos proporcionados pela escola (festas, jogos, feiras, passeios) e a participação dos alunos do projeto;
- O dia a dia dos alunos do projeto na escola, como (recreio, horários livres, sala de aula, atividades que necessitem formação de grupos) e as participações dos alunos do projeto;
- Eventos sociais extracurriculares da comunidade como (barmitzva, festas) e a participação dos meninos do projeto;
- Reuniões de professores e conselhos de classe e as opiniões sobre os alunos do projeto;
- A visão dos professores e das pessoas que ocupam cargos diretivos sobre os meninos do projeto.

Para qualificar a pesquisa, segui uma pauta de observações, que me auxiliou no trabalho de observação. Comecei a fazer as primeiras observações em abril de 2007 finalizando em junho de 2008, conforme apêndice A. Nas descrições das observações tomei como referência Dayrell (1983).

7.6.2 A entrevista semi-estruturada

Vários autores destacam a entrevista como um dos principais instrumentos de coleta de dados em pesquisa qualitativa.

Negrini (1999) diz que a finalidade da entrevista está em permitir o aprofundamento das questões e esclarecer os problemas observados.

Se constitui em estratégia utilizada para obter informações frente a frente com o entrevistado o que permite, ao entrevistador, o estabelecimento de um vínculo melhor com o indivíduo e maior profundidade nas perguntas que previamente elaborou como roteiro (NEGRINE, 1999, p. 73).

As entrevistas ainda podem ser classificadas como: estruturada, onde as perguntas são previamente determinadas, não havendo a possibilidade de mudanças no decorrer do questionamento; semi-estruturada, onde existe um roteiro básico, mas permite a interferência do pesquisador para o complemento das informações, através de outras perguntas que não estavam previstas e que surgiram no decorrer da entrevista; e a não estruturada, quando permite a realização de explorações e persegue pistas na tentativa de obter maior profundidade de informação (NEGRINE, 1999).

Escolhi a entrevista semi-estruturada por achar a que melhor se adapta ao desenho de investigação proposta, igualmente permite um maior contato do pesquisador com o entrevistado e ao mesmo tempo, delimita algumas funções. Também utilizei a entrevista semi estruturada no estudo, por entender que a opinião dos beneficiados pelas bolsas de estudo, seria de suma importância no problema pesquisado.

As entrevistas foram realizadas com três, dos quatro alunos observados (B, C e D), do “Projeto Esporte Social”, sua ênfase foi indagar os três alunos no sentido de verificar como estes percebem o “Projeto Esporte Social” nas seguintes perspectivas:

- As aulas de educação física e a relação dos alunos do colégio, com os colegas do “Projeto Esporte Social”;
- Os eventos proporcionados pela escola (festas, jogos, feiras, passeios) e a participação dos alunos do projeto;
- O dia a dia dos alunos do projeto na escola, como (recreio, horários livres, sala de aula, atividades que necessitem formação de grupos) e as participações dos alunos do projeto;

- Eventos sociais extracurriculares da comunidade como (barmitzva, festas) e a participação dos meninos do projeto;
- A visão dos meninos do projeto sobre os professores, colegas e a escola;
- A opinião dos quatro alunos participantes sobre o “Projeto Esporte Social”;
- A opinião da família sobre a escola e o projeto;
- A importância do futebol e a relação dos meninos no clube.

Todas as entrevistas foram realizadas no dia 06/06/2008, na sala dos professores de Educação Física do Colégio Israelita Brasileiro. A primeira entrevista foi realizada com o aluno C, iniciando às 11h30min, a segunda entrevista com o aluno B e a última com o aluno D, terminando por volta das 12h45min. O aluno A não participou da coleta de dados, porque estava afastado da escola há algumas semanas por problemas de saúde. Foram feitas em torno de vinte e sete perguntas para cada aluno, seguindo um roteiro previamente estabelecido. As entrevistas foram gravadas e transcritas conforme apêndice B. O aparelho utilizado para as entrevistas foi um gravador do tipo Panasonic Modelo Nº RN-305.

7.6.3 Análise documental

Para Birk (2004), os documentos são uma fonte “natural” de informações, onde podem ser retiradas evidências que fundamentam afirmações ou declarações do pesquisador, dentro do contexto do estudo.

São considerados documentos qualquer material escrito que possa ser usado como fonte de informação sobre o comportamento humano, que segundo Ludke e André (1986), incluem: leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, jornais, livros, discurso, programas de rádio e televisão, memorandos, arquivos, revistas, discursos, entre outros.

Entendo que os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, explicitar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes (André, 1995).

Muitas vezes os documentos registram elementos que não aparecem nas entrevistas e nas observações, constituindo-se em outro importante instrumento de coleta de dados.

Os documentos analisados foram:

- documento que descreve o “Projeto Esporte Social”;
- documentos que explicitem a Filosofia e o projeto político pedagógico da escola;
- documentos sobre o rendimento dos alunos do projeto na escola (boletim de avaliação);

É importante observar que os documentos analisados tiveram a aprovação do contexto escolar.

7.6.4 Diário de campo

O diário de campo constitui-se em um instrumento de grande uso pessoal para o investigador. Nele o pesquisador pode colocar seus sentimentos, suas reflexões e suas percepções a respeito de como está observando o fenômeno que está sendo estudado.

Cruz Neto (1994), define o diário de campo:

Como o próprio nome já diz, esse diário é um instrumento ao qual recorreremos em qualquer momento da rotina do trabalho que estamos realizando. Ele, na verdade, é um ‘amigo silencioso’ que não pode ser subestimado quanto à sua importância. Nele diariamente podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidos através da utilização de outras técnicas. (1994, p. 63).

Segundo Bodgan ; Biklen (1994), as anotações de campo devem conter uma parte descritiva e outra reflexiva. A primeira parte deve registrar o que ocorre no campo, a descrição dos sujeitos, locais, diálogos, eventos, atividades, ações e comportamentos. Já na segunda parte, ficam registradas as anotações pessoais do observador, tais como, os conflitos, problemas, dúvidas, surpresas, decepções.

Para Negrini (1999), o diário de campo deve cumprir alguns requisitos fundamentais para se ter sucesso na pesquisa. São eles:

- a) ter atenção contínua e seletiva no objeto de estudo;
- b) descrever os fatos com objetividade, isto é, evitar o uso de metáforas;
- c) apresentar curiosidade frente aos aspectos pouco evidenciados;
- d) verificar, de forma permanente, se as informações recolhidas se ajustam aos objetivos do estudo;
- e) redefinir os objetivos do estudo, quando for o caso, frente às evidências registradas.

O diário de campo foi muito útil para o desenvolvimento do trabalho, porque me ajudou a registrar e a relembrar as observações realizadas. Além de registrar o comportamento, as atitudes e os diálogos dos sujeitos observados, o diário pode sugerir novas perspectivas e a necessidade de alguns ajustes nos demais instrumentos da pesquisa.

8 ANÁLISE DOS DADOS EMPÍRICOS

8.1 Análise dos dados empíricos, observações e entrevistas

As análises das informações foram realizadas a partir dos resultados obtidos nas entrevistas semi-estruturadas com os alunos do Projeto Esporte Social, estas efetuadas no dia 06/6/2008, conforme apêndice B, nas observações participativas registradas no diário de campo, conforme apêndice A, na leitura dos documentos da escola, e tendo como referência o marco teórico da pesquisa. Compreendem a descrição e a interpretação dos resultados obtidos com a pesquisa de campo.

O conteúdo das entrevistas e das observações serviu como base para a construção das categorias de análise.

Nesse sentido, para Berwanger (2005), categorizar as informações significa agrupá-las a partir de características comuns, elaborando-se então uma determinada classificação. Para o autor, este tipo de procedimento pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa.

O processo que utilizei para sistematizar as categorias iniciou com a análise de trinta observações. Depois elas foram classificadas em cinco grandes grupos. O primeiro refere-se às aulas de educação física e à relação dos alunos do colégio com os colegas do projeto. O segundo, aos eventos proporcionados pela escola e a participação dos alunos do projeto. O terceiro, ao dia-a-dia dos alunos do projeto na escola. O quarto, aos eventos extracurriculares, e o quinto grande grupo, às reuniões de professores e às conversas informais na escola.

A partir destes cinco grandes grupos, conforme apêndice C, as observações foram classificadas em pequenos grupos, referentes a cada situação observada. Entre estes pequenos grupos cito: integração dos alunos, admiração pelos alunos

do projeto, auto-exclusão, solidariedade, exclusão dos colegas e da escola, formação de professores, inclusão, projetos de inclusão, auto-elogio, marketing, família, diferenças sócio-culturais entre outros.

Após as observações, foram feitas as entrevistas, cada uma com vinte e sete a trinta perguntas para cada aluno, durou em torno de trinta minutos, elas foram elaboradas de acordo com as observações realizadas, e as sugestões da banca de qualificação. Através das respostas formaram-se novos grupos como: integração escolar, importância do futebol e ascensão social, inclusão social e escolar, projeto esporte social, exclusão social e escolar, conforme apêndice D.

O terceiro passo foi analisar e classificar as observações e as entrevistas, conforme seus conteúdos. Elas foram classificadas em cinco categorias de análise, e para melhor sistematizar a apresentação, foram divididas em dez subcategorias:

1) Integração Escolar

- Situações características de integração escolar;
- Solidariedade entre os alunos do Projeto.

2) Futebol com meio de inclusão e ascensão social

- O futebol como perspectiva de ascensão social;
- O futebol com de meio de inclusão social e escolar.

3) Inclusão Escolar e Social

- Situações características de inclusão escolar;
- Situações características de inclusão social.

4) A escola e o Projeto Esporte Social

- A família, a escola, os alunos e o Projeto Esporte Social;
- A visão dos alunos do projeto sobre o Projeto Esporte Social.

5) Exclusão social e escolar

- Situações características de exclusão social e escolar;
- Diferenças sócio-culturais.

8.2 Integração escolar

Início a análise dos resultados pelo tema integração escolar, pois compreendo que as escolas ainda continuam com grande dificuldade de captar a diferença que há entre ações inclusivas e ações integradoras. Muitas vezes as escolas

compreendem que estão incluindo seus alunos, mas estão apenas integrando os mesmos no contexto escolar. Para exemplificar esta diferença tomo como referência o conceito de integração de Mantoan (2006) e Mittler (2003).

8.2.1 Situações características de integração escolar.

Este item destaca durante as observações realizadas, algumas situações que se caracterizaram por integrar os alunos do “Projeto Esporte Social” na escola e no contexto social da comunidade. As principais situações observadas foram ações individuais de professores para tentar minimizar a diferença social e cultural entre os alunos da escola e os do projeto. Para colaborar com esta análise me reporto a Araújo (1998), quando esse descreve que as escolas não devem ter “super-professores” e sim, tomar para si a responsabilidade de trabalhar as diferenças.

Exemplifico essas ações integradoras nas observações abaixo:

Em conversa com a diretora, na sua sala, ela me relatou que tinha alugado do seu próprio bolso, duas vezes, trajes sociais para os alunos, do projeto, irem às festas de Barmitzva². (Dia 06/06/07 das 10h às 10h30min).

Participando do conselho de classe de avaliação das turmas ouvi o depoimento da professora H comentando que emprestou seus livros para o aluno D estudar. (Dia 20/12/07 das 15h30 às 17h).

Fui assistir ao jogo final da liga escolar de futsal no Colégio Farroupilha, na categoria mirim entre os colégios Israelita e Bom Conselho e, após o final da partida, eu e o técnico fomos jantar para comemorar a vitória, tendo antes levado os dois alunos do projeto em casa. (Dia 05/12/07 quarta-feira às 18h).

Essas observações demonstram que a escola ainda depende da “boa vontade” de seus professores, funcionários e cargos de comando que, por iniciativa individual, realizem ações para proporcionar aos alunos, menos favorecidos socialmente e culturalmente, situações que visam a reduzir as diferenças num contexto diverso do seu. Ações como: emprestar livros e alugar roupas que os alunos não têm condições de comprar; levar os alunos do projeto para casa após o jogo, já que os outros colegas mais aquinhoados tiveram pais assistindo os jogos e levaram seus

² *Bar mitzva* – é uma festa que se comemora a maioridade judaica dos meninos. Esta festa é realizada aos treze anos. Acontece uma cerimônia religiosa na sinagoga, onde os meninos devem ler capítulos da Tora (livro sagrado do judaísmo).

filhos de carro para casa. Não são raras as vezes que o técnico é quem acaba assumindo essa função.

Essas são ações integradoras individuais, que tentam reparar a diferença que existe entre os alunos que freqüentam a escola e os alunos do projeto.

O nosso desafio é estender ações a um número cada vez maior de crianças, jovens, escolas e comunidades, com o principal propósito de contribuir para a aprendizagem, e o sucesso profissional de todos.

Observa-se que, para o corpo diretivo da escola ou para seus professores, o conceito de integração ainda não está claro. Muitos querem falar em inclusão escolar, mas citam a palavra integração, outros relatam fatos de integração achando que é inclusão escolar. No conselho de classe final da oitava série, observei o seguinte fato:

Sobre o aluno D, os professores comentaram que ele está bem integrado com a turma, tem um bom potencial intelectual e possui uma ótima auto-imagem. (Dia 20/12/07 das 15h30 às 17h).

Nessa perspectiva para os professores integrar é um fato positivo, mas de acordo com o conceito de integração e inclusão de Mantoan (2006), os professores parecem compreender o que seja uma educação inclusiva, entretando se utilizão da expressão integração.

Em entrevista com o aluno C, quando indagado sobre as diferenças sócio-culturais entre ele e seus novos colegas, quando ingressou na escola, ele respondeu as perguntas exemplificando por meio de situações que demonstram sinais claros de integração escolar.

Com essa chance consegui plantar várias amizades, tive um pouco de sorte, os meninos e as garotas gostam de mim, acho que tive uma sorte muito grande deles gostarem de mim. (aluno C).

Pior, que no começo quando eu entrei, eu pensei nisso, fiquei bem assim, porque não sou judeu, pode me complicar. Mas com a conversa que tive com a coordenação e com os professores, eles me deram uma confiança muito grande, e me deixaram bem pleno como eu tinha que fazer, como eu tinha que agir, mais ou menos assim. Acho que eu dei certo, ainda bem. (aluno C).

Acho que no começo eles não tratavam bem, ficou meio assim, acho que era porque não me conheciam, até entende? Porque eu tenho uma cabeça boa para me colocar, tipo assim ó, fui treinando eles, entrando no clima, não piava nada. Porque no começo foi complicado, mas depois encontrei algumas amizades e deu tudo certo (aluno C).

Este papinho deles, tipo computador, estes negócios assim, que o cara não é muito chegado, porque eu penso muito em futebol, isso aí é que é o diferente, o computador, brincadeiras meio idiota para gente, mas é bem importante para eles. (aluno C).

O aluno C, quando ingressou na escola teve que se adaptar ao sistema que já existia na instituição, enfatizando a compreensão de Mantoan sobre integração escolar, onde os alunos é que devem se adaptar à escola, e não a escola que se transforma para receber a diversidade.

Nas respostas do aluno C, ele demonstra que no começo sentiu dificuldade no relacionamento com seus novos colegas, mas o corpo diretivo sugeriu que ele mudasse de atitude, para melhor se relacionar com o contexto escolar. Mais uma vez, temos um caso de integração, pois não se parte de uma cultura já adquirida para se incluir em um novo contexto, e sim, modifica-se o novo, para adequar ao que já está estabelecido.

O papel da escola é o de uma instituição socialmente responsável, não só pela democratização do acesso aos conteúdos culturais universais, mas também é responsável pelo desenvolvimento individual de todos os seus membros, objetivando que esses sejam inseridos como cidadãos autônomos e conscientes em uma sociedade plural e democrática.

8.2.2 Solidariedade entre os alunos do projeto

Em muitas situações observadas, verifiquei que os alunos do projeto se ajudavam em momentos que não tinham o auxílio da escola ou de seus colegas. Estas ações levaram-me a pensar que os mesmos estavam se protegendo ou tentando integrar-se no contexto da escola. Já que naquele momento, procuravam ajuda ou convívio dos colegas que passavam pelas mesmas dificuldades ou tinham as mesmas habilidades. Percebo que essas atitudes dos meninos do projeto e da escola não eram um movimento para inclusão, e sim movimentos de auto-proteção ou de integração.

Fazendo uma análise das situações em que os alunos do projeto procuravam auxílio dos colegas de mesmas características, vou me reportar a Nogueira ; Nogueira (2002), quando o autor descreve que existem várias iniciativas que buscam promover uma aproximação mais respeitosa entre a cultura escolar e a cultura de origem dos alunos.

Em algumas observações que fiz, pude verificar vários episódios em que os alunos do projeto se auxiliavam ou ficavam apenas convivendo entre eles. Muitas destas situações ocorreram nas aulas de Educação Física.

Nas aulas de Educação Física, quando da divisão das equipes, pude observar que os alunos do projeto ficaram isolados de seus colegas de turma. Sempre que acontecia um gol no jogo, e este era feito por algum aluno do projeto, os alunos do projeto comemoravam entre si, e se auto-elogiavam com frases do tipo “como eu sou bom... e sou o cara...”, entre outras frases”. No final da aula os três alunos do projeto saíram juntos e ficaram comentando suas proezas durante o jogo. (Dia 07/03/2008 – das 10h20 às 11h10).

Observa-se a revelação de um jogo psicológico em que auto-estima, equiparação e diferenças se evidenciam em uma dimensão que não inferioriza, mas estabelece um nível de igualdade na relação cotidiana construída com os outros colegas.

Os alunos do projeto chegaram juntos e atrasados. O aluno B não estava com uniforme adequado para prática esportiva, estava com uma bermuda de brim e chinelos. O aluno B pediu para o professor um calção do uniforme da equipe da escola, e um par de tênis para o aluno A. Quando o aluno A não jogava, este emprestava seus tênis para o aluno B. (Dia 12/03/2008 – das 12h00 às 12h50).

Sempre que indagados sobre suas relações de convívio e de amizade na escola, as respostas dos entrevistados eram muito semelhantes, principalmente dos alunos B e C, colegas de classe. Ambos responderam que eram mais amigos dos colegas do projeto por terem os mesmos ideais.

Como sempre em todos os colégios do mundo é claro que tem aqueles teus melhores amigos, mas eu sou um guri que gosta de ser amigo de todo mundo, dos gurus das gurias, claro que têm alguns que tu não gosta muito, mas sou amigo de todo mundo, e quero continuar assim para o resto da minha vida. (aluno B).

Além do futebol, a gente gosta das mesmas músicas, fala o mesmo assunto, a gente ri bastante, é isso, quase as mesmas coisas. (aluno B).

Alguns eu tenho, com os do futebol falo direto, mas eu tenho com alguns sim. (aluno C).

Em outras situações observadas do convívio escolar também apareceu o isolamento ou a procura dos alunos pelo convívio dos que são mais parecidos.

No dia de Purim³ observei que os três alunos do projeto A, B e C, mantiveram-se juntos, participando das brincadeiras com outros colegas, mas os três sempre no mesmo grupo. Após as atividades no ginásio, a turma 81 se deslocou para a sinagoga, que fica localizada dentro da escola. Os três alunos do projeto sentaram juntos na sinagoga e realizaram a mesma atividade com seus colegas. (Dia 18/03/08 sexta feira, às 7h20min).

No recreio do ensino fundamental, os alunos da 7ª série A, B e C, brincavam de pegar ao redor da quadra externa. Só os três estavam brincando. (Dia 02/08/07 quinta feira, das 10h as 10h20min).

No horário livre após a aula de terça feira, os três alunos do projeto jogavam bola sozinhos, os outros colegas apenas olhavam. (Dia 23/08/07 quinta-feira, das 12h50 as 13h).

Essas observações demonstraram que os alunos do projeto procuravam se manter juntos porque possuem os mesmos interesses, ou para ficarem unidos para se proteger de alguma adversidade que o contexto escolar pudesse lhes proporcionar, pois eles são diferentes dos seus colegas no aspecto social, cultural e na aparência.

No decorrer das observações e das entrevistas, verifiquei que esta procura dos alunos do projeto por ficarem juntos, era pelos mesmos interesses, principalmente no futebol.

Nesta perspectiva Freyre (*apud* JESUS, 2001) colabora quando descreve que as representações populares do futebol-arte associam-no diretamente ao negro.

Nas entrevistas realizadas quando perguntados sobre interesses e amizade, a palavra futebol estava presente como referência de mesmo interesse, o que apareceu nas respostas dos alunos do B e D do projeto.

Têm sempre os amigos que tu convive mais, e são estes os meus amigos, eu ando mais com eles, porque eles têm um jeito parecido com o meu, eles gostam de futebol, gostam também de estudar bastante. (aluno B).

A minha relação com os meninos do projeto é maravilhosa, a gente conversa bastante sempre que a gente se vê, e a gente esta sempre junto". (aluno D).

Até pelo fato de já ter jogado no clube, até pelo fato de conversar com os guris sobre futebol, a gente fica resenhando. (aluno D).

³ Festa de *Purim* - A palavra *Purim* vem do persa e significa "Lançar a sorte". Esta festa comemora a história contada na Meguilat Ester, que relata os episódios ocorridos com os judeus persas em torno do século V ac, durante o reinado do Rei Achashverosh e seu primeiro ministro Haman. A história conta que o rei queria matar todos os judeus persas porque um judeu se recusava a ajoelhar-se diante do rei. Após a separação com a rainha o rei teve a vida salva pela sobrinha de Haman que era judia. Ester pediu ao rei, pela vida de todos os judeus persas. Os resultados destes eventos são lembrados de forma festiva num dia de brincadeiras e trocas de presentes.

Os alunos do projeto por terem maior habilidade no futebol e pertencerem ao mesmo meio social e esportivo, nos momentos em que estão juntos, compartilham das mesmas atividades e interesses.

8.3 Futebol como meio de inclusão escolar e ascensão social

Apresento nessa etapa da pesquisa interpretações de como os alunos identificam o futebol como meio de ascensão social, a partir de uma comparação entre o esporte praticado no ambiente escolar e o praticado nos clubes. Também procurei identificar, quais os indicativos significativos de pertencer a equipes importantes do futebol e suas relações com o contexto escolar. Essa análise possibilitou, no meu entendimento, verificar qual a importância da prática do futebol competitivo e a sua relação com o ambiente escolar, e ainda o sentido que os alunos atribuem ao seu futuro, através do futebol.

8.3.1 O futebol como perspectiva de ascensão social

Nessa perspectiva sempre identifiquei a importância das bolsas de estudo direcionadas para atletas de futebol, pois percebo que eles estão determinados a buscar um futuro melhor através do esporte, passando por diversas dificuldades no clube e no convívio social. Por esse fato, não teriam dificuldade de se adaptar a um ambiente (escola privada) que no primeiro momento poderia ser “desagradável”.

Nas entrevistas com os alunos do projeto, quando perguntados sobre as diferenças das relações no clube e na escola, ficaram evidentes as dificuldades que estes meninos têm de vencer, no seu dia a dia dentro do futebol, para alcançar seus objetivos, e a facilidade que encontram para se relacionar com seus colegas na escola.

De diferença no jogo assim, os jogadores que jogam no Inter, os meus amigos lá, o problema é que tem muita “traírajem”, uma coisa assim “desamada”, aqui tu já chega eles são teus amigos, não tem esse negócio assim tipo mau. A gente briga um dia, no outro dia também. Lá no Inter briga um dia, fica um mês sem falar com o cara. Acho que aqui no colégio, a relação é bem mais fácil, no Inter já é mais complicado. (aluno C).

Me relaciono melhor com os alunos do colégio, porque lá no Grêmio é muita competição, e às vezes eles não são leais com as pessoas.

Nem todos, mas a maioria é. Acho que eles são mais verdadeiros tentam me ajudar mais que lá no Grêmio. (aluno B).

Aqui na escola eu não sinto tanta competição como a que têm lá. Lá se compete muito mais pelo lugar, até pelo fato que aqui meu lugar esta quase certo. (aluno D).

Com base nesses relatos me reporto à pesquisa realizada pela TV Globo no programa Profissão Repórter, onde se constatou que de cada 1000 jovens interessados, somente 2 ou 3 chegam a iniciar e desses somente 3% concretizam o sonho de ser um jogador famoso. Outro exemplo desta dificuldade foi escrito por Giulianotti (2002), quando destaca que são os técnicos e os oficiais de futebol que decidem quando o jogador não-branco pode jogar e em que posição.

Essas situações relatadas pelos alunos e descritas pelos autores confirmam a dificuldade de conviver e vencer no meio esportivo. E, através desta experiência adquirida no meio esportivo, como explicitam os próprios alunos do projeto, o convívio escolar passa a se tornar mais fácil e menos problemático.

Outro fato interessante que surgiu nas respostas dos alunos quando perguntados como a família observa a entrada deles na escola, a relação com o futebol ficou evidente. Também nas observações realizadas nos conselhos de classe, através dos relatos da coordenação e dos professores, ficou clara a expectativa da família de que esses meninos se tornem jogadores de futebol profissional, e consigam através do futebol um futuro melhor para eles e seus familiares.

A família do aluno C deposita muita esperança, que ele se torne um jogador de futebol profissional. (Comentário de um Membro da equipe diretiva. Dia 20/12/07 das 14h às 15h 30, Conselho de Classe final dos alunos A, B e C da 7ª série - turma 71).

O primeiro aluno do projeto foi o aluno B, sobre ele os professores falaram que tinha muitas responsabilidades para com a família, pois o pai foi jogador de futebol. Também comentaram, que os pais recém haviam se separado, e isto atrapalhou o aluno B durante o 3º trimestre. A coordenadora comentou que a família deposita muita expectativa para que o aluno B torne-se um jogador de futebol profissional. (Dia 20/12/07 das 14h às 15h 30, Conselho de Classe final dos alunos A, B e C da 7ª série - turma 71).

A família me apóia o máximo, sabe que é uma escola muito boa, vai me dar um ensino muito bom, para eu chegar no meu máximo, que é ser jogador de futebol. (aluno C).

Se eu não tivesse os meus pais como eu tenho, acho que poderia influenciar no estudo assim, ir mal, pensar só em futebol, não estudar para as provas, mas como os meus pais dizem para mim todos os dias, que é para eu visar o estudo depois o futebol, eu vou bem na escola, tanto que pela manhã eu vou à escola, e a tarde vou ao futebol. (aluno B).

Hoje em dia, a ascensão social através do futebol é um objetivo de muitas famílias brasileiras, o futebol mexe com o imaginário das pessoas, pois nos meios

de comunicação é comum notícias de jovens jogadores de futebol, que ficam milionários da noite para o dia ao se transferirem para Europa.

Nas observações e nas entrevistas com os alunos B e C, fica evidente a pretensão de ambos se tornarem jogadores de futebol, bem como a expectativa da família para que eles concretizem este objetivo. Para o aluno C a escola é apenas um meio pra ele realizar seu sonho.

Outra realidade que ficou muito evidente nas observações e nas entrevistas dos alunos, quando perguntados sobre a importância de participar do “Projeto Esporte Social”, todos relataram que foi uma oportunidade ímpar em suas vidas, e que estudar em uma escola de ótimo nível como é o Colégio Israelita seria muito importante para seu futuro no futebol.

No que se refere à expectativa das famílias dos alunos do projeto, retomo o confronto de idéias de dois autores (Bourdieu e Charlot), sobre a importância e a expectativa das famílias de classes menos privilegiadas, quando da oportunidade de uma perspectiva melhor.

O discurso de Bourdieu (1998) aparece na análise da pesquisa, no momento em que as famílias do projeto acreditam na possibilidade de um crescimento social através da escola e do futebol, mesmo que esta possibilidade seja ínfima.

Nesse item, famílias dos alunos do projeto, a opinião de Charlot (2000), também se faz relevante, pois, para o autor, uma criança nascida em classe popular pode ascender socialmente, mesmo que sua família pertença a essa faixa social.

Neste caso do “Projeto Esporte Social”, ambos autores se completam, pois, as famílias acreditam no sucesso de seus filhos, esses mesmo pertencendo a famílias de classes sociais menos privilegiadas, podem ter um futuro promissor.

Algumas observações e relatos dos alunos confirmam as pretensões futuras dos alunos e sua relação com o futebol:

Seleção Brasileira de Futebol, representando o Brasil na Macabiada⁴ Pan Americana Juvenil em dezembro de 2007 a janeiro de 2008, esta realizada em Buenos Aires (Argentina) - Um dos quatro atletas convocados foi o aluno D do projeto. Perguntei ao professor quem viabilizou a viagem do aluno D. O professor disse que todas as despesas (passagem, alimentação, estadia)

⁴ Macabiada – Jogos esportivos inspirados na época dos Macabeus (grupo de judeus que lutou corajosamente contra o Império Romano, no século II d.c.).

foram pagas pela Macabi – Brasil. (Dia 02/07/07 das 12h30 às 13h, conversa informal com o professor de Educação Física da 7ª e 8ª série, e também técnico das equipes de futsal da escola).

Projeto muito bom, ajuda pessoas que jogam em times importantes, Grêmio e Internacional, têm chance de estudar neste colégio, que é muito bom e de ensino ótimo, e ajuda quando chegar no júnior e no profissional, ser um jogador bom, não só dentro, mas também fora de campo. (aluno C).

Bom, o Projeto Esporte Social é muito bom, eu acho que é uma oportunidade para os alunos que jogam futebol, no Grêmio e no Inter, e é uma oportunidade muito boa, que a gente deve aproveitar o máximo, vir no colégio estudar. (aluno B).

Também pelo fato de poder viajar para Macabiadas, até pelo fato de tu poder ir para outros clubes melhores. (aluno D).

Com certeza com relação às outras profissões, pelo ensino bastante forte. Eu posso fazer qualquer coisa em relação ao esporte também. Até pelas Macabiadas deu para conhecer bastante pessoas lá em São Paulo. Dá para ir para lá e morar lá, sei lá, jogar em outro time de lá. (aluno D).

Se eu não for jogador, eu queria fazer advocacia, acho um negócio bem legal, eu queria ajudar a população toda. (aluno C).

Um fato interessante que surgiu nas respostas, quando perguntados sobre seu futuro e o futebol, foi que as respostas refletiram o pensamento individual a sua ascensão na profissão. Em nenhum momento a paixão pelos clubes do coração, que mexe tanto com o torcedor comum, foi destacada pelos meninos do projeto quando se referem a seus clubes.

Divergências entre os estudantes por pertencerem a clubes diferentes e que representam uma clássica animosidade entre torcidas no contexto gaúcho, não ocorre na escola. Ao contrário, observa-se que solidariedade, parceria e a perspectiva de alcançar um objetivo comum é que os une: ter sucesso na carreira do esporte, sendo no Inter, Grêmio ou qualquer outro time internacional de renome.

Outra resposta que apareceu nas entrevistas, quando os alunos eram perguntados sobre a importância do futebol, foi unânime entre todos os entrevistados. O futebol era a coisa mais importante em suas vidas.

É a minha vida, o futebol". (aluno B).

O futebol é minha vida. (aluno D).

Além do futebol, agora não vejo nada. (aluno D).

Futebol é muito importante para mim é a coisa que eu mais gosto, mas o que a minha família mais me ajuda é eu não tirar o foco dos estudos, se não pode complicar muito. (aluno C).

Se para os estudantes do projeto alcançar sucesso no futebol profissional se coloca como fundamento para o futuro, deslocando a clássica compreensão sobre os vínculos estabelecidos entre torcedor e clube de pertencimento como bem

ênfatiza Damo (2005), referindo-se ao clube como uma entidade sagrada. Esses aspectos não foram verificados, tanto durante as observações quanto nas entrevistas. Como já anunciado anteriormente, a centralidade do projeto de vida dos estudantes localiza-se na aposta pelo sucesso no futebol. Esses aspectos ficam evidenciados na comunidade escolar, quando os colegas, professores, porteiros, relacionam-se com os meninos do projeto.

Através desses relatos pude verificar a importância do futebol para esses meninos e suas famílias, e ratificar que através deste esporte, a possibilidade de incluir, meninos de classes sociais menos favorecidas, num meio social diferente de sua realidade, pode ser amenizada através do domínio deste esporte, e que este esporte é considerado a chave para um futuro próspero destes alunos e familiares.

8.3.2 O futebol como meio de inclusão escolar

Ao longo desses anos pude observar a situação de bolsistas em relação ao convívio escolar, eles tinham grande dificuldade de incluir-se no contexto escolar. Na maioria das vezes, eram isolados por serem pobres e negros, ou então, por terem dificuldade de acompanhar o ritmo da escola ou por não pertencerem à comunidade judaica.

Tenho como referência o trabalho realizado em outras escolas e a experiência de que através do convívio esportivo, esses alunos teriam maior possibilidade de incluir-se no contexto escolar. Pois, o fato de representarem a escola em competições esportivas, conviverem com os demais alunos que integram as equipes esportivas e com o auxílio do professor responsável pelas equipes, os alunos bolsistas passam a ser respeitados e acolhidos no meio escolar.

Através das observações realizadas em vários contextos da escola, como recreio, jogo de futsal, aulas de Educação Física, Conselho de Classe, aula de Português, verifiquei que os alunos do “Projeto Esporte Social”, por serem jogadores de futebol, tiveram facilidades de incluir-se e serem benquistos e admirados pela comunidade escolar.

O aluno D do Projeto Esporte Social, que participa da equipe de futsal e do grupo de dança, chega sempre no primeiro período de sexta-feira das 7h20 as 8h05 (não sendo obrigado a chegar nesse horário) para completar as equipes. Todos querem jogar no seu time. Os alunos comentavam da habilidade técnica do aluno D, entre eles e com o professor. O aluno D

durante o jogo, apesar de ter uma técnica diferenciada, driblava bastante, mas também passava a bola para seus colegas. Os colegas que estavam na equipe do aluno D aplaudiam e festejavam as jogadas de seu colega. (Dia 07/03/2008 – das 07h20 às 08h05 – aula de Educação Física. do 1ª série do Ensino Médio (EM)).

A equipe do Israelita é composta por alunos da 8ª série do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio. Entre os integrantes da equipe estava o aluno D do projeto. Ele era o goleiro e o capitão da equipe, apesar de ser um aluno de 8ª série, fato surpreendente, pois jogava com alunos mais velhos. Durante o jogo verifiquei a participação constante do aluno D, apoiando, orientado e muitas vezes criticando seus colegas. Observando esses fatos, entendi, porque ele era o capitão da equipe. (Dia 27/08/07 Jogo de futsal da equipe infantil do CIB contra o Colégio Salvador).

Aula de fala - o aluno A, falou sobre o treinamento que realizava em sua equipe de futebol. No final de sua fala foi aplaudido pelos colegas. (Dia 01/04/08 Visita a sala de aula da turma 81).

O aluno C é visto pelos professores como um futuro atleta de futebol, todos o admiram como aluno, pelo seu caráter e personalidade. (Dia 20/12/07 quinta – feira, das 14h às 15h30, realizamos o Conselho de Classe final da 7ª série).

O “III Festival de Talentos da Escola”. O evento oportuniza que os alunos da escola demonstrem seus talentos extra-curriculares. O representante no festival da turma 71 da 7ª série foi o aluno B do projeto. O aluno B na sua apresentação executou malabarismos com a bola de futebol durante dois minutos. A sua apresentação foi muito aplaudida pelo público presente. (Dia 15/05/07 – Concurso de talentos da Escola).

VIII Liga das Escolas Particulares de Porto Alegre. A final foi entre o Colégio Israelita e o Colégio Bom Conselho, no Ginásio do Colégio Farroupilha. Na equipe de futsal do Colégio Israelita os alunos A e B do projeto faziam parte. (Dia 05/12/07 Final do campeonato de futsal mirim no Colégio Farroupilha entre o CIB e o CBC).

Recreio do ensino fundamental - Os meninos da 7ª série e os meninos da 8ª série estavam quase todos (em torno de 30 alunos), jogando futebol na quadra externa. Os quatro meninos do projeto (A, B, C e D), estavam jogando. (Dia 12/07/07 recreio do ensino fundamental séries finais das 10h as 10h20min.).

Ao longo da pesquisa observei a influência dos alunos do projeto na comunidade escolar. No conselho de classe, na sala dos professores, observo quando o assunto é o futebol, logo surgem os nomes dos alunos A, B, C e D. Na conversa diária com os seguranças eles também indagam sobre os alunos do projeto, se eles poderão ser jogadores profissionais. Quando os meninos passam pelos porteiros, eles, inúmeras vezes, perguntam sobre o Grêmio ou Internacional. Mas, o fato que mais chama atenção é o diálogo entre os alunos da escola, (entre eles e deles com os colegas do projeto). Todos estão usando um linguajar do futebol, principalmente na turma 81, onde estão quatro alunos do projeto. Expressões e gestos como “boleiro”, “moleque”, “se fardar”, “comemorações de gols”, “fazer cera”, entre outras, tornou-se um costume e uma nova realidade na escola.

Contrariando autores como Bourdieu, que descreve sobre o meio social mais privilegiado, tende a manipular os indivíduos menos privilegiados socialmente e economicamente, esse aspecto não se observa no Colégio Israelita. Neste caso, a cultura de fora aliada a força do futebol, amenizaram esta idéia, pois a conservação das raízes culturais dos grupos populares através do futebol, já persiste há muito tempo.

Além disso, posso verificar que o processo de manter suas raízes através do futebol é histórico, os alunos do projeto mesmo sem ter essa intenção, continuam realizando os mesmos atos de seus antepassados.

Essa realidade é possível verificar nas respostas dos alunos B, C e D quando perguntados sobre sua relação com os colegas da escola e sua aceitação tendo como facilidade o fato de jogar futebol.

Eu acho que é uma escola que eles dão muita ênfase ao respeito essas coisas. Eu acho que representar o CIB é importante, e agente tem que mostrar como é a cara dos alunos do Israelita, é isso eu gosto muito. (aluno B).

Aqui no colégio os alunos são mais legais, a gente não tem muito tempo para ficar de agitação, a gente tem que ficar mais na aula, a gente conversa sobre assuntos que a gente não conversa lá no Grêmio. Lá no Grêmio a gente só vai lá treina, conversa, não tem mais nada para fazer. Aqui a gente conversa de assuntos diferentes é isso aí a diferença. (aluno B).

Acho que é por causa minha, porque eu não trago comigo esse jeito de boleiro, de ser jogador, eu tento não ser diferente, parecendo com eles. (aluno C).

A minha relação com eles é muito boa, eu me dou bem com todos. Estou sempre brincando com todo mundo, quase não tenho problemas, se tenho problemas é no futebol, aí a gente resolvi tranquilo. (aluno D).

Eu me sinto bem recebido, até brinco com tudo mundo, então por este fato, posso dizer que sou bem acolhido por todos. (aluno D).

Através dessas afirmativas e situações demonstradas nas observações, busco em Bourdieu (1996), quando o autor define *habitus* como as capacidades inventivas e criativas dos agentes sociais e são carregadas pelos atores nas suas trajetórias de vida. Também tomo como referência Rodrigues (2003), quando ele define a aprendizagem do jogador compreende um *habitus*, um capital com o qual ele joga, toma decisões, mantém relações com seus colegas e constrói a sua realidade.

Fazendo a relação com os atletas do projeto, entendo que a formação do jogador de futebol é a construção do seu *habitus*, e através desta construção, esses meninos estão apreendendo a conviver, num meio diferente do seu.

Seguindo os conceitos citados, a relação dos atletas do projeto com a comunidade escolar passa a ser de admiração e de projeção do imaginário, pois

eles futuramente poderão estar representando os clubes do coração da comunidade escolar.

A experiência e a cultura do futebol, que os meninos do projeto levam para escola é outro fator que os diferencia nas relações, pois este aprendizado no clube, com outros jogadores, diretores, treinadores, torcedores, adversários, lhes dá uma bagagem social e cultural que os difere dos outros alunos que freqüentam a escola, que muitas vezes apenas se relacionam com os jovens da própria comunidade.

A bagagem social e cultural de conviver com diversas pessoas, que o futebol possibilita, faz com que esses meninos saibam se portar na maioria dos ambientes. Pois a personalidade adquirida ao longo do convívio esportivo, a liderança e a maturidade os tornam jovens mais seguros, para saber lidar com as situações de dificuldade que possam se apresentar. Essas características citadas acima fazem com que seus colegas os admirem e algumas vezes até os invejem.

8.4 Inclusão escolar e social

Nesta categoria, apresento como a escola e sua comunidade estão trabalhando em torno desta nova realidade, que são os meninos do “Projeto Esporte Social”, e que ações estão tomando para tornar essas relações mais harmoniosas, pois a escola na sua missão busca formar cidadãos preparados para a vida e para a construção de uma sociedade plural. Nessa perspectiva, identifico-me com Mantoan (2006), quando a autora refere que inclusão significa o sucesso de todos os alunos na escola.

Relacionando inclusão e o “Projeto Esporte Social”, este dando possibilidade aos seus beneficiados de uma nova realidade social, busco nas palavras de Araújo (1998), quando se refere que para termos uma escola mais democrática e inclusiva é importante respeitar a diversidade e a pluralidade de pensamentos.

8.4.1 Situações características de inclusão escolar

Ao verificar essa sub-categoria, vou buscar em Mantoan (2006) e seu ponto de vista, de como uma escola pode mudar e tornar-se mais inclusiva, e também a

Mittler (2003) quando caracteriza dez pontos de partida para uma escola proporcionar uma educação democrática e inclusiva.

O primeiro foco que vou me deter refere-se à formação de seus professores, no que tange o aprimoramento contínuo e a valorização do professor, para que este tenha condições e estímulo para ensinar sem exclusões e exceções. Seguindo essas idéias, trago as seguintes observações:

- Reunião de professores - Integrei o grupo que estudava sobre Dificuldades de Aprendizagem e Inclusão. Este grupo é formado por oito professores das mais diversas disciplinas, por interesse dos professores sobre o tema. Neste dia, conversamos e discutimos sobre inclusão escolar. O foco da discussão foi caracterizar alunos de inclusão. (Dia 03/06/07 das 7h30 as 13h30, Reunião do Grupo de inclusão).
- Reunião do grupo de estudos Dificuldades de Aprendizagem e Inclusão: debatemos sobre o tema e oficializamos o documento que apresentamos ao grupo de professores da escola. (Dia 26/06/07 das 18h às 19h30, Reunião do Grupo de inclusão).
- No seminário de professores, das 18h as 19h30, tivemos no mesmo dia a explanação por uma das coordenadoras da escola sobre a Legislação da Inclusão Escolar. (Dia 08/01 a 11/01/2008 seminário de professores).
- Das 14h às 16h, tivemos uma palestra sobre o tema Dificuldade de Aprendizagem e Inclusão, com Dr. Luiz Alberto ROHDE sobre: "Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: reconhecimento e manejo na escola". (Dia 08/01 a 11/01/2008 seminário de professores).
- No dia 11/01/08 reunião do grupo que trabalha Dificuldade de Aprendizagem e Inclusão, apresentou o trabalho realizado durante o ano, para os outros professores da escola. (Dia 08/01 a 11/01/2008 seminário de professores).

Além dos fatos citados acima, a escola proporcionou aos seus professores em julho de 2007, participação gratuita no congresso do SINPRO RS, realizado na PUCRS.

Essas oportunidades demonstram que o Colégio Israelita Brasileiro preocupa-se com a formação continuada do seu grupo de professores, possibilitando através de palestras, reuniões e congressos, a busca continua do melhor processo de ensino aprendizagem. A instituição pretende ser uma escola inclusiva, e um dos objetivos é qualificar seus professores para um melhor atendimento à diversidade.

Outro aspecto importante no processo de inclusão é o apoio pedagógico e a infra-estrutura oferecida pela escola para os alunos inclusos, pois uma das dificuldades desses alunos é conviver com a diferença sócio-cultural.

Conforme Bourdieu (1998), o capital cultural adquirido e ter por nascido em classes populares estigmatiza os alunos e os diferencia na escola, mas Charlot (2000) ressalta que esta diferença entre os alunos pode ser modificada, pois o aluno

de classe popular pode ter várias influências ao longo de sua escolaridade desta forma modificando seu destino.

O Colégio Israelita Brasileiro e os Clubes envolvidos no projeto, através das observações realizadas, estão procurando seguir o caminho estabelecido por Charlot (2000), proporcionando entre seus alunos/atletas uma eqüidade nas relações com seus colegas, para que estes possam mudar seu futuro.

- Situações como alimentação, transporte (vale transporte subsidiado pelo clube), uniforme, aulas e colegas. O aluno B era o mais falante, ele comentou que as terças-feiras uma Kombi escolar (subsidiada pelo clube) levava o aluno C até o Inter, e depois levava ele para o Grêmio. Também as terças, eles almoçam no refeitório da escola (almoço subsidiado pelo clube). Perguntei, por que só as terças? O aluno C respondeu, que as terças eles saíam mais cedo, pois seus colegas de classe tinham aula à tarde, e eles tinham que treinar em seus clubes. Perguntei, vocês não assistem às aulas, terça? Os dois responderam que não. Para não perder as matérias, eles faziam trabalhos em casa, das disciplinas que não podem assistir. (Dia 09/08/07 Conversa informal com alunos B e C da 7ª série).

- Os professores da escola receberam da coordenação um e-mail comunicando que os alunos B e C do projeto estariam viajando com suas equipes para disputar um campeonato de futebol fora do estado, no período de 18 a 25/05/07. Os professores deveriam abonar as faltas dos alunos. Essa semana em que os alunos estarão viajando, coincidiu com a semana de provas do 1º trimestre. Os professores deveriam fazer novas avaliações para os dois alunos do projeto, e elas deveriam ser aplicadas durante o 2º trimestre. (Dia 20/12/07 das 14h às 15h 30, Conselho de Classe final dos alunos A, B e C da 7ª série - turma 71).

- A diretora disse, que tem apoio de um grupo de senhoras judaicas, no auxílio da alimentação e do transporte dos meninos. Sobre o apoio pedagógico para os meninos, ela falou que eles têm aulas aos domingos, e às vezes à noite com os professores da escola. Os livros que os alunos do projeto utilizam, são comprados pela escola, emprestados pelos professores ou doados por outras famílias. (Dia 06/06/07 das 10h às 10h30h, conversa informal com a diretora administrativa da escola).

- O professor EF falou, que os meninos do projeto ganhavam passagem escolar (clube) para freqüentarem a escola. Dia 02/07/07 das 12h30 às 13h, conversa informal com o professor de Educação Física da 7ª e 8ª série, e também técnico das equipes de futsal da escola.

- A coordenadora falou que o aluno D tinha professora particular de matemática oferecida pela escola. (Dia 20/12/07 das 14h às 15h 30, Conselho de Classe final dos alunos A, B e C da 7ª série - turma 71).

- A professora "A" comentou que o professor G não se preocupasse, pois ela também não dava aulas para eles, e no final do trimestre, eram elaborados trabalhos para os alunos fazerem em casa. (Dia 08/04/08 das 17h20 às 19h Pré Conselho de 8ª série).

- A escola subsidiou a viagem do aluno D para Rio Grande e a viagem para Macabíada em São Paulo para os alunos A, B e D. (Dia 13/07/07 Passeio para cidade de Rio Grande aluno D da 8ª série, acompanha a turma no passeio, subsidiado pela escola e Macabíada 2008).

Também nas entrevistas realizadas com os alunos do projeto verifiquei a satisfação deles pelas oportunidades e apoio que a escola lhes oferece. Reporto-

me, neste momento, tanto a Mantoan (2006) e Mitler (2003), quando os autores revelam, que para termos uma escola inclusiva é necessário a participação dos alunos na vida da escola, boa atmosfera com objetivos e valores compartilhados, garantindo aos alunos tempo e liberdade para aprender, bem como um ensino que não segrega e que reprova a repetência.

Minha opinião é que é um colégio que busca inovações, não só pessoas dentro da área judaica, mas pessoas de fora também, até para poder conhecer como é o colégio, e também ele te dá várias oportunidades. Eles te tratam muito bem, eles tratam bem com as diferenças, principalmente os alunos, que são nota dez. (aluno D).

Acho melhor que tivesse professor tipo particular, no próprio colégio, podia ter na aula. Mas para nós fica difícil porque treinamos todos os dias as tardes. Não tenho muito para acrescentar, por que este colégio é muito bom do jeito que esta. “Estou tendo agora professor particular”. (aluno C).

Eles nos ajudam bastante, não preciso de nada, esta tranqüilo. Tudo que agente precisa eles dão. Acho que não preciso mais nada, eles dão o máximo. (aluno B).

Acho muito importante, principalmente pelo fato de ter que ler livros, porque eu antes de vir para cá não lia. Hoje eu estou até lendo livros que não preciso ler, não são para escola. (aluno D).

Com certeza me oportuniza várias coisas. Se eu não tivesse aqui, não teria. Ela me ajuda bastante. (aluno D).

Todas as séries do colégio têm turno integral, que é terça-feira à tarde, no nosso caso é a 8ª série. Agente tem os treinos, daí a gente falta, e o colégio nos ajuda, eles nos dão materiais que os professores dão a tarde, se um aluno do Projeto têm dificuldade, eles marcam aulas aos domingos, ou como eles fazem com os outros alunos, eles dão aulas num período de uma matéria que o aluno esta bem. (aluno B).

O colégio pode me ajudar muito, porque o ensino é muito excelente, eu acho que no vestibular não têm como não passar, porque o ensino é muito bom, ótimos professores, ajudam mesmo, é muito bom. (aluno C).

Analisando as entrevistas acima, verifico que os alunos beneficiados com o projeto estão satisfeitos com a escola, observo que todos tecem muitos elogios a mesma. Nesse sentido o conceito de inclusão de Mitler (2003), encaixa com a proposta estabelecida pela escola, pois para o autor inclusão está baseada em um sistema de valores onde todos se sintam bem recebidos.

Justificando a afirmação acima, quando da observação com a coordenadora pedagógica, três situações complementam a proposta do Colégio Israelita, em dar oportunidades aos seus alunos inclusivos.

- Perguntei para ela sobre os alunos que são dispensados do Inter e do Grêmio [casos do aluno A, D e do aluno que não observo (E)], como fica a situação das bolsas de estudos. Ela disse que a escola mantém a bolsa de estudos dos alunos e continua com os mesmos critérios como, auxiliar no material pedagógico, aulas particulares aos domingos, excluí-los das aulas de terça a tarde e uniforme.

- A coordenadora comentou, que o caso do aluno D, é o mesmo do aluno A, apesar de ter saído do Internacional, continuaria com todos os privilégios⁵ da bolsa de estudos.

- A coordenadora explicou que apesar do aluno A ter saído do Grêmio e ter ido para o E. C. São José, a escola manteria sua bolsa de estudos. (Dia 04/01/08 das 10h30 às 11h conversa informal com a coordenadora da escola).

Outro aspecto importante verificado nas entrevistas e nas observações foram os relatos dos alunos sobre a escola e as amizades que construíram. Os alunos quando mencionam o nome do colégio citam vários adjetivos: excelente, muito boa, ótima, entre outros. Também verifiquei a preocupação dos professores, no ambiente de sala de aula, de promover o convívio entre os alunos do projeto e seus colegas, através de trabalhos em grupo, escolha de representantes de turma e local para sentar na sala de aula. Reporto-me novamente a Nogueira ; Nogueira (2002), quando o autor relata, que existem várias iniciativas que buscam promover uma aproximação mais respeitosa entre a cultura escolar e a cultura de origem dos alunos, valorizando as tradições de todos.

- Fui informado neste dia pela professora G, que o aluno B também tinha sido escolhido pelos seus colegas de classe como um dos representantes da turma 71 (ele no ano de 2006, também foi representante da sua turma na 6ª série). (Dia 20/12/07 das 14h às 15h 30, Conselho de Classe final dos alunos A, B e C da 7ª série - turma 71).

- Os alunos da 7ª série estavam sentados nos bancos, e escrevendo em papéis sobre as mesas do pátio. Aproximei do professor H e perguntei o que estavam fazendo ali. Ele respondeu, que estavam fazendo trabalho em grupos sobre Roma. E que estavam no pátio para diversificar o ambiente de estudo. Ao observar os três meninos do projeto, verifiquei que estavam em grupos de estudo diferentes. O aluno A estava em um grupo com mais três meninas. O aluno B estava em um grupo com um menino e duas meninas. Já o aluno C estava em grupo com mais um menino e duas meninas. (Dia 05/07/07 Trabalho em grupo de história nas mesas do pátio da escola, os alunos A, B e C participam de grupos de estudos com seus colegas de 7ª série).

- Sala de aula da 8ª série - Todos os alunos estavam sentados em duplas. As duplas eram formadas por uma menina e um menino. (01/04/08 Visita a sala de aula da turma 81 onde estão os alunos A, B, e C da 8ª série).

- Recreio ensino fundamental - O aluno D estava conversando em uma das mesas do pátio, com duas meninas e mais três meninos da 8ª série. O aluno D alisava o cabelo de uma das meninas, enquanto conversavam. Aproximei para ouvir a conversa. Falavam sobre a festa que iriam sábado na casa de

⁵ Privilégios neste caso, têm o sentido de continuar com os benefícios (material, livros, aulas particulares, provas adiadas, entre outros) acordados entre escola e clube, para que os alunos bolsistas possam acompanhar o ritmo da escola.

uma colega. (Dia 02/08/07 Recreio da 7ª série e 8ª série dos alunos A, B, C e D do projeto).

Na verdade eu fui convidado, mas procurei ficar aqui, porque aqui é muito bom, e o ensino é muito bom, e achei que daqui se eu não for jogador de futebol posso ter um bom ensino. (aluno D).

Esta escola tem um ensino muito bom é difícil encontrar em outra escola, o ensino que é dado nessa escola, eu acho que escolhi a escola melhor. (aluno C).

O colégio é excelente, em termos de estudo, aqui têm muita gente boa, os alunos são muito legais, e acho o colégio excelente, em termos de amizade, de estudo, essas coisas. (aluno B).

Os relatos expostos acima apontam para a direção que Mitler (2003), Montoan (2006) e Araújo (1998), destacam quando se referem a forte liderança positiva, as altas e conscientes expectativas de todos os alunos, foco claro e continuado sobre o ensino e a aprendizagem, e atividades extracurriculares que intensifiquem o interesse e as experiências dos alunos ampliando suas oportunidades para terem sucesso.

Essas características devem permear para que uma escola se torne inclusiva respeitando a diversidade tanto no âmbito do trabalho como nas relações pessoais. Além disso, elas podem ser vistas como pontos de partida para as escolas que pretendem ser inclusivas, e a partir destes movimentos proporcionarem um ambiente harmônico e equilibrado, para que todos seus alunos futuramente possam atingir seus objetivos escolares e profissionais.

8.4.2 Situações características de inclusão social

A participação social foi um tópico abordado nas entrevistas e esteve presente em vários momentos de lazer dos meninos do projeto. Observo que existe uma ligação muito significativa dos alunos B e D com seus colegas fora da escola. Pois, para termos uma escola inclusiva, não basta que seus alunos especiais se relacionem bem apenas dentro da escola, o convívio social extracurricular é muito importante para a continuidade do processo inclusivo.

Nesse sentido, trago Honneth (2003), citado por Neto Pereira (2006), quando o autor diz que a consolidação do respeito é fruto de um processo de entendimento de si próprio a partir da compreensão e do reconhecimento do valor do outro.

Contribuindo com o autor anterior, Araújo (1998) ressalta que a escola tem papel importantíssimo nesses relacionamentos, pois ela é um lugar onde seus

membros têm a oportunidade constante de fazer escolhas, tomar decisões e expressar-se livremente.

Nas entrevistas e observações realizadas, no que diz respeito à participação social, destacam-se a presença nas festas de barmitzva, freqüência a movimentos juvenis (Hazit)⁶, saídas com a escola e festas jovens.

- Perguntei, por estarem na sétima série, se já tinham ido a alguma festa de Barmitzva. Eles me relatam que são convidados pelos seus colegas, para participarem das festas de Barmitzva. O aluno B relatou que foi várias vezes. (Dia 09/08/07 Conversa informal com alunos B e C da 7ª série).

- O aluno D foi numa festa na casa de uma colega no bairro Higianópolis, e depois como não tinha ninguém para buscá-lo, dormiu na casa da colega. Perguntamos se ele não ficou com vergonha de ter ficado lá. O aluno D respondeu que não, disse que quando acordou foi tomar café com o irmão de sua colega. Por volta do meio dia de domingo (09/03/08), saiu para almoçar em uma galetteria com toda a família, "tudo pago pelo pai da colega". Também nos informou que à tarde outros colegas foram para residência da menina, e todos ficaram jogando vídeo game até o anoitecer, quando o pai da menina o levou em casa. (Dia 12/03/08 conversa informal com o aluno D do 1ª o EM).

- Observei no pátio da escola que alguns alunos do colégio estavam vestidos com traje alto-esporte. Entre os alunos estava o aluno C do projeto. Perguntei para o professor CJ, porque os alunos estavam vestidos naqueles trajes. O professor respondeu que os alunos representantes das duas turmas de 7ª séries iriam visitar, a Câmara de Vereadores de Porto Alegre, para levar um projeto de segurança para o bairro. (Dia 06/11/07 Visita a Câmara de vereadores, aluno C da 7ª série vai como um dos representantes da escola, com vestuário fornecido pela escola).

Achei meio bizarro, usar terno, negócio bem estranho, consegui o terno emprestado, e fui. Fiquei muito feliz pelo fato, foi um momento muito feliz na minha vida. (aluno C).

No primeiro ano aqui na escola saia com o Salomão, com o Natan, até foram eles que me indicaram a Hazit (movimento juvenil judaico). Todos os sábados eu faço com eles e com outros alunos a Hazit, tanto que nenhum dos alunos do Projeto freqüentam este movimento, então eu vou com os outros. Eu também saio com o Guido, eu vou a festas com ele. (aluno B).

Sim, com certeza, têm alguns que mais, sempre que agente vai para um lugar fora da escola, eu me relaciono com todos. (aluno D).

Sim, vou em festas, a maioria que têm, eu estou aí. (aluno D).

Tanto nas entrevistas como nas observações, posso constatar uma grande satisfação por parte dos alunos, por poderem freqüentar e participar de situações e oportunidades apresentadas por seus colegas e escola, muito diferente das suas realidades sociais.

⁶ Movimento juvenil judaico, com sede na escola (CIB), com atuação aos sábados a tarde.

Nesta mesma linha, Neto Pereira (2006), em sua pesquisa, também constatou que os alunos bolsistas pesquisados eram muito bem recebidos naquela nova comunidade contribuindo para sua adaptação. Neto Pereira também destaca, buscando explicação em Honneth (2003), que estas situações são produto de uma cultura de reconhecimento de si próprio, do outro e da coletividade.

Outra situação marcante nas entrevistas foi quando perguntados sobre diferenças sociais e culturais, os alunos B e D deram respostas muito significativas, demonstrando não haver nenhuma diferença entre eles e seus colegas, muito pelo contrário, aconteceu em uma das respostas, a comparação do martírio judeu com a escravidão negra. Também apareceu a possibilidade da amizade entre eles gerar futuramente uma possibilidade de profissão.

Acho que teria alguma diferença talvez seria mais excluído, mas eu sendo um aluno negro, e a história dos negros tem haver com a história dos judeus. Os judeus foram mortos pelos nazistas e os negros também. Já que a história é parecida, acho que eles nos recebem bem, e nos tratam como se fossemos da comunidade, eu me vejo muito haver com eles. É por isso que eu gosto de ficar neste colégio até me formar. (aluno B).

Diferença acho que não, até chegar aqui tinha muitos não judeus aqui, eles já eram muito bem recebidos aqui e comigo não foi diferente. (aluno D).

Com certeza acredito que eles vão se dar bem na profissão, e se eu não me der bem no futebol vou ter muitos contatos com certeza. (aluno D).

Essas respostas e observações demonstram que os alunos projeto estão muito bem na escola e na relação com seus colegas. Busco em Touraine (*apud* NETO PEREIRA, 2006) a explicação para esses fatos. Para o autor, entramos numa época em que a sociedade se define pelas relações “consigo mesma”, como conseqüência, essa nova dinâmica possibilita uma maior compreensão das diferenças culturais.

Na ótica do autor faço a relação com a comunidade do Colégio Israelita e o os alunos do projeto. Nesse sentido observo que a escola faz um trabalho com seus alunos e professores de cidadania, buscando a igualdade e o bem estar de todos. Observo que a cidadania procura oferecer uma forma de participação digna na sociedade, desenvolvendo uma postura crítica, buscando constituir-se numa ferramenta de transformação social.

8.5 A escola e o Projeto Esporte Social

O Colégio Israelita nos dias de hoje, pauta suas práticas num conjunto significativo de valores, fruto de um judaísmo pulsante, rico em conhecimento, em força de grupo, em ideais. A cultura, tomada em sentido amplo, é o centro do seu projeto educativo. Os alunos são incentivados a buscar na literatura, na ciência, nas formas de expressão corporal e nas artes seus próprios espaços de realização pessoal e auto-superação. A solidariedade, entendida como a responsabilidade que temos uns pelos outros, é o sentido que o Colégio atribui à participação no espaço coletivo.

8.5.1 A família, a escola, os alunos e o Projeto Esporte Social

A visão do Colégio caracteriza-se por ser uma instituição reconhecida pela alta qualidade de ensino, cujo projeto educativo valoriza de forma marcante a cultura e as relações interpessoais através de práticas inovadoras e vinculadas à preparação para o empreendedorismo.

A oportunidade de estudar no Colégio Israelita Brasileiro, para estas famílias beneficiadas com as bolsas de estudos é uma oportunidade ímpar. Estes meninos por pertencerem a classes menos privilegiadas economicamente, estão diante de uma oportunidade de estudar em uma escola de bom nível, que nenhum de seus parentes foi beneficiado.

O Colégio Israelita é uma instituição reconhecida como uma escola de ponta e o aluno que consegue diplomar-se neste Colégio é visto com bons olhos na concorrência por uma vaga no mercado econômico. Apesar desses fatos, a instituição preocupa-se em contribuir para o sucesso de alunos que diferem da maioria de alunos que freqüentam suas classes.

Essa realidade é reconhecida pela família no depoimento dos alunos quando perguntados sobre qual a opinião da família sobre a escola.

Bom, escolhi essa escola porque, como a minha mãe e o meu pai diz, não só eles, muita gente diz, uma das melhores de Porto Alegre, se não a melhor. Com ensino muito bom, e a minha mãe e o meu pai, sempre visam o ensino para mim, porque primeiro o estudo e depois o futebol. Eles acham ela muito boa. (aluno B).

A minha família acha isso como uma grande oportunidade, uma oportunidade que muitos da minha família não puderam ter. (aluno D).

Eles acham ela muito boa. (aluno B).

Nesse sentido, passa ser importante citar o envolvimento das famílias com a escola e como é feito o processo de seleção das bolsas de estudo. O critério para seleção, primeiramente parte dos Clubes, a escola coloca a disposição às bolsas de estudo, e os clubes selecionam os atletas. A seleção é realizada através do oferecimento das bolsas de estudo, pelas assistentes sociais dos clubes aos atletas que junto com suas famílias respondem se têm interesse em estudar no Colégio Israelita Brasileiro.

As famílias fazem parte do processo de seleção, quando do contato da assistente social do clube comunicando sobre a oportunidade das bolsas de estudos no Colégio Israelita.

A primeira experiência da família com a escola acontece quando do ingresso do garoto na instituição. A coordenação entra em contato com os responsáveis para uma primeira reunião.

Nas respostas acima, verifiquei a importância e o orgulho das famílias, na visão de seus filhos, por eles estarem estudando em uma escolha de tamanho prestígio.

Nas observações feitas, pude verificar o envolvimento de algumas famílias com a escola. A participação das mesmas no decorrer do ano letivo, e a perspectiva que seus filhos sejam jogadores de futebol profissional. Esse fato ficou muito presente, no depoimento dos professores e da coordenação, no conselho de classe observado.

Sobre o aluno A, todos professores comentaram que o aluno A tinha uma base boa, pois vinha da Escola Anne Frank. A coordenadora comentou, que a família do aluno era muito presente e comprometida com a escola. A professora responsável pela série disse, que ele era um aluno sereno e que não tinha nenhuma pressão para ser jogador de futebol. (Dia 20/12/07 das 14h às 15h 30, Conselho de Classe final dos alunos A, B e C da 7ª série - turma 71).

A coordenadora comentou que a mãe do aluno D era muito presente na escola. (Dia 08/04/08 das 17h20 às 19h Pré Conselho de 8ª série).

A professora responsável pela série comentou, que ele era muito maduro para sua idade, e que a família depositava muita esperança, para que ele se tornasse um jogador de futebol profissional. (Dia 20/12/07 das 14h às 15h 30, Conselho de Classe final dos alunos A, B e C da 7ª série - turma 71).

A coordenadora comentou que a família deposita muita expectativa para que o aluno B torne-se um jogador de futebol profissional. (Dia 20/12/07 das 14h às 15h 30, Conselho de Classe final dos alunos A, B e C da 7ª série - turma 71).

A respeito das opiniões dos alunos sobre a escola, foram as melhores possíveis, todos pareceram deslumbrados com o fato de estudar no Colégio Israelita. Essa situação pode passar pelo fato de todos provirem de escolas públicas. Mas este deslumbramento pode ter ocorrido também pelo fato de terem sido bem recebidos no Colégio.

Esta escola tem um ensino muito bom é difícil encontrar em outra escola, o ensino que é dado nessa escola, eu acho que escolhi a escola melhor. (aluno C).

O colégio é excelente, em termos de estudo, aqui têm muita gente boa, os alunos são muito legais, e acho o colégio excelente, em termos de amizade, de estudo, essas coisas. (aluno B).

Minha opinião é que é um colégio que busca inovações, não só pessoas dentro da área judaica, mas pessoas de fora também, até para poder conhecer como é o colégio, e também ele te dá várias oportunidades. Eles te tratam muito bem, eles tratam bem com as diferenças, principalmente os alunos, que são nota dez. (aluno D).

Além da escola nos tratar igual aos alunos que não são do Projeto, nos beneficiam muito, eles pagam viagem, eles dão bastante coisa para gente, é muito bom, são amigos. (aluno B).

Continua legal, tudo bem legal, as cadeiras confortáveis, tudo é uma coisa no ápice, muito anormal. (aluno C).

Tanto nas observações como nas entrevistas, nota-se uma profunda admiração e agradecimento dos meninos do projeto e suas famílias pelo fato de poderem estudar no Colégio Israelita. Justificando esse respeito admiração pelo acolhimento recebido e confirmando o bom conceito que essa escola possui entre as instituições particulares.

8.5.2 A visão dos alunos sobre o Projeto Esporte Social

No Brasil, já por um longo período, programas de bolsas de estudo têm sido utilizados de forma a permitirem que indivíduos com diferentes identidades tenham acesso a um processo educacional de qualidade em instituições de ensino privado. Tais programas têm apresentado um aumento no número de vagas para alunos carentes em instituições de ensino privado. Esses programas representam também para esses indivíduos uma possibilidade de ascensão social e a conquista de novos espaços como novos círculos sociais. (Neto Pereira, 2006)

O “Projeto Esporte Social” aplicado no Colégio Israelita Brasileiro, faz parte desse contexto de bolsas de estudos, utilizados pelas instituições privadas.

Comparando o “Projeto Esporte Social”, com os outros programas de bolsas de estudos que presenciei ao longo de minha vida profissional em outras escolas particulares, considero que esse projeto, é tão importante quanto os programas já vivenciados.

Essa afirmação justifica-se pela minha observação ao longo desse trabalho, e pelo relato no capítulo V desta pesquisa, onde caracterizo outros programas. Mas o fato que mais enfatiza essa afirmação são os depoimentos dos alunos (os beneficiados pelo projeto), a respeito do “Projeto Esporte Social”.

O Projeto Esporte Social eu acho muito importante, porque agrega várias coisas, várias pessoas ao esporte, não só no esporte, várias coisas como teatro. É importante para manter as pessoas ligadas em alguma coisa, não sendo só escola. (aluno D).

Eu acho importante porque o Projeto esporte Social te dá algumas coisas que às vezes tu nem busca. (aluno D).

Livros, quando a gente têm que ir na biblioteca para pegar uns livros, eles deixam a gente passar na frente dos outros alunos, estes são benefícios que agente deve aproveitar o máximo”. (aluno B).

Nas respostas acima, constata-se a valorização positiva dos meninos perante o projeto e a possibilidade de vivenciar certas coisas, que dificilmente teriam oportunidade se não fizessem parte do projeto.

Outro fato relevante nas respostas dos alunos, foi quando perguntados sobre o “Projeto Esporte Social”, é a relação que eles fazem com o esporte e a possibilidade de se tornarem atletas profissionais e principalmente a contribuição que o Colégio Israelita pode lhes dar na sua formação.

Projeto muito bom, ajuda pessoas que jogam em times importantes, Grêmio e Internacional, têm chance de estudar neste colégio, que é muito bom e de ensino ótimo, e ajuda quando chegar no júnior e no profissional, ser um jogador bom, não só dentro, mas também fora de campo. (aluno C).

Bom, o Projeto Esporte Social é muito bom, eu acho que é uma oportunidade para os alunos que jogam futebol, no Grêmio e no Inter, e é uma oportunidade muito boa, que a gente deve aproveitar o máximo, vir no colégio estudar. (aluno B).

Acho isso importante, para gente, mais importante para nossa carreira. Para alguns não é experiência, mas acho uma experiência muito boa estudar num colégio que têm uma capacidade muito boa. (aluno C).

Essas opiniões enfatizaram o relato de um aluno, no capítulo V, que já tinha passado por programas de bolsas de estudo em escolas particulares, e este destaca a importância e o benefício social, que teve no seu futuro profissional, por ter pertencido a programas de bolsas de estudo em uma instituição particular.

Também observei nas respostas, mais uma vez, que a escola está sendo muito importante e pode contribuir para o futuro profissional dos meninos.

O esporte na escola pode ser um dos meios mais importantes de formação dos jovens, a prática esportiva como educação social será indispensável no desenvolvimento da personalidade e imponderável nos processos de emancipação. (GUTIERREZ FILHO, 2004).

Através dessas afirmações, destaco (FRIEDMANN ; FISCHER, 1998), quando descrevem, que o Israelita habilita seus alunos a uma participação produtiva num mundo plural e enfatiza a qualidade das relações humanas na formação de seus jovens.

8.6 Exclusão social e escolar

Os alunos do “Projeto Esporte Social”, possuem as características de serem negros, atletas de futebol e provenientes de classes populares. A escolha desses critérios foi por serem fatores de discriminação ao longo da história, segundo os dados apresentados no artigo de Heringer (2002).

8.6.1 Situações características de exclusão social e escolar

Utilizo os conceitos de Bourdieu (1998) sobre capital cultural e Mittler (2003), quando afirma que as crianças que pertencem às famílias que vivem na pobreza tendem a se beneficiar menos da escolarização, para tratar de exclusão social e escolar e a relação com os meninos do “Projeto Esporte Social”.

De acordo com os conceitos dos autores, alguns fatos foram observados neste sentido.

- A coordenadora relatou que a maior dificuldade da escola, com os alunos do projeto, acontece quando eles chegam no Ensino Médio, pois os professores não são tão tolerantes, como os professores do Ensino Fundamental, e o nível de exigência da escola no Ensino Médio, para os alunos passarem no vestibular, é muito alto. (Dia 04/01/08 das 10h30 às 11h conversa informal com a coordenadora da escola).
- A professora H pediu a palavra, e disse que era contra o Projeto Esporte Social, pois os alunos chegavam com poucos pré-requisitos, faltavam às aulas de terça – feira à tarde e os professores tinham que fazer avaliações e trabalhos extras, para suprir essas faltas. O professor G, que só dá aulas, nas terças a tarde, disse que não conhecia nenhum dos alunos do projeto. (Dia 08/04/08 das 17h20 às 19h Pré Conselho de 8ª série).
- Sobre o aluno C sobre ele os professores comentaram que teve um bom crescimento durante o ano, pois chegou com poucos pré-requisitos da outra

escola. A professora M referiu-se ao aluno C como muito fraco em sua disciplina. (Dia 20/12/07 das 14h às 15h 30, Conselho de Classe final dos alunos A, B e C da 7ª série - turma 71).

As observações descritas acima demonstram uma diferença no aspecto sócio-cultural dos alunos da escola para alguns meninos do projeto. Nesse sentido essas observações confirmam os conceitos de Bourdieu e Mittler, no que diz respeito à dificuldade dos alunos oriundos de classes populares de se adaptar em um meio social (escola particular). Pude observar nesses relatos a dificuldade da escola e do corpo docente em lidar com essa situação diferenciada, na qual estão dispostos os professores. Essas observações demonstram a dificuldade dos professores, em lidar com a diferença de capital cultural entre os alunos do projeto e seus colegas.

Tanto professores quanto a instituição (principalmente no ensino médio) parecem não estar preparados para receber esse tipo de aluno, e promover a equidade⁷ em suas salas de aula. As razões apresentadas são diversas sejam pelo motivo de tempo de estudo, pré-requisitos deficientes, informações inconsistentes, dificuldade econômica e despreparo dos professores.

Araújo (1998 p.45) afirma que um professor que estabelece seus valores de forma rígida, definindo quem é “bom ou mau” estudante, assim como seus padrões de avaliações, que são baseados em seus próprios valores de vida, está estabelecendo diferenças entre seus alunos.

Nesse sentido observo que as escolas ainda possuem seus próprios métodos de continuar assegurando as diferenças dentro das salas de aulas. No caso do Israelita, as diferenças não estão presentes na proposta da escola, e sim nas ações que demarcam o cotidiano.

Outro fato que ficou muito evidente nas observações, foi a falta de informações entre os participantes do projeto (clube – escola). Ambos não possuem um meio de comunicação, que integre as instituições ao projeto e o que está acontecendo nesse processo.

No que diz respeito a seleção dos bolsistas, observo que pessoas importantes não foram ouvidas, para que a escola tenha maiores informações sobre os novos

⁷ Promover a equidade significa dar as mesmas condições, para os alunos bolsistas e para os alunos da comunidade escolar, atingirem o sucesso escolar e profissional.

alunos. Nesse contexto, posso citar o professor de Educação Física, o coordenador de esportes, o técnico da equipe de futebol dos meninos bolsistas, os professores da série em que os meninos vão ingressar, a assistente social do clube para informar sobre as características dos meninos.

- O professor de EF disse que seria melhor se o técnico da escola, no caso ele, fosse ao Grêmio e ao Internacional selecionar os garotos, e não como acontece, onde os alunos são colocados pelo clube na escola, sem processo de seleção. Se ele pudesse escolher os garotos bolsistas, não aconteceria de algum menino se recusar a jogar pela escola. (Dia 02/07/07 das 12h30 às 13h, conversa informal com o professor de Educação Física da 7ª e 8ª série, e também técnico das equipes de futsal da escola).

- A coordenadora falou que a assistente social do clube deu poucas informações sobre os novos meninos, e as informações que passou não condiziam, com as informações que os meninos novos do projeto, relataram a seus professores. (Dia 08/04/08 das 17h20 às 19h Pré Conselho de 8ª série).

- A coordenadora comentou que um dos problemas da escola é não organizar as turmas antecipadamente, os alunos entram nas turmas que têm menos alunos, não existe critério para formação das turmas. (Dia 04/01/08 das 10h30 às 11h conversa informal com a coordenadora da escola).

- Lesão de um dos alunos do projeto, que não está sendo observado por mim. Perguntei, se a escola lhe dava auxílio médico. Ele me respondeu que não, pois a direção o informou, que ele tinha se machucado em horário extra-curricular. (Dia 12/03/08 as 12h conversa informal com aluno bolsista do 1º ano).

Na 6ª série estava meio confuso, depois na 7ª já melhorei bastante, estou no clima. (aluno C).

Através dessas observações verifiquei certo despreparo de alguns segmentos da instituição, na organização das turmas e informações sobre os alunos do projeto. Bem como no caso da lesão do menino do projeto, quando ele estava representando a escola em uma competição. Também ficou claro nas observações, a falta de comunicação para estabelecer um plano estratégico na seleção e distribuição dos alunos inclusivos nas turmas. Nesse aspecto, analisando o contexto escola - projeto esporte social, constato que a instituição esforça-se para proporcionar o melhor ambiente para seus novos alunos, mas como o projeto esporte social ainda está em fase de aprimoramento, verifiquei ao longo da pesquisa, que alguns ajustes devem ser tomados para melhorar o atendimento aos bolsistas.

Outro fato importante constatado nas observações realizadas foi a discriminação racial, praticada por ações individuais, para com os alunos negros do projeto, aparecendo em alguns depoimentos. Essas ações não são realizadas pela grande parte que constitui a comunidade escolar, e sim, são atitudes tomadas por

uma minoria que ainda levam consigo o preconceito e a discriminação no seu dia a dia.

Nesse sentido me reporto a Pereira ; White (2001), quando relatam que a discriminação racial com os negros brasileiros, esta implantada na sociedade através dos meios de comunicação, desde os primórdios. Nesta mesma linha, mas fazendo a relação com o futebol, Giulianotti (2002), descreve que casos de discriminação acontecem desde o processo de seleção dos atletas na formação das equipes.

As observações abaixo demonstram alguns episódios de discriminação que os meninos do projeto passaram, e que hoje em dia, por alguns momentos ainda tem que conviver.

- Durante os jogos vários alunos tinham rugas e discussões com o aluno B. Alguns alunos da turma criticavam a atitude dos mesmos de comemorar os gols. (Dia 07/03/2008 – das 10h20 às 11h10 - Futsal livre - alunos (A, B e C) da 8ª série do Ensino Fundamental (EF)).

- Alguns colegas da turma de Educação Física reclamavam para o professor da maneira agressiva que o aluno D jogava. Em vários lances esses colegas chegavam mais duro no aluno D. (Dia 07/03/2008 – das 07h20 às 08h05 - Futsal livre - aluno (D) do 1ª série do Ensino Médio (EM)).

- No momento da escolha, nenhum dos meninos do projeto foi convidado para escolher as equipes. Um fato me chamou atenção, foi quando os três alunos do projeto foram os últimos a serem escolhidos para as equipes. Alguns colegas ficavam rindo desta situação. (Dia 14/03/2008 – das 11h10 às 12h – Voleibol quatro equipes simultâneas - alunos (A,B e C) da 8ª série).

- O aluno A deveria sentar na frente da sala com outra menina, pois a que estava sentada ao lado dele, o ignorava. (Dia 08/04/08 das 17h20 às 19h Pré Conselho de 8ª série).

- A diretora disse que ainda tem que resolver alguns problemas de discriminação. (Dia 06/06/07 das 10h às 10h30h, conversa informal com a diretora administrativa da escola).

Alguns dos episódios observados parecem ser mais de repúdio pela forma dos meninos do projeto agirem, do que atos de discriminação pré-determinados. Algumas observações me levaram a concluir que alguns atos eram realizados por inveja dos colegas, pelo fato dos alunos do projeto se destacarem no futebol.

Outra maneira de discriminar, também apareceu nas entrevistas com os meninos, mas de uma forma mais amena, pois nas suas declarações não ficou evidente o desconforto dos meninos. Não posso afirmar se foi, por já estarem acostumados com as brincadeiras, ou por motivo de preservação.

Nesse sentido a opinião de Vieira (1999), quando relata que muitos nem consideram os apelidos discriminatórios, confirma as declarações dos alunos. Já

Pereira ; White (2001), também compartilham da mesma opinião quando relatam que os “abeces” já estão enraizados na sociedade.

Acho que no começo eles não tratavam bem, ficou meio assim, acho que era porque não me conheciam, até entende? Porque eu tenho uma cabeça boa para me colocar, tipo assim ó, fui treinando eles, entrando no clima, não piava nada. Porque no começo foi complicado, mas depois encontrei algumas amizades e deu tudo certo. (aluno C).

Eu me sinto tranquilo, sempre têm as brincadeiras com os amigos, mas é coisa normal. (aluno D).

Eles mechem comigo e eu mecho com eles, está tudo bem. Eu levo na boa e eles também. Está tudo tranquilo. (aluno D).

Não, claro que já teve aquelas brincadeiras de mau gosto dos meus colegas, mas nada que eu não pude resolver, tudo eu consegui resolver com a direção, essas coisas. Mas no momento esta tudo ótimo, estou me dando bem. (aluno B).

De acordo com a declaração dos meninos, quando ingressaram na escola tiveram uma certa dificuldade, mas com o decorrer do tempo e do convívio, eles se “acostumaram ou se adaptaram” à escola e a seus colegas e esses a eles. Hoje parece que esses fatos estão superados, seja pelo convívio ou pela personalidade marcante dos meninos do projeto.

Nesse sentido a opinião de Charlot (2000), quando se refere a uma suposta desigualdade inicial entre os alunos, faz-se importante que as famílias acompanhem o desempenho escolar de seus filhos, e que esses meninos tenham consciência da importância de trabalhar e esforçar-se muito na escola e no clube, pois assim sendo, poderão alcançar seus objetivos e superar qualquer forma de preconceito.

8.6.2 Diferenças sócio-culturais

Neste aspecto me reporto a Heringer (2002), quando o autor afirma, que as distinções e desigualdades raciais são contundentes no Brasil, são facilmente visíveis e de graves conseqüências para a população negra e para o país como um todo. Ele enfatiza como fator importante de desigualdade e discriminação social entre negros e brancos é o acesso à educação, considerando como um dos principais fatores de mobilidade social dos indivíduos.

Nas entrevistas realizadas, apenas o aluno C descreve que se acha diferente dos alunos da escola no aspecto físico. A diferença entre os alunos do projeto e os da escola fica muito evidente nas entrevistas, no que diz respeito à festa de barmiztva, é uma cerimônia muito importante para os alunos judeus da 7ª série,

tanto que muda toda a rotina escolar da turma. Porém, os alunos do projeto não comemoram por não serem judeus.

Nos relatos dos meninos do projeto também ganham evidência as narrativas que aludem a tais dimensões. Por exemplo:

Eu me acho bem diferente, acho que meu estilo é mais de jogador. Para falar a verdade, tipo comparado com o Anderson do Grêmio, tipo jogador com esse cabelo. Acho bem diferente, eles têm outra cultura. (aluno C).

O aluno C comentou que nunca foi ao barmitzva. (aluno C).

Em relação a eles, a única diferença que eu vejo é que eles fazem barmitzva. Eu não faço barmitzva, e eles aprofundam mais o conhecimento na cultura judaica, e é coisa que eu não faço, até por não ser da religião. (aluno D).

Participo, vou aos barmitzva com os colegas, fico mais com eles, durante as aulas fico mais com os gurus do Projeto, mas na hora de sair eu acho que eu nunca saí com os meninos do Projeto. (aluno B).

As respostas dos alunos, quando indagados sobre diferenças sociais e culturais, fica evidente o fato de não serem judeus, e por isso, não poder comemorar o barmitzva. Essa comemoração é muito valorizada pelos alunos, professores e famílias da 7ª série. Essa parece ser a única diferença que os alunos do projeto enxergam em relação aos seus colegas, nem a diferença econômica entre eles parece não lhes incomodar, mas o aluno C se acha “bem diferente”, conforme exposto na citação acima.

Outro fato de possível discriminação velada chamou minha atenção, foi o relato da professora H, quando ela comentou no conselho de classe que achava muito natural o aluno D almoçar no refeitório dos funcionários da escola, e nenhum professor presente se manifestou. Esse fato me faz crer que as diferenças sociais e culturais quando pendem para o lado do menos favorecido parece ser normal e natural.

Nessa linha faço uma indagação. Se fosse um aluno da escola, com sobrenome importante na comunidade judaica, almoçando no refeitório dos funcionários, seria visto como uma atitude natural ou seria caracterizada como uma atitude de rebeldia?

- A professora H comentou, que o aluno D convivia muito bem com a diferença social entre ele e seus colegas. Muitas vezes ela o viu almoçando no refeitório dos funcionários, sem nenhum problema. (Dia 20/12/07 das 15h30 às 17h, Conselho de Classe final do aluno D da 8ª série - turma 82).

Esse episódio confirma o relato de Mantoan (2006, p.30), quando a autora descreve que muitas vezes nas escolas as diferenças nos indivíduos são vistas

como fixas, como se fossem marcas indeléveis, as quais só nos cabem aceitá-las, passivamente.

Acontecimentos como esse demonstram que algumas pessoas da escola ainda não estão preparadas para atender e conviver com as diferenças, muitas devem ser as ações para amenizarmos estas desigualdades. Podemos começar aceitando que todos somos iguais, independente da cor, religião ou nível social.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que dificilmente podemos estabelecer conclusões finais sobre um determinado tema investigado. A cada momento do processo investigatório se apresentam novas possibilidades de exploração e de interpretação.

Entretanto, penso que obtive informações suficientemente satisfatórias no sentido de compreender ao seguinte problema de pesquisa: O “Projeto Esporte Social” contribuí para o processo de inclusão dos alunos negros, atletas e oriundos de classes populares na escola privada, através do futebol?

Procurei, a partir da metodologia qualitativa do tipo estudo de caso, estabelecer os instrumentos de coleta de dados que permitido, posteriormente, uma análise aprofundada do tema em questão.

Na primeira categoria integração escolar, no que diz respeito as ações de integração, constato que a diferença entre integração e inclusão ainda não está clara para os professores da instituição. Também apareceram situações em que os professores realizavam ações individuais para auxiliarem os alunos do projeto, ações que deveriam ser de responsabilidade da instituição. No aspecto ações de solidariedade entre os alunos do projeto, foi nas aulas de Educação Física que elas mais se destacaram. Penso que isto aconteceu porque é neste espaço que seus talentos esportivos mais aparecem, bem como é nesta situação que podem demonstrar seus ideais de futuro, que é ser um atleta profissional de futebol.

Na segunda categoria, o futebol com meio de inclusão e ascensão social, categoria que pretende responder o problema da pesquisa, destacam-se algumas questões. No que diz respeito a futebol e ascensão social, a primeira é de que existe muita diferença entre relações dos meninos do projeto com seus colegas de clube e de escola. No clube, as relações são competitivas e de cobranças; na escola, são relações afetivas e amistosas. A segunda, é que para os alunos, a escola é uma

ferramenta (um estágio) para alcançarem seu projeto de serem jogadores de futebol profissional. A terceira, a família deposita grande expectativa nos seus filhos para que se tornem jogadores de futebol.

No que tange futebol e a inclusão, a título de síntese destaque: o fato dos alunos jogarem futebol (talento esportivo) em clubes de ponta foi um meio facilitador para serem aceitos e respeitados na escola. Por terem talento para jogar futebol geram admiração na comunidade escolar, e em alguns momentos até inveja entre os colegas. Esses meninos, por jogarem em clubes famosos, alteraram a rotina da escola. Os funcionários, os professores e os colegas passaram a falar mais sobre futebol. Um fator importante demonstrado (identificado) na pesquisa, foi que a paixão clubística não apareceu nas atitudes dos alunos do projeto, paixão que é significativa para as pessoas que freqüentam a instituição escolar. Um outro fator identificado, é que o “*habitat*” adquirido ao longo do convívio esportivo nos clubes de origem os torna jovens mais seguros e maduros para lidarem com as situações de dificuldade que possam se apresentar e, inclusive, capazes de exercer a liderança em situações adversas. O “*habitus*” que esses meninos adquirem na sua formação dentro dos clubes de futebol, possibilita uma melhor desenvoltura dentro das estruturas escolares.

Na terceira categoria, inclusão social e escolar, observou-se que a escola preocupa-se com a formação continuada de seus professores, proporcionando palestras, cursos e reuniões sobre o tema. Tanto a escola como o clube de origem desenvolvem ações para facilitar a adaptação e o convívio dos meninos na instituição. Sobre o processo de ensino-aprendizagem, a escola (corpo diretivo e de professores) possibilita que os meninos do projeto possam acompanhar o processo no seu ritmo. Os alunos do projeto reconhecem e admiram o esforço da escola para facilitar o processo de adaptação e aprendizagem. No aspecto social, os alunos do projeto apresentaram um deslumbramento em conviver com outra realidade social, pois a influência gerada pela oportunidade de acesso desses jovens ao Colégio Israelita proporcionou uma mudança significativa em suas realidades. Eles não observaram diferenças sócio-culturais entre eles e seus colegas, e sim semelhanças.

Na quarta categoria, a comunidade escolar e o Projeto Esporte Social, nota-se que as famílias e os meninos do projeto, sentem-se muito orgulhosos e agradecidos de estudar no Colégio Israelita. Todos valorizam muito a oportunidade que lhes foi

dada através das bolsas de estudo. O fato de estudar no Israelita pode contribuir para o futuro sucesso como jogador de futebol, como também pelo convívio na escola, que poderá lhes oferecer oportunidades de um futuro profissional melhor se não forem jogadores de futebol.

Na quinta categoria, analiso a exclusão social e escolar, a discriminação com os meninos do projeto, aparece apenas por ações isoladas de alguns colegas e as brincadeiras nesse sentido são tratadas com naturalidade pelos meninos, e dois alunos expressam que o fato de não ser judeu, só os diferencia dos outros colegas por não poderem comemorar o barmiztva. Acontece uma certa dificuldade no processo de ensino aprendizagem estabelecido no ensino médio, entre o ritmo e a disponibilidade de tempo dos alunos do projeto. Não foi possível constatar a existência de um canal de comunicação eficiente entre escola, clube e família, no processo de seleção dos alunos para as bolsas de estudo.

Acredito que alcancei meu objetivo principal na realização desta pesquisa, que era observar o cotidiano escolar, na perspectiva de inclusão de alunos bolsistas de origem sócio-cultural inferior, na escola privada, com o diferencial de serem atletas de futebol de clubes importantes. Além disso, a possibilidade de ouvir alunos, professores e observar diferentes cenários na ótica da inclusão. Essa investigação permitiu explorar o significado e o sentido de nossas ações como professores a partir da perspectiva dos alunos e comunidade, rompendo com o tradicional onde todas as definições e decisões acontecem com base em pressupostos pré-estabelecidos. Conhecer como os alunos entendem e percebem o esporte e a escola, e a oportunidade que esses lhes oferecem para atingir uma nova realidade social, permite uma redefinição de conceitos e posturas no sentido de encaminhar propostas que possibilitem a construção de processos de ensino e aprendizagem mais adequados à diversidade que a realidade brasileira nos apresenta.

Analisando o contexto escolar e sua relação com o Projeto Esporte Social, na perspectiva da construção de uma escola inclusiva, descrevo algumas sugestões para dar seqüência a esta caminhada:

- 1) Estabelecer critérios comuns entre a escola e o clube de futebol para a seleção dos alunos do Projeto.
- 2) A escola deve ter critérios de organização das turmas, para que os alunos do projeto sejam distribuídos em turmas diversas, para que não exista a

possibilidade de fortalecimento/criação de “guetos”, procurando um melhor convívio e relacionamento com os outros alunos da escola;

3) Conscientizar os professores que realizam tarefas e aplicam instrumentos extras de avaliação, fora das datas pré-estabelecidas para os alunos do projeto, sobre a importância dessa atitude como fator de inclusão e respeito às diferenças.

4) Retomar com os alunos do projeto a importância de freqüentar as aulas de quinta a tarde, principalmente quando eles ingressam no ensino médio.

5) Desenvolver um canal mais efetivo de comunicação entre a escola e o clube, para que ambos tenham mais informações sobre o “Projeto Esporte Social”, para que possam dessa forma acompanhar e avaliar o resultado e a evolução dos alunos nas duas instituições e, assim, contribuir para o melhor desempenho escolar e esportivo dos jovens do projeto.

6) A escola deve buscar informações com o coordenador de educação física e técnico de futebol da escola, no processo de seleção dos bolsistas;

7) Manter o Projeto e aperfeiçoá-lo, preservando o critério de bolsas de estudo para atletas de futebol.

Muitas são as possibilidades de continuidade para este tema. Acredito que apresentei apenas uma de muitas abordagens possíveis. Como sugestão de continuidade, apresento as seguintes idéias:

- A análise, a partir de outros contextos, de um número maior de alunos em escolas particulares.
- A perspectiva dos colegas, professores ou dos administradores de escola sobre o Projeto Esporte Social.
- A perspectiva das pessoas envolvidas no clube de futebol (jogadores, treinador e diretor) sobre o Projeto Esporte Social.
- A perspectiva das famílias envolvidas no projeto de bolsa de estudos sobre o Projeto Esporte Social.
- A análise a partir de outros contextos esportivos, basquete, voleibol, natação, entre outros, relacionados a inclusão escolar, verificando se estes esportes possuem o mesmo significado do futebol.
- As diferenças entre o discurso teórico e a prática cotidiana na escola sobre inclusão.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. O déficit cognitivo e a realidade brasileira. In: AQUINO, Julio Groppa (coord.). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

BERWANGER, Carlos Eduardo. **A relação entre esporte e educação na perspectiva dos alunos de ensino médio das escolas particulares**. Dissertação de Mestrado em Ciências do Movimento Humano da escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto alegre, 2001.

BIRK, Márcia. **Do Princípio da Pesquisa qualitativa à Coleta de Dados: uma trajetória percorrida por todos os pesquisadores**. In: CAUDURO, Maria Teresa. **Investigação em educação física e esportes: um novo olhar pela pesquisa qualitativa**. / Maria Teresa Cauduro...[et.al.] (organizadora). – Novo Hamburgo : Feevale, 2004. 112p.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K.. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. PASSEBON, Jean-Claude. **A Reprodução. Elementos para uma Teoria dos Sistemas de Ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. **Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação**. São Paulo: Papirus, 1996.

BULLA, L. C. **As Múltiplas Formas de Exclusão social**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**. Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COSTA, Emília Viotti. **O mito da democracia racial no Brasil**. Palestra proferida na reunião anual da Southern Historical Association, Washington, D.C., em 14 de novembro de 1975. Traduzido do inglês por Marco Aurélio Nogueira. 1975.

CRUZ NETO, Otávio. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DA MATTA, **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade Federal rio Grande do Sul, Porto alegre, 2005.

DAYERELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1983.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade brasileira**. São Paulo: Ática, 1978.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo. Um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FRIEDMANN, Márcia Dreizik. **Com a primeira estrela**. Porto Alegre: Edição N Soluções Comunicação Multimídia, 1998.

FRISSELLI, Ariobaldo. **Futebol: teoria e prática**. São Paulo: Phorte, 1999.

GASTALDO, Édison Luis. **Noções em campo: Copa do Mundo e identidade nacional/** Édison Luis Gastaldo e Simoni Lahaud Guedes (organizadores). – Damo (2005) “O ethos capitalista e o espírito das copas”. Niterói: Intertexto, 2006.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. – São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUTIERREZ FILHO, Washington. **Esporte e ascensão social**: histórias de vida de jovens bolsistas em uma Escola Metodista de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004.

HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LEVINE, R. **O caso do futebol brasileiro**. In WITTER, José S. (org.). São Paulo: Convênio Imesp? Daesp, 1982.

LUDKE, M.; ANDRE, M. **Pesquisas em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? por que? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MASCARENHAS, Gilmar. **A mutante dimensão espacial do futebol**: forma simbólica e identidade. Revista Espaço e Cultura, UERJ, Rio de Janeiro, Nº 19-20, p. 61-70, jan./dez. de 2005.

MASSOLO, Miguel. **A história oficial e o futebol**. ECOS da III Conferência Nacional de Educação Cultura e Desporto, Comissão de Educação Cultura e Desporto da Câmara de deputados. Brasília: TBA Informática e UNESCO, 2002, p. 24-25.

MÁXIMO, João. **Memórias do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Estudos Avançados, Relume-Dumará, 1999.

MILAN B. **O país da bola**. São Paulo: Ed. Best, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MITTLER, Peter. **Educação Inclusiva: Contextos Sócias**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MURAD, Maurício. **Corpo, magia e alienação. O negro no futebol brasileiro: por uma interpretação sociológica do corpo como representação social**. Pesquisa de Campo/Revista do núcleo de Sociologia do futebol, Rio de Janeiro, Uerj, Departamento Cultural/SR-3, n.0, p. 71-7.

NEGRINE, Aírton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. **A pesquisa qualitativa na educação física**. Porto Alegre: Editora da Universidade/Sulina, 1999.

_____. **Investigação histórica: relevância e estratégia metodológica nas ciências do movimento humano**. Revista Perfil, Porto Alegre: Programa de Mestrado em ciências do Movimento Humano. ESEF/UFRGS, v. II, n.2, p. 4 -13, 1998.

NETO PEREIRA, João Francisco. **PROGRAMAS DE BOLSAS DE ESTUDO: Uma possibilidade de reconhecimento**. 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos [2006].

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins ; Maria Alice Nogueira. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições**. Educação & Sociedade, nº XXIII, nº 78, Abril/2002.

PARKER, Sanley. **A Sociologia do Lazer**. Traduzido por: Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PEREIRA, Edimilson de Almeida ; WHITE, Steven F. **Brasil: Panorama de interações e conflitos numa sociedade multicultural**. Rio de Janeiro, Afro-Ásia, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os Excluídos da Cidade in Presença Negra no RS**. Cadernos Ponto e Vírgula, Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.

POUTIGNAT Philippe ; FENART-STREIFF, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade sweguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Tradução Elcio Fernandes. São Paulo Editora UNESP Fundação, 1998.

POSSEBON, Mônica. Um Estudo de Caso na Investigação em Educação Física na Perspectiva Qualitativa. In: CAUDURO, Maria Teresa. **Investigação em educação**

física e esportes: um novo olhar pela pesquisa qualitativa. / Maria Teresa Cauduro...[et.al.] (organizadora). – Novo Hamburgo : Feevale, 2004.

RINKE, Stefan. **La última pasión verdadera/ história del fútbol en América Latina en el contexto global.** Madrid : Iberoamericana Editorial Vervuert, 2007.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro.** 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RODRIGUES, F.X.F. **A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997–2002).** Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – PPGS/UFRGS, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Nomeando as diferenças:** A construção da idéia de raça no Brasil. São Paulo, USP, 1992.

SOARES, Antônio Jorge. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial.** Rio de Janeiro, UFG, PPGEF - tese de doutorado.1998.

STAKE, Robert. E. **Investigación com estudio de casos.** Madrid: Morata,1999.

VARGAS, Leandro Silva. **Esporte, interação e inclusão social: um estudo etnográfico do “Projeto Esporte Clube Cidadão”.** 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, (2007).

VIEIRA, José Jairo. **Paixão nacional e Mito Social: A participação do Negro no Futebol e Ascensão Social.** UERJ - tese de doutorado. 2001.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte.** São Paulo: Cortez/Autores associados, 2001.

YIN, Robert K. **Estudo de caso; planejamento e métodos.** Trad. Daniel Grassi . 2.ed. Porto Alegre: Bookmann, 2001.

Sites Pesquisados

ANJOS, José Luiz dos. **Futebol no Sul:** história da organização e resistência étnica. José Luiz dos Anjos. Site www.revistas.ufg.br/ **Revista Pensar a Prática**, vol. 10, Nº 1, 2007. Acesso 29 maio 2008.

COLÉGIO ISRAELITA BRASILEIRO. <www.colegioisraelitabrasileiro.com.br>. Acessado em 19 out. 2007.

GONÇALVES, Guilherme de Ávila. **Futebol para inclusão social**. - Guilherme de Ávila Gonçalves e Adolfo Martins Custódio. Site [www. 2.ucg.br](http://www.2.ucg.br). UCG. 2006, acessado em 27 abr. 2007.

HERINGER, R. **Desigualdades raciais no Brasil: síntese dos indicadores e desafios no campo das políticas públicas**. Caderno de Saúde Pública vol. 18 suppl. Rio de Janeiro, 2002. Site: www.scielo.org, acessado em 16 nov. 2007.

IMBIRIBA, Luis. **O futebol e a atualidade do racismo**. www.anovademocracia.com.br. 2003. Acesso 22 maio 2007.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **Esporte e mito da democracia racial no Brasil: Memórias se um apartheid no futebol**. In LECTURAS: Educación Física y Deporte (**revista digital**) www.efdeportes.com. 2001. Acesso 04 maio 2007.

_____. **Futbol y Modernidad em Brasil: la geografia histórica de uma novidade**. In LECTURAS: Educación Física y Deporte (**revista digital**), núm.10, año III, mayo/1998, Buenos Aires www.efdeportes.com. 1998. Acesso 04 maio 2007.

Site: www.especiais.profissaoreporter.globo.com/programa - TV Globo - Profissão Repórter no dia 10/06/2008 com o título de "Meninos de Ouro". Acesso 11 jun. 2008.

Site: www.institutoronaldinhogaicho.com.br, acesso 07 nov. 2007.

Site: www.jornaldacidade.net, acesso 01 jun. 2007.

Site: www.portaldovoluntario.org.br, acesso 27 abr. 2007.

Site: www.planalto.gov.br, acesso 11 out. 2007.

APÊNDICE A - OBSERVAÇÕES PARTICIPANTES

Aulas de Educação Física e a relação dos alunos do colégio e dos colegas do “Projeto Esporte Social”

Dia 07/03/2008 – das 07h20 às 08h05 - Futsal livre - aluno (D) do 1ª série do Ensino Médio (EM).

As aulas de Educação Física do 1ª ano do Ensino Médio são realizadas as terças – feiras das 12h15min às 13h e as sextas-feiras das 7h20 as 8h05min. A disciplina de Educação Física no Ensino Médio do Colégio Israelita é distribuída da seguinte forma: equipe de futsal, equipe de basquete e grupo de dança em horários alternativos, fora do horário curricular. Os alunos que não participam de nenhuma destas modalidades, freqüentam as aulas do currículo, estes são divididos em uma turma masculina e uma turma feminina. O currículo dá ênfase aos jogos coletivos (futsal, basquete, vôlei e handebol). A turma do 1ª ano do EM de Educação Física masculina é composta por onze alunos. Na aula do dia 07/03/08, os alunos jogaram Futsal no ginásio da escola. O aluno D do Projeto Esporte Social, que participa da equipe de futsal e do grupo de dança, chega sempre no primeiro período de sexta-feira das 7h20 as 8h05 (não sendo obrigado a chegar neste horário), para completar as equipes. Todos querem jogar no seu time. O aluno D se destaca em relação aos seus colegas no aspecto motor, muitas vezes deixando o jogo desequilibrado. Seus colegas durante o jogo receiam ao disputar as bolas com o aluno D pela sua força física. Os alunos comentavam da habilidade técnica do aluno D, entre eles e com o professor. O aluno D durante o jogo, apesar de ter uma técnica diferenciada, driblava bastante, mas também passava a bola para seus colegas. No final da aula o aluno D, foi embora conversando com seus colegas.

Dia 07/03/2008 – das 10h20 às 11h10 - Futsal livre - alunos (A,B e C) da 8ª série do Ensino Fundamental (EF).

As aulas de Educação Física de 8ª série do Ensino Fundamental no Colégio Israelita são realizadas, as quartas-feiras das 12h às 12h50min e as sextas - feiras das 10h20 às 11h10min. As turmas são divididas em grupo masculino e grupo feminino. O grupo masculino é composto por 24 alunos, sendo três alunos pertencentes ao Projeto Esporte Social. Nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental a presença dos alunos é obrigatória, mesmo que estes freqüentem as equipes esportivas da escola. Na aula do dia 07/03/08 das 10h20min. às 11h10min., os alunos da 8ª série jogam Futsal na quadra externa. Quando da divisão das equipes, pude observar que os alunos do projeto ficaram isolados de seus colegas de turma. O aluno B do projeto se candidatou a escolher as equipes. Foram escolhidas quatro equipes e, os três alunos do projeto ficaram em equipes distintas. Durante os jogos o aluno B e o aluno C do projeto rivalizaram bastante. O aluno B reclamava muito, para o professor, comentando que o professor estava favorecendo o aluno C. Os

colegas comentavam que o aluno C jogava muito bem, e criticavam a atitude do aluno B. O aluno A participava da aula tranqüilamente e não se envolvia nas discussões. Durante os jogos vários alunos tinham rugas e discussões com o aluno B, este há todo momento, debochava de seus colegas menos habilidosos. Sempre que acontecia um gol no jogo e era feito por algum aluno do projeto, estes comemoravam entre si, e se auto - elogiavam com frases do tipo “como eu sou bom... e sou o cara..., entre outras frases”. Alguns alunos da turma criticavam a atitude dos mesmos.

No final da aula os três alunos do projeto saíram juntos e ficaram comentando suas proezas durante o jogo.

Dia 12/03/2008 – das 12h00 às 12h50 – Futsal jogo dos setores - alunos (A,B e C) da 8ª série.

A aula de Educação Física da 8ª série no dia 12/03/08 foi realizada no ginásio da escola. Os alunos do projeto chegaram juntos e atrasados. O aluno B não estava com uniforme adequado para prática esportiva, estava com uma bermuda de brim e chinelos. O aluno B pediu para o professor um calção do uniforme da equipe da escola, e um par de tênis para o aluno A. Quando o aluno A não jogava, este emprestava seus tênis para o aluno B. O aluno C, não jogou futsal nesta aula, pois tinha jogo de futebol a tarde pela sua equipe. O aluno C ficou apitando os jogos de futsal auxiliando o professor. A turma foi dividida em quatro equipes. Mais uma vez o aluno B pediu para escolher sua equipe, mas não foi atendido pelo professor. O aluno A e o aluno B não ficaram no mesmo time. Os jogos transcorreram normalmente, mas sempre que o aluno B se achava prejudicado, este reclamava para o professor da arbitragem do aluno C. O aluno C não levava as reclamações de seu colega em consideração. Alguns colegas da turma de Educação Física reclamavam para o professor da maneira agressiva que o aluno B jogava. Em vários lances estes colegas chegavam mais duro no aluno B. O aluno A participou da aula normalmente jogando de goleiro. Quando sua equipe se defrontou com a equipe do aluno B, ambos rivalizaram bastante. Sempre que podiam falavam alguma coisa para ridicularizar um ao outro, com frases do tipo, “chuta mais forte”, “tu é fraco moleque”, etc...

No final da aula o aluno A e o aluno C saíram juntos conversando, e o aluno B ficou reclamando para o professor da arbitragem do colega A.

Dia 14/03/2008 – das 11h10 às 12h – Voleibol quatro equipes simultâneas - alunos (A,B e C) da 8ª série.

Neste dia estava chovendo. Como a escola, só têm um espaço físico coberto para prática esportiva, a aula de Educação Física foi realizada dentro do ginásio. De um lado da quadra separados por uma rede, ficava o grupo de meninas da 8ª série jogando voleibol. Do outro lado da quadra ficava o grupo de meninos da 8ª série, também jogando voleibol. O grupo de meninos foi dividido em quatro equipes de seis jogadores. No momento da escolha, nenhum dos meninos do projeto foi convidado para escolher as equipes. Um fato me chamou atenção, foi quando os três alunos do projeto foram os últimos há serem escolhidos para as equipes.

Alguns colegas ficavam rindo desta situação. O aluno C não quis mais jogar. Indagado pelo professor, justificou que estava com o dedo machucado, e foi assistir há aula na arquibancada. O aluno B e C participaram da aula normalmente. O jogo transcorreu da seguinte forma: sempre que uma equipe errava a jogada, era substituída por outra equipe. Isto fazia com que todos alunos participassem ao mesmo tempo e ficassem atentos ao jogo. A aula transcorreu normalmente, com pequenas discussões entre os colegas, nenhuma envolvendo os alunos do projeto. No final da aula o aluno B e o aluno A foram até a arquibancada conversar com o aluno C, e depois foram embora caminhando para sala de aula.

Dia 21/03/2008 – das 07h20 às 08h05 – Futsal jogo das quatro goleiras - aluno (D) do 1ª série do EM.

Na aula do dia 14/03/08 novamente o aluno D chegou cedo para completar as equipes. Neste dia a aula de Educação Física foi realizada na quadra externa do colégio. Os alunos foram divididos em duas equipes de cinco jogadores, e jogaram futsal podendo cada equipe fazer gol em duas goleiras. Mais uma vez o aluno D se destacou no aspecto técnico e físico durante jogo. Nesta aula dois colegas da turma de Educação Física que não estavam na equipe do aluno D, reclamaram para o professor da diferença técnica, que o aluno D, estava fazendo durante a partida. Eles falaram para o professor a seguinte frase:

- O aluno D é muito bom não dá para jogar contra ele, agente sempre perde.

O professor respondeu:

- Vocês querem que ele não jogue? Uma equipe vai ficar com um jogador a menos.

Os colegas que reclamaram se calaram e voltaram a jogar.

Durante o jogo, um aluno do 2ª do EM estava observando a aula, e sempre que o aluno D fazia um gol ou uma jogada bonita, este, era elogiado pelo aluno que estava observando a aula. Os colegas que estavam na equipe do aluno D aplaudiam e festejavam as jogadas de seu colega. O jogo terminou com uma grande diferença de gols para a equipe do aluno D. No final da aula o aluno D foi conversar com o colega do 2ª do EM que estava observando o jogo. Os colegas que ganharam o jogo saíram ironizando, os colegas que perderam o jogo.

Os eventos proporcionados pela escola (festas, jogos, feiras, passeios) e a participação dos alunos do projeto.

Dia 15/05/07 – Concurso de talentos da Escola participação do aluno C da 7ª série. Aluno C da 7ª série é escolhido líder da turma.

No dia 15/05/07 terça-feira, cheguei na escola às 10h para dar aula de Educação Física para o Ensino Médio, quando cheguei no ginásio do colégio, estava sendo realizado o “III Festival de Talentos da Escola”. O festival transcorreu das 9h30 às 12h. O evento envolve os alunos da 5ª série do Ensino Fundamental aos alunos do 3º ano do Ensino Médio. Neste dia, todos os alunos que estudam no turno da

manhã, se deslocam para o ginásio da escola para participar e prestigiar o evento. O festival é composto por apresentações artísticas do tipo, musical, dança, folclore judaico, representações cômicas, habilidades motoras, entre outros. O evento oportuniza que os alunos da escola demonstrem seus talentos extra-curriculares. O representante no festival da turma 71 da 7ª série foi o aluno B do projeto. O aluno B na sua apresentação executou malabarismos com a bola de futebol durante dois minutos. A sua apresentação foi muito aplaudida pelo público presente. Fui informado neste dia pela professora G, que o aluno B também tinha sido escolhido pelos seus colegas de classe como um dos representantes da turma 71 (este no ano de 2006 também foi representante da sua turma na 6ª série). No final do evento, todos os participantes receberam um certificado de participação, da direção da escola.

Dia 13/07/07 Passeio para cidade de Rio Grande aluno D da 8ª série, acompanha a turma no passeio, subsidiado pela escola.

No dia 13/07/07 sexta – feira, cheguei as 7h20 para dar aula de Educação Física aos alunos do 1º ano do Ensino Médio até às 8h05min. Quando estou saindo da escola, encontro as duas turmas de 8ª série no saguão do colégio. Perguntei a professora H o que estava acontecendo. Esta me respondeu, que os alunos estavam esperando o ônibus para viajar para a cidade de Rio Grande.

E em Rio Grande iriam realizar um trabalho de campo para as disciplinas de Geografia, História e Ciências. Observei no saguão que um dos alunos que estava no saguão, era o aluno D do projeto. Perguntei a professora, que local iriam visitar em Rio Grande, e se a escola patrocinava a viagem. A professora me disse que iriam visitar o Museu Oceanográfico, o Super Porto e observariam a Colonização Portuguesa. Sobre o patrocínio ela me comentou, que cada aluno pagaria a sua viagem. Então perguntei quem pagaria para o aluno D do projeto. Ela me respondeu, que os alunos estavam pagando um valor a mais pelo passeio, para subsidiar a viagem do aluno D e de outros bolsistas que freqüentavam a 8ª série. Fiquei no saguão até o ônibus chegar, quando chegou, esperei todos os alunos embarcarem. O aluno D conversava numa roda de seis colegas, entre eles duas meninas. Quando o aluno D embarcou no ônibus fui embora.

Dia 27/08/07 Jogo de futsal da equipe infantil do CIB contra o Colégio Salvador, participação do aluno D da 8ª série.

Dia 27/08/07 segunda –feira a pedido dos alunos do 1º ano do Ensino Médio, fui observar o jogo de futsal da categoria infantil (sub-15), pela VIII Liga Escolar de Futsal das Escolas Particulares de Porto Alegre, entre os Colégios Israelita e Salvador. Sentei na arquibancada do ginásio junto com meu filho de 7 anos, e fomos observar o jogo. O jogo iniciou às 21h30min.. A equipe do Israelita é composta por alunos da 8ª série do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio. Entre os integrantes da equipe estava o aluno D do projeto. Ele era o goleiro e o capitão da equipe, apesar de ser um aluno de 8ª série, fato surpreendente, pois jogava com alunos mais velhos. Durante o jogo verifiquei a participação constante

do aluno D, apoiando, orientado e muitas vezes criticando seus colegas. Observando estes fatos, entendi, porque ele era o capitão da equipe. O aluno D fez várias defesas importantes no 1º tempo da partida. A equipe do Colégio Israelita venceu o primeiro tempo por 2 a 0, com gols dos jogadores nº 9 e nº 2. O jogo no 2º tempo foi bastante disputado e viril. Dois jogadores do Colégio Salvador foram expulsos. Em três situações de discussão, entre os atletas das duas equipes, o aluno D interveio e afastou seus colegas. No segundo tempo a equipe do Israelita fez mais dois gols, estes feitos pelo aluno nº 14. O jogo terminou 4 a 0 para o Colégio Israelita. No final da partida as equipes quase se confrontaram fisicamente, entre os jogadores que estavam na confusão se fazia presente o aluno D. Os professores e pais rapidamente apartaram a confusão. No vestiário os alunos do Israelita, cantavam para comemorar a vitória. Após a comemoração foram embora com seus pais. Fui embora às 23h da escola com meu filho, com técnico do Israelita e com o aluno D, que pegaria carona com o técnico, até a sua casa.

Um fato relevante que aconteceu na partida foi à lesão de um dos alunos do projeto, que não esta sendo observado por mim. Este bateu com o pé na parede, que fica no fundo da quadra. Ele foi socorrido pelo técnico do Israelita e levado para o Pronto Socorro pela família, esta avisada pela segurança da escola. Fiquei sabendo pelo próprio aluno, dias após o jogo, que este tinha rompido os ligamentos do pé direito. Perguntei, se a escola lhe dava auxílio médico. Ele me respondeu que não, pois a direção o informou, que ele tinha se machucado em horário extra-curricular.

Dia 06/11/07 Visita a Câmara de vereadores, aluno C da 7ª série vai como um dos representantes da escola, com vestuário fornecido pela escola.

No dia 06/11/07 terça - feira, ao chegar 10h para dar aula de Educação Física, para os alunos do 3ª do Ensino Médio, observei no pátio da escola que alguns alunos do colégio estavam vestidos com traje auto - esporte. Entre os alunos estava o aluno C do projeto. Perguntei para o professor CJ, porque os alunos estavam vestidos naqueles trajes. O professor respondeu que os alunos representantes das duas turmas de 7ª séries iriam visitar, a Câmara de Vereadores de Porto Alegre, para levar um projeto de segurança para o bairro. Ele também comentou que o trabalho era organizado pelas disciplinas de História, Cultura Judaica e Português. O grupo que foi a Câmara era composto por quatro alunos. Perguntei para o professor sobre o traje que o aluno C estava usando. Ele me relatou, que a direção da escola alugou o traje para o aluno C vestir. Fui conversando com o professor, até ele e os quatro alunos, ingressarem na kombi escolar, que os levou até a Câmara de Vereadores de Porto Alegre.

Dia 05/12/07 Final do campeonato de futsal mirim no Colégio Farroupilha entre o CIB e o CBC, participação dos alunos A e B da 7ª série. O aluno C não quis participar do jogo. O CIB tornou-se campeão.

A pedido do coordenador de esportes da escola, acompanhei o técnico de futsal do Colégio Israelita, no dia 05/12/07 quarta-feira às 18h, na final da categoria mirim (sub – 13) de futsal, da VIII Liga das Escolas Particulares de Porto Alegre. A final foi

entre o Colégio Israelita e o Colégio Bom Conselho, no ginásio do Colégio Farroupilha. Na equipe de futsal do Colégio Israelita os alunos A e B do projeto faziam parte. Perguntei ao técnico porque o aluno C não estava jogando. Ele respondeu, que o aluno C o comunicou, que teria jogo a tarde pelo seu clube de futebol, e estaria cansado para jogar a noite.

O jogo iniciou às 19h, no primeiro tempo o Colégio Israelita venceu por 1 a 0 com gol do jogador nº 5. Os alunos A e B eram titulares da equipe, um com a camisa 9 e o outro com a camisa 17. Os dois alunos do projeto se destacavam tecnicamente e fisicamente durante a partida. No segundo tempo o Israelita venceu por 3 a 1, com gols dos alunos nº 17, 5 e 15. O Colégio Bom Conselho também tinha três alunos bolsistas os jogadores nº 11, 3 e 5. O jogo terminou as 20h com a vitória do Israelita por 4 a 1. Ao final do jogo aconteceu a cerimônia de premiação, com entrega de medalhas aos atletas e troféu para a instituição. Depois eu o técnico fomos jantar para comemorar a vitória, sem antes ter levado os dois alunos do projeto em casa. A escola deu bastante ênfase ao feito, colocando cartazes no saguão da escola, homenageando os atletas e técnico no horário do recreio e colocando fotos do jogo no site da escola.

Dia 18/03/08 Festa de PURIM (Lançar a sorte) os alunos A, B, C participam das atividades com seus colegas.

Cheguei dia 18/03/08 sexta – feira, às 7h20min para dar aula de Educação Física à turma de 1º ano do Ensino Médio. Quando entrei no ginásio, verifiquei que os funcionários da escola estavam colocando brinquedos infláveis e jogos na quadra. Perguntei para a minha colega o que estava acontecendo. Ela respondeu que era Festa de Purim*.

As 10h30min os alunos da 8ª série ingressaram no ginásio para festejar Purim. Observei que os três alunos do projeto A,B e C, mantiveram-se juntos, participando das brincadeiras com outros colegas, mas os três sempre no mesmo grupo. Após as atividades no ginásio, a turma 81 se deslocou para a sinagoga, que fica localizada dentro dá escola. Os três alunos do projeto sentaram juntos na sinagoga, e realizaram a mesma atividade com seus colegas. Fiquei observando as atividades dá porta dá sinagoga. Após o termino das palavras do rabino (11h30min), os alunos da turma 81 deslocaram-se para sua sala de aula.

O dia a dia dos alunos do projeto na escola. Como recreio, horários livres, sala de aula, atividades que necessitem formação de grupos, entre outros.

De 18 a 25/05/07 alunos B e C são dispensados das provas por estar viajando com suas equipes de futebol.

No dia 17/05/07, os professores da escola receberam da coordenação, um e-mail comunicando que os alunos B e C do projeto, estariam viajando com suas equipes, para disputar um campeonato de futebol fora do estado, no período de 18 a 25/05/07. Os professores deveriam abonar as faltas dos alunos. Está semana em

que os alunos estarão viajando, coincidiu com a semana de provas do 1º trimestre. Os professores deveriam fazer novas avaliações para os dois alunos do projeto, e estas deveriam ser aplicadas durante o 2º trimestre.

Dia 05/07/07 Trabalho em grupo de história nas mesas do pátio da escola, os alunos A, B e C participam de grupos de estudos com seus colegas de 7ª série.

No dia 05/07/07 quinta-feira cheguei mais cedo na escola (9h30min), para dar aula de Educação Física aos alunos do 3º ano do Ensino Médio. Ao passar pelo pátio, verifiquei que os alunos da 7ª série estavam sentados nos bancos, e escrevendo em papéis sobre as mesas do pátio. Aproximei do professor H e perguntei o que estavam fazendo ali. Ele respondeu, que estavam fazendo trabalho em grupos sobre Roma. E que estavam no pátio para diversificar o ambiente de estudo. Ao observar os três meninos do projeto, verifiquei que estavam em grupos de estudo diferentes. O aluno A estava em um grupo com mais três meninas. O aluno B estava em um grupo com um menino e duas meninas. Já o aluno C estava em grupo com mais um menino e duas meninas. Fiquei mais um pouco, observando a atitude dos alunos do projeto com seus colegas, e verifiquei, que eles participavam do trabalho quando o professor chegava perto do grupo. Em outros momentos conversavam sobre outros assuntos e algumas vezes até brincavam, principalmente quando o professor se afastava da mesa. Em suma, faziam as mesmas coisas que seus colegas de turma.

Dia 12/07/07 alunos A, B, C da 7ª série jogam bola no pátio no horário do recreio, com seus colegas da 7ª série, e com os alunos da 8ª série, inclusive com aluno D.

No dia 12/07/07 ao chegar mais cedo 10h (horário de recreio do Ensino Fundamental), para dar aula de Educação Física aos alunos do 3º ano do Ensino Médio, um fato me chamou atenção. Os meninos da 7ª série e os meninos da 8ª série estavam quase todos (em torno de 30 alunos), jogando futebol na quadra externa. Os quatro meninos do projeto (A, B, C e D), estavam jogando. Fiquei alguns minutos observando o jogo, e verifiquei mais uma vez, que os meninos do projeto se destacavam tecnicamente e fisicamente em relação aos seus colegas. O jogo quase não tinha regras, mas dava para observar que era 7ª contra 8ª série. Sempre que acontecia um gol, a equipe que marcava debochava da equipe que levava o gol. O jogo só terminou quando a auxiliar de disciplina retirou a bola, pois mesmo com sinal da campainha para o término do recreio, o jogo continuava.

Dia 02/08/07 Recreio da 7ª série e 8ª série dos alunos A, B, C e D do projeto

No dia 02/08/07 quinta-feira, cheguei cedo mais uma vez para observar o recreio dos alunos do projeto. Os alunos da 7ª série A, B e C, brincavam de pegar ao redor da quadra externa. Só os três estavam brincando. Sempre que o aluno C pegava o aluno B este batia na cabeça do colega. O mesmo fazia o aluno B quando pegava o aluno A. O aluno C era o único que não apanhava dos colegas.

O aluno D estava conversando em uma das mesas do pátio, com duas meninas e mais três meninos da 8ª série. O aluno D alisava o cabelo de uma das meninas, enquanto conversavam. Aproximei para ouvir a conversa. Falavam sobre a festa que iriam sábado, na casa de uma colega. Quando me viram, me cumprimentaram e disseram que eu estava gordo. Respondi que a roupa me deixava gordo, e fui embora.

Dia 23/08/07 horário livre para os alunos A, B, e C da 7ª série jogam bola entre si.

No dia 23/08/07 quinta-feira, ao sair da aula de Educação Física por volta da 13h, passo pelo pátio do colégio, onde esta localizada a quadrinha de futsal, e observo vários alunos da escola do lado de fora da quadrinha. Estes olhavam para os três meninos do projeto, que estavam fazendo malabarismo com a bola na quadrinha. Os três jogavam sozinhos. Perguntei para um dos alunos que estava do lado de fora, porque não estavam jogando junto com os colegas. Ele respondeu que não conseguia fazer a mesma coisa com a bola, que os “jogadores” faziam. Fui brincar um pouco com os meninos do projeto, para mostrar minhas habilidades e depois fui embora.

01/04/08 Visita a sala de aula da turma 81 onde estão os alunos A, B, e C da 8ª série.

No dia 01/04/08 terça-feira, fui observar os alunos A,B e C da 8ª série em sala de aula, no período curricular (das 10h20 as 11h10), visita acordada anteriormente com a professora. Os alunos perguntaram para professora o que eu estava fazendo ali. Ela disse que estava observando sua aula, para um projeto na faculdade. Sentei no fundo dá sala e comecei a anotar o que acontecia. Todos os alunos estavam sentados em duplas. As duplas eram formadas por uma menina e um menino. O aluno A sentava nas cadeiras da frente da sala, no lado direito do quadro negro. O aluno B sentava no centro da sala. O aluno A sentava no fundo da sala, no lado esquerdo do quadro negro. Todos sentados ao lado de uma menina. O objetivo dá aula era a “Fala”. O desenvolvimento do trabalho aconteceu dá seguinte maneira: quatro alunos um de cada vez, foram para frente da sala, falar sobre algum assunto que lhes interessava. Um dos quatro alunos era o aluno A, este falou sobre o treinamento que realizava em sua equipe de futebol. No final de sua fala foi aplaudido pelos colegas. No término do período, agradei a professora e fui embora.

Eventos sociais extracurriculares da comunidade como barmitzva, festas sociais e a participação dos meninos do projeto.

Dia 09/08/07 Conversa informal com alunos B e C da 7ª série.

No dia 09/08/07 quinta – feira, os alunos do 3º ano foram a um passeio e não precisei dar aula. Neste dia os aluno B e C do projeto foram até o ginásio da escola,

e sentaram no banco, que fica a frente da sala dos professores de Educação Física. Aproveitei a presença deles, e conversei com ambos sobre como estavam na escola. Perguntei, por estarem na sétima série, se já tinham ido a alguma festa de Bar mitzva*. Eles me relatam que são convidados pelos seus colegas, para participarem das festas de Bar mitzva. O aluno B relatou que foi três vezes e aluno C comentou que foi duas vezes. Perguntei se eles já tinham colocado o kipá** nas cerimônias. Ambos responderam que usaram o kipá, na sinagoga. Mais uma vez indaguei, e o que acharam das festas. O aluno C disse que nunca tinha ido, em festas em lugares tão “show”. O aluno B respondeu da mesma forma. Continue a conversa perguntando, se estavam gostando da escola. Ambos responderam que sim. Conversamos bastante, sobre o Inter e o Grêmio, e de seus treinamentos e treinadores. Em meio ao diálogo, eu perguntava algumas situações dos alunos com a escola. Situações como alimentação, transporte, uniforme, aulas e colegas. O aluno B era o mais falante, este comentou que as terças-feiras uma Kombi escolar levava o aluno C até o Inter, e depois levava ele para o Grêmio. Também as terças, eles almoçam no refeitório da escola. Perguntei, porque só as terças? O aluno C respondeu, que as terças eles saíam mais cedo, pois seus colegas de classe tinham aula à tarde, e eles tinham que treinar em seus clubes. Perguntei, vocês não assistem às aulas, terça? Os dois responderam que não. Para não perder as matérias, eles faziam trabalhos em casa, das disciplinas que não podem assistir. Conversamos mais um pouco sobre o pai de um dos meninos que foi atleta profissional, e depois fomos embora conversando até o pátio.

**Bar mitzva – é uma festa que se comemora a maioridade judaica dos meninos. Esta festa é realizada aos treze anos. Acontece uma cerimônia religiosa na sinagoga, onde os meninos devem ler capítulos da Tora (livro sagrado do judaísmo).*

***Kipá – solidéu - símbolo judaico usado só para homens e meninos na cabeça, simbolizando que Deus está acima de nós.*

Mês de dezembro/07 e Janeiro/08, aluno D da 8ª série participa da Macabíada Pan Americana em Buenos Aires, representando o Brasil no Futebol.

Em minhas observações pela escola, verifiquei que o aluno D do projeto vestia um abrigo da Seleção Brasileira – Macabi. Conversando com o técnico de futsal do Colégio Israelita, este relatou que quatro atletas de sua equipe foram convidados, para participar da Seleção Brasileira de Futebol, representando o Brasil na Macabíada* Pan Americana Juvenil em dezembro de 2007 a janeiro de 2008, esta realizada em Buenos Aires (Argentina). O professor disse que a base da seleção era formada por atletas do Rio de Janeiro e de São Paulo, pois lá fica a sede da Macabi - Brasil. Um dos quatro atletas convocados foi o aluno D do projeto. Perguntei ao professor quem viabilizou a viagem do aluno D. O professor disse que todas as despesas (passagem, alimentação, estadia) foram pagas pela Macabi – Brasil.

Perguntei: Em Buenos Aires como o aluno D se sustentava?

Na Argentina, segundo o professor, seus colegas de Porto Alegre auxiliaram em algumas despesas. O professor ainda relatou, que o aluno D era o goleiro titular da

seleção sub-20 com apenas 14 anos, e o Brasil ficou em segundo lugar no torneio. Ainda hoje, observo o aluno D desfilar na escola com o abrigo da Seleção Brasileira.

Dia 12/03/08 conversa informal com o aluno D do 1ª o EM

No dia 12/03/08 quarta – feira, conversávamos por volta das 12h 50, após o término das aulas de Educação Física do ensino Fundamental, eu e meus dois colegas de disciplina. Quando o aluno D do projeto ingressou na sala dos professores de Educação Física, e participou de nosso diálogo. Eu e os outros professores perguntamos como ele fazia nas festas da comunidade judaica. Ele nos contou que no sábado anterior (08/03/08), foi numa festa na casa de uma colega no bairro Higianópolis, e depois como não tinha ninguém para busca – lo, dormiu na casa da colega. Perguntamos se ele não ficou com vergonha de ter ficado lá. O aluno D respondeu que não. Disse que quando acordou foi tomar café com o irmão de sua colega. Por volta do meio dia de domingo (09/03/08), saiu para almoçar em uma galeteria com toda a família, “tudo pago pelo pai da colega”. Também nos informou que à tarde outros colegas foram para residência da menina, e todos ficaram jogando vídeo game até o anoitecer, quando o pai da menina o levou em casa. Meus colegas riram, e falaram: Tu não fácil...

Depois todos fomos embora.

Dia 13/03/08 aluno D do 1ª o EM, estava no restaurante perto da escola junto com seus colegas (meninos e meninas).

No dia 13/03/08 quinta-feira, após o término da aula de Educação Física do 3º ano do ensino Médio, fui ao banco, e depois fui almoçar no restaurante Bauru do Trianon, que fica na avenida Protásio Alves, em frente ao Colégio Israelita. Eram 13h. Quando entrei no restaurante, uma das mesas, era composta pelo aluno D (1º ano do EM) do projeto, três alunas do 2º ano do EM e um aluno do 2º ano do EM. Sentei para almoçar, e fiquei observando a mesa dos alunos do Colégio Israelita, todos estavam conversando. O aluno do 2º ano, e o aluno D muitas vezes me olhavam para ver o que eu estava fazendo. As três meninas estavam almoçando e dois meninos as acompanhavam, mas não estavam comendo. Depois o aluno D pegou (para “sacanear”) uma das bolsas de uma das meninas e saiu do restaurante, a menina (rindo) saiu correndo atrás dele. Quando estava pagando a conta, a menina retornou com a bolsa, para pagar sua conta. Saímos todos juntos do restaurante, e perguntei o que iriam fazer. Eles responderam que tinham trabalho em grupo, e iriam para biblioteca estudar. O aluno D, que não pertence ao 2º ano pegou um ônibus e foi embora.

Reuniões de professores, conversas informais com (professores, coordenação e direção), conselhos de classe, pré - conselho, e suas opiniões sobre o Projeto Esporte Social.

Dia 03/06/07 das 7h30 as 13h30, Reunião do Grupo de inclusão.

O Colégio Israelita Brasileiro, por ser uma escola de tradições judaicas, esta respeita os feriados nacionais, cristãos, e os feriados judaicos. Este fato faz com que a escola tenha dificuldade de completar os 200 dias letivos. Para compensar, a escola abre quatro domingos durante o ano, para trabalho do grupo de professores. O colégio não faz isto no sábado como as demais escolas, porque para o judaísmo o sábado é o dia de descanso. No dia 03/06/07 domingo, participei dos trabalhos internos do grupo de professores. Integrei o grupo que estudava sobre Dificuldades de Aprendizagem e Inclusão. Este grupo é formado por oito professores das mais diversas disciplinas, e por interesse dos professores sobre o tema. Neste dia conversamos e discutimos sobre inclusão escolar. O foco da discussão foi caracterizar alunos de inclusão. Iniciamos a montagem de um documento diagnóstico, onde observaríamos, o que o nosso grupo de professores da escola entendia sobre o tema, e que tipo de alunos para eles caracterizavam-se como de inclusão. Todos chegamos à conclusão que os alunos do Projeto Esporte Social são de inclusão. Depois fizemos uma leitura em grupo, de autores que tratam do tema inclusão como Montoan, 2001. No final da manhã apresentamos nosso trabalho, aos outros grupos de professores.

Dia 06/06/07 das 10h às 10h30h, conversa informal com a diretora administrativa da escola.

No dia 06/06/07 quarta – feira, fui até a sala da direção, pelas 10h da manhã, para mostrar o rascunho do meu livro que tinha ficado pronto. Ela elogiou muito o livro, e pediu um exemplar quando ele estivesse pronto. Respondi que ela seria uma das primeiras pessoas a receber o livro. Aproveitei a oportunidade e toquei no assunto Projeto Esporte Social. Ela relatou vários fatos que servirão para enriquecer meu trabalho. A idéia do projeto foi da direção. Ela se queixou, que o antigo coordenador de Educação Física não apoiava o projeto, porque a idéia não foi dele. Sabendo da minha monografia de mestrado, ela pediu que eu auxiliasse o novo coordenador com o Projeto Esporte Social. A diretora disse, que têm apoio de um grupo de senhoras judaicas, no auxílio da alimentação e do transporte dos meninos. Sobre o apoio pedagógico para os meninos, ela falou, que eles têm aulas aos domingos, e às vezes à noite com os professores da escola. Os livros que os alunos do projeto utilizam, são comprados pela escola, emprestados pelos professores ou doados por outras famílias. Ela comentou, que alguns jogadores como Fernandão e Sandro Goiano já tinham visitado a escola, quando do encerramento anual, das escolinhas de futsal em dezembro de 2006. Também ressaltou, que a escola auxiliou na formação do 1º e do 2º grau de um atleta profissional do Internacional, dando aulas à noite para este atleta. A diretora salientou muito, o trabalho do cônsul gremista e colorado na escola. Estes são eleitos pelos colegas. A diretora ressaltou, que além de placas de publicidade da escola, nos estádios de Grêmio e Inter, a escola têm direito a ingressos, e entrar com seus alunos em campo, em dois jogos por ano do Grêmio e do Internacional. Ela também comentou que já alugou do seu próprio bolso, duas vezes, trajes sociais para os alunos do projeto, poderem ir, nas festas de Bar mitzva. Perguntei para ela como era a relação dos outros colegas com

meninos do projeto. Ela disse que ainda têm que resolver muitos problemas de discriminação. Após estes relatos, me despedi da diretora e fui trabalhar.

Dia 26/06/07 das 18h às 19h30, Reunião do Grupo de inclusão.

No dia 26/06/07 terça – feira no horário de reunião pedagógica dos professores da escola, o grupo de estudos Dificuldades de Aprendizagem e Inclusão, se reuniu no terceiro andar do prédio da escola na sala 303, para debater sobre o tema, e oficializar o documento que iríamos apresentar, ao grupo de professores da escola. Fizemos alguns ajustes no documento que foi apresentado, e depois preenchemos o documento, como experiência. No final da reunião, levamos o documento à secretária da escola, para esta tirar cópias e repesar aos outros professores.

Dia 02/07/07 das 12h30 às 13h, conversa informal com o professor de Educação Física da 7ª e 8ª série, e também técnico das equipes de futsal da escola.

No dia 02/07/07 segunda – feira, fui dar aula de Educação Física para o 2º ano do Ensino Médio, mas estes estavam em semana de prova, e não vieram na aula. Então fiquei conversando com o professor de Educação Física dos alunos do projeto e também técnico das equipes de futsal do colégio. Conversamos sobre vários assuntos, entre eles sobre os meninos do Projeto Esporte Social. O professor relatou que os meninos A, B, D e o menino do projeto que se lesionou (não observo – por ser branco), faziam a diferença em suas equipes, no aspecto técnico, físico e experiência em quadra. O professor também comentou que convidou o aluno C várias vezes para jogar, e o menino sempre tinha uma desculpa para não jogar. O professor já havia levado o caso a coordenação da escola, e ao coordenador de Educação Física, mas o problema não foi resolvido. Falamos sobre o sexto menino do projeto, que estuda no 1º ano do Ensino Médio, este o professor não sabia nem o nome. Pois não fazia Educação Física nem jogava pela escola. O professor me disse, que no contrato entre as partes (escola - clubes), os meninos de até 15 anos deveriam representar a escola, mas isto não acontecia. O professor relatou também, que nas aulas de Educação Física os alunos A, B, C e D se portavam tranquilamente, e faziam as mesmas atividades que os outros colegas. Continuamos conversando, quando o professor falou, que os meninos do projeto ganhavam passagem escolar para frequentarem a escola. Sobre o uniforme escolar, um dos alunos do projeto, disse para o professor que alguns vestuários vinham dos achados e perdidos da escola. Perguntei se ele achava interessante este projeto. Ele respondeu que sim, mas seria melhor se o técnico da escola, no caso ele, fosse ao Grêmio e ao Internacional selecionar os garotos, e não como acontece, onde os alunos são colocados pelo clube na escola, sem processo de seleção. Se ele pudesse escolher os garotos bolsistas, não aconteceria de algum menino se recusar a jogar pela escola. Terminamos a conversa, porque os alunos da equipe de futsal do Ensino Médio, chegaram para treinar às 13h.

Dia 20/12/07 das 14h às 15h 30, Conselho de Classe final dos alunos A, B e C da 7ª série - turma 71.

No dia 20/12/07 quinta – feira, das 14h às 15h30, realizamos o Conselho de Classe final da 7ª série. Eu não era professor do Ensino Fundamental em 2007, e fui apenas observar o conselho. Sentamos todos em círculo, fiquei sentado ao lado da coordenadora e dá professora I. A coordenadora pediu a palavra, e explicou aos professores, minha presença no conselho, dizendo que estava ali, para receber informações dos professores de classe, sobre os alunos do projeto, para meu trabalho de mestrado. Os professores começaram analisando os alunos da turma 71, por ordem alfabética, sempre que chegassem em algum aluno do projeto deveriam tecer comentários sobre o mesmo para eu anotar. O primeiro aluno do projeto foi o aluno B, sobre ele os professores falaram que tinha muitas responsabilidades para com a família, pois o pai foi jogador de futebol. Também comentaram, que os pais recém haviam se separados, e isto atrapalhou o aluno B durante o 3º trimestre. A coordenadora comentou que a família deposita muita expectativa para que o aluno B torne-se um jogador de futebol profissional. A professora G comentou que ele brinca muito em aula, pois não têm tempo para brincar em outro lugar, já que estuda pela manhã e treina todas as tardes. No aspecto cognitivo o aluno B ficou em recuperação nas disciplinas de matemática, português, história e ciências. A professora responsável pela série disse, que seria importante um acompanhamento pedagógico para ajuda - lo.

O próximo aluno do projeto foi o aluno A, todos professores comentaram que o aluno A tinha uma base boa, pois vinha da Escola Anne Frank. A coordenadora comentou, que a família do aluno era muito presente e comprometida com a escola. A professora responsável pela série disse, que ele era um aluno sereno e que não tinha nenhuma pressão para ser jogador de futebol. A coordenadora explicou que apesar do aluno A ter saído do Grêmio e ter ido para o E.C.São José, a escola manteria sua bolsa de estudos. O aluno A só ficou em recuperação em Ciências. O terceiro e último aluno do projeto a ser avaliado foi o aluno C. Sobre ele os professores comentaram que teve um bom crescimento durante o ano, pois chegou com poucos pré-requisitos da outra escola. A professora M referiu-se ao aluno C como muito fraco em sua disciplina. A coordenadora respondeu, dizendo que ele tinha acompanhamento desta disciplina, em horário extra-curricular durante o ano. Os professores comentaram, que o aluno C tinha bom relacionamento com os colegas, ele conseguiu conquistar seus colegas pela sua personalidade, e virou o representante da turma. A professora responsável pela série comentou, que ele era muito maduro para sua idade, e que a família depositava muita esperança, que ele se torne um jogador de futebol profissional. O aluno C ficou em recuperação nas disciplinas de matemática, português, ciências, história e geografia. A coordenadora falou, que as recuperações do aluno C seriam feitas no início do ano letivo de 2008, pois ele irá participar de um torneio de futebol internacional, com seu clube. No final do conselho, agradei, e me dirigi para o conselho de 8ª série.

Dia 20/12/07 das 15h30 às 17h, Conselho de Classe final do aluno D da 8ª série - turma 82.

Após o conselho final de 7ª série, fui para o conselho final de 8ª série. Fui observar os comentários a respeito do aluno D do projeto. O conselho começou às 15h50, sentei novamente ao lado da coordenadora, e agora da professora H, que também é coordenadora do colégio. A coordenadora explicou novamente para os professores, o que eu estava fazendo lá, e repetiu, que estes deveriam exercer comentários sobre o aluno D, para eu fazer anotações. O aluno D faz parte da turma 82, então tive que esperar o conselho da turma 81, para depois começar a anotar. Sobre o aluno D, os professores comentaram que ele está bem integrado com a turma, tem um bom potencial intelectual e possui uma ótima auto-imagem. A professora H comentou, que emprestou seus livros para o aluno D estudar. A coordenadora comentou, que o caso do aluno D, é o mesmo do aluno A, apesar de ter saído do Internacional, continuaria com todos os privilégios da bolsa de estudos. Ela também ressaltou que nas aulas de Educação Física, pelas reclamações dos colegas, teve que chamar o aluno D em sua sala, e dizer para ele jogar com mais calma com seus colegas, pois ele tinha muito vigor físico nas atividades esportivas. A professora P comentou, que o aluno D era muito interessado em sua disciplina. O aluno D ficou em recuperação só na disciplina de matemática. A coordenadora falou que o aluno D tinha professora particular de matemática oferecida pela escola e que sua mãe era presente na escola. A professora H comentou, que o aluno D convivia muito bem com a diferença social entre ele e seus colegas. Muitas vezes ela viu, ele almoçando no refeitório dos funcionários, sem nenhum problema. Ao final do conselho agradei, e fui embora.

Dia 04/01/08 das 10h30 às 11h conversa informal com a coordenadora da escola.

No dia 04/01/08 sexta-feira, as minhas aulas já tinham encerrado, fui ao Colégio Israelita para cumprir horário (das 10h30 às 12h). Aproveitei para visitar a coordenadora, e conversar sobre o ano de 2007 e meu trabalho de mestrado. relatei alguns fatos que aconteceram durante o ano de 2007 e o que poderia melhorar na disciplina de Educação Física do Ensino Médio, pois em 2008, teria mais horários a disposição para a escola. Após entrei no assunto Projeto Esporte Social. A coordenadora relatou vários fatos que eu não tinha conhecimento. Ela comentou que tivera muitas reclamações de colegas de aula do aluno D, pedindo para que este fosse, com mais calma nos jogos, das aulas de Educação Física. Também comentou que o aluno B passou por momentos difíceis (separação dos pais) durante o ano. A coordenadora comentou, que o aluno C faria a recuperação no início do ano letivo de 2008, pois ele estava viajando com o Internacional, para disputar o Torneio de Futebol Infantil de Alegrete, e isto, atrapalharia um pouco, a rotina da escola. Ela comentou que o aluno A e o aluno do projeto (E) que cursava o 1º ano do Ensino Médio, em 2007 (não observado) já estavam bem adaptados escola, o segundo, até com uma namorada da comunidade judaica, estava. Perguntei para ela sobre os alunos que são dispensados do Inter e do Grêmio [casos do aluno A,D e do aluno que não observo (E)], como fica a situação das bolsas de estudos. Ela disse, que a escola mantém a bolsa de estudos dos alunos e continua com os mesmos critérios como, auxiliar no material pedagógico, aulas particulares aos domingos, excluí-los das aulas de terça a tarde, uniforme e passagem escolar. A coordenadora relatou que a maior dificuldade da escola, com os alunos do projeto, acontece quando estes chegam no Ensino Médio, pois os

professores não são tão tolerantes, como os professores do Ensino Fundamental, e o nível de exigência da escola no Ensino Médio, para os alunos passarem no vestibular, é muito alto. Ela exemplificou esta afirmação, comparando os dois alunos bolsistas do 1º ano do Ensino Médio [que não observo (E e F)], em 2007, onde um deles (E) saiu do Grêmio, e continuou estudando na escola, passou para o 2º ano do Ensino Médio e está bem adaptado ao ritmo do colégio. O outro aluno (F), que continua jogando no Grêmio e subiu de categoria, teve que se afastar da escola, pois não estava conseguindo conciliar a escola e o futebol. Ela disse que neste menino, o Grêmio apostava muito, deu para ele até um apartamento para morar. Este menino saiu da escola, e foi estudar em uma escola pública no turno da noite. Terminamos a conversa e nos despedimos.

Dia 08/01 a 11/01/2008 seminário de professores

A escola proporciona aos professores palestras para enriquecimento dos grupos de trabalhos. No dia 08/01/08 no seminário de professores das 18h as 19h30, tivemos no mesmo dia uma explanação por uma das coordenadoras da escola, sobre a Legislação da Inclusão Escolar. Já no dia 10/01/08 das 14h às 16h, tivemos uma palestra sobre o tema Dificuldade de Aprendizagem e Inclusão, com Dr. Luiz Alberto ROHDE; sobre: “Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: reconhecimento e manejo na escola”.

No final do dia o grupo se reuniu para organizar o trabalho que foi feito durante o ano, para que no dia seguinte do seminário, apresentar o trabalho aos outros grupos de professores. No dia 11/08/08 o grupo que faço parte, que trabalha Dificuldade de Aprendizagem e Inclusão, apresentou o trabalho realizado durante o ano através do professor coordenador do grupo, que ministra a disciplina de desenho geométrico. Os colegas aplaudiram o trabalho, e ficou estabelecido que no ano letivo de 2008 a escola e grupo de professores dariam maior respaldo ao tema da inclusão.

Dia 08/04/08 das 17h20 às 19h Pré Conselho de 8ª série.

No dia 08/04/08 terça – feira, as 17h20 iniciamos o Pré – Conselho da 8ª série, com a presença da coordenadora, eu e mais oito professores. Começamos comentando sobre a turma 81 (onde estão os três alunos do projeto). Para minha surpresa, os professores disseram que esta 8ª série é problemática desde a 5ª série. Já tinham tomado várias atitudes, como mudar alunos de turma, reunião com pais, reunião com alunos, entre outras medidas. A professora H pediu a palavra, e relatou que nesta série, tinham vários alunos que prejudicavam o andamento das aulas (nenhum aluno do projeto). Pedi a palavra, e comuniquei que nas minhas aulas os meninos do projeto, passavam o tempo todo juntos, e pouco se relacionavam com os outros colegas. Perguntei a coordenadora, se podia separá-los. Ela comentou que um dos problemas da escola é não organizar as turmas antecipadamente, os alunos entram nas turmas que têm menos alunos, não existe critério para formação das turmas. Também ressaltou que entraram na escola mais três meninos do Projeto Esporte Social, um para 7ª série, um para 8ª série e um para o 2º ano do EM. Novamente me pronunciei, dizendo que este menino que entrou na 8ª série,

ainda não tinha feito nenhuma aula comigo, por não ter uniforme, e também por ficar junto de seus colegas de projeto, e estes não darem espaço para os colegas de turma, chegarem perto dele. A coordenadora falou, que a assistente social do clube deu poucas informações sobre os novos meninos, e as informações que passou não condiziam, com as informações que os meninos novos do projeto, relataram a seus professores. A professora H pediu a palavra, e disse que era contra o Projeto Esporte Social, pois os alunos chegavam com poucos pré-requisitos, faltavam às aulas de terça – feira à tarde e os professores tinham que fazer avaliações e trabalhos extras, para suprir estas faltas. O professor G, que só dá aulas, nas terças a tarde, disse que não conhecia nenhum dos alunos do projeto. A professora “A” comentou que o professor G não se preocupasse, pois ela também não dava aulas para eles, e no final do trimestre, eram elaborados trabalhos para os alunos fazerem em casa. Após estes fatos, os professores de classe organizaram, como os alunos deveriam sentar em aula. Ficou definido que todos sentariam em pares mistos. O aluno A deveria sentar na frente da sala com outra menina, pois a que estava sentada ao lado dele, o ignorava. O aluno B deveria sentar no meio da sala, longe do aluno C. O aluno C por ser mais alto, poderia sentar no fundo da sala. E o aluno novo do projeto, deveria sentar na frente, pois estava muito perdido. Depois de organizar a sala, fizemos comentários sobre todos alunos da turma 81. Sobre o aluno A, todos professores enfatizaram ser um bom aluno. Já o aluno B, conversava muito em aula, e estava muito agitado. No aspecto cognitivo os professores disseram que deveríamos, observar mais de perto o aluno B, pois ele poderia se perder. O aluno C é visto pelos professores como um futuro atleta de futebol, todos o admiram como aluno, pelo seu caráter e personalidade. No aspecto cognitivo possui muitas deficiências em matemática, mas este problema já foi resolvido, com acompanhamento pedagógico aos domingos. Ao final do pré-conselho todos professores, foram para conselhos em outras séries.

APÊNDICE B - ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Entrevista com aluno C do Projeto Esporte Social

Quanto tempo participa do Projeto esporte Social?

“Faz três anos no colégio entrei na 6ª série, passei para 7ª, depois para 8ª e pretendo terminar o ano para ser um bom jogador de futebol”.

2-Qual sua opinião sobre o Projeto Esporte Social?

“Projeto muito bom, ajuda pessoas que jogam em times importantes, Grêmio e Internacional, têm chance de estudar neste colégio, que é muito bom e de ensino ótimo, e ajuda quando chegar no júnior e no profissional, ser um jogador bom, não só dentro, mas também fora de campo”.

3-Por que você escolheu esta escola para estudar?

“O coordenador do Inter deu a chance de escolher entre Americano e Israelita escolhi esta escola por ser uma cultura diferente, e eu queria estudar esta cultura”.

4-O que sua família acha de você estudar nesta escola?

“A família me apóia o máximo, sabe que é uma escola muito boa, vai me dar um ensino muito bom, para eu chegar no meu máximo, que é ser jogador de futebol”.

Qual sua opinião sobre a escola?

“Esta escola têm um ensino muito bom é difícil encontrar em outra escola, o ensino que é dado nessa escola, eu acho que escolhi a escola melhor”.

Como você vê sua relação com os colegas da escola, não os meninos do projeto. Os colegas da sala de aula?

“Com essa chance consegui plantar várias amizades, tive um pouco de sorte, os meninos e as garotas gostam de mim, acho que tive uma sorte muito grande deles gostarem de mim”.

Tu não acha que é por causa tua?

“Acho que é por causa minha, porque eu não trago comigo esse jeito de boleiro, de ser jogador, eu tento não ser diferente, parecendo com eles”.

O que tu acha ser parecido com eles. O que é para ti isto?

“Este papinho deles, tipo computador, estes negócios assim, que o cara não é muito chegado, porque eu penso muito em futebol, isso aí é que é o diferente, o computador, brincadeiras meio idiota para gente, mas é bem importante para eles”.

Tu te adapta há isso?

“Na 6ª série estava meio confuso, depois na 7ª já melhorei bastante, estou no clima”.

Como é tua relação com os colegas do Projeto Esporte Social?

“Minha relação é muito boa, não tenho muito a acrescentar é muito legal, convivo bem com eles todos”.

Qual sua opinião sobre as condições que a escola dá aos meninos do Projeto esporte Social. Tenho conhecimento de passeios, uniformes, livros...

“Acho isso importante, para gente, mais importante para nossa carreira. Para alguns não é experiência, mas acho uma experiência muito boa estudar num colégio que têm uma capacidade muito boa”.

A escola fornece materiais, que muitas vezes vocês não têm condições de adquirir. Isto é importante para você?

“Muito importante, continua legal, tudo bem legal, as cadeiras confortáveis, tudo é uma coisa no ápice, muito anormal”.

O que tu acha importante à escola disponibilizar, para os meninos do Projeto, para vocês terem um melhor desempenho na escola. O que à escola fornecesse. Um exemplo que tu acha que não têm e gostaria que tivesse.

‘Acho melhor que tivesse professor tipo particular, no próprio colégio, podia ter na aula. Mas para nós fica difícil porque treinamos todos os dias as tardes. Não tenho muito para acrescentar, por que este colégio é muito bom do jeito que esta”.

Você não tinha aula de matemática particular?

“Estou tendo agora”.

Você têm relação com os colegas da escola, fora da escola?

“Alguns eu tenho, com os do futebol falo direto, mas eu tenho com alguns sim”.

Você participa de alguns eventos com eles tipo festas?

“Não tive oportunidade de ir em barmitzva, mas eu sei que vai ter mais alguns este ano, e daí eu pretendo ir”.

Quando você foi representar a escola na assembléia, o que tu achou disto?

“Achei meio bizarro, usar terno, negócio bem estranho, consegui o terno emprestado, e fui. Fiquei muito feliz pelo fato, foi um momento muito feliz na minha vida”.

Você tem dificuldade de representar a escola em eventos esportivos?

“Não tenho essa dificuldade de representar a escola, eu representaria da melhor maneira possível”.

Futebol é muito importante para você?

‘ Futebol é muito importante para mim é a coisa que eu mais gosto, mas o que a minha família mais me ajuda é eu não tirar o foco dos estudos, se não pode complicar muito”.

20- Além do futebol, tu visualiza outra perspectiva profissional, Se não for jogador, o que tu vai ser?

“Se eu não for jogador, eu queria fazer advocacia, acho um negócio bem legal, eu queria ajudar a população toda”.

Você acha que o colégio pode te ajudar nesta perspectiva?

“O colégio pode me ajudar muito, porque o ensino é muito excelente, eu acho que no vestibular não têm como não passar, porque o ensino é muito bom, ótimos professores, ajudam mesmo, é muito bom”.

Você vê alguma relação de comportamento, teu na escola com o teu comportamento lá no clube. Tua relação com os atletas de lá e com os meninos daqui, o que tu observa de afinidade, coisas parecidas e coisas diferentes.

“De diferença no jogo assim, os jogadores que jogam no Inter, os meus amigos lá, o problema é que tem muita “traírajem”, uma coisa assim desamada, aqui tu já chega eles são teus amigos, não tem esse negócio assim tipo mau. Agente briga um dia, no outro dia também. Lá no inter briga um dia, fica um mês sem falar com o cara. Acho que aqui no colégio, a relação é bem mais fácil, no Inter já é mais complicado”.

Você vê alguma diferença aqui na escola de relacionamento com os colegas, por não ser judeu?

“Pior, que no começo quando eu entrei, eu pensei nisso, fiquei bem assim, porque não sou judeu, pode me complicar. Mas com a conversa que tive com a coordenação e com os professores, eles me deram uma confiança muito grande, e me deixaram bem pleno como eu tinha que fazer, como eu tinha que agir, mais ou menos assim. Acho que eu dei certo, ainda bem”.

Você se vê muito diferente dos alunos aqui no colégio?

“Olha eu não me vejo diferente, mas quando estamos para jogar bola é uma coisa, mas quando estamos para estudar, não vejo nada diferente”.

Mas a tua postura, o teu cabelo, a maneira que tu veste, o que tu gosta de ouvir, tu te vê diferente deles?

Eu me acho bem diferente, acho que meu estilo é mais de jogador. Para falar a verdade, tipo comparado com o Anderson do Grêmio, tipo jogador com esse cabelo. Acho bem diferente, eles têm outra cultura.

O fato de ser um menino de cor escura, de outra classe social, aqui no colégio, tu acha que existe alguma diferença no tratamento. Você se vê diferente deles, eles te tratam bem por isso. Você se desta forma?

“Acho que no começo eles não tratavam bem, ficou meio assim, acho que era porque não me conheciam, até entende? Por que eu tenho uma cabeça boa para me colocar, tipo assim ó, fui treinando eles, entrando no clima, não piava nada. Porque no começo foi complicado, mas depois encontrei algumas amizades e deu tudo certo”.

Neste começo eu não estava aqui, tu acha que acontecia isto porque você era jogador de futebol ou era por sr negro?

“Eu acho, porque eu era jogador, queria me mostrar demais, mas consegui pegar amizades, o cara vêm e no começo o cara quer se mostrar um pouco, mas consegui plantar amizades boas, agora esta tudo bem”.

Entrevista com aluno B do Projeto Esporte Social

1- Quanto tempo participa do Projeto esporte Social?

“Eu estou aqui desde a 6ª série, dois anos e alguns meses, s Deus quiser, eu pretendo ficar mais, se eu passar de ano e conseguir ficar aqui no ano que vêm”.

2- Qual sua opinião sobre o Projeto Esporte Social?

“Bom, o Projeto Esporte Social é muito bom, eu acho que é uma oportunidade para os alunos que jogam futebol, no Grêmio e no Inter, e é uma oportunidade muito boa, que agente deve aproveitar o máximo, vir no colégio estudar”.

Por que você escolheu esta escola para estudar?

“Bom, escolhi essa escola porque, como a minha mãe e o meu pai diz, não só eles, muita gente diz, uma das melhores de Porto Alegre, se não a melhor. Com ensino muito bom, e a minha mãe e o meu pai, sempre visam o ensino para mim, porque primeiro o estudo e depois o futebol”.

O que sua família acha de você estudar nesta escola?

“Eles acham ela muito boa”.

5- Qual sua opinião sobre a escola?

“O colégio é excelente, em termos de estudo, aqui têm muita gente boa, os alunos são muito legais, e acho o colégio excelente, em termos de amizade, de estudo, essas coisas”.

6- Como você vê sua relação com os colegas da escola, não os meninos do projeto. Os colegas da sala de aula?

“Como sempre em todos colégios do mundo é claro que tem aqueles teus melhores amigos, mas eu sou um guri que gosta de ser amigo de todo mundo, dos guris das gurias, claro que tem alguns que tu não gosta muito, mas sou amigo de todo mundo, e quero continuar assim para o resto da minha vida”.

7- Como é tua relação com os colegas do Projeto Esporte Social?

“Têm sempre os amigos que tu convive mais, e são estes os meus amigos, eu ando mais com eles, porque eles tem um jeito parecido com o meu, eles gostam de futebol, gostam também de estudar bastante”.

8- A afinidade que tu tens com eles é por causa do futebol ou têm mais coisas?

“Além do futebol, agente gosta das mesmas músicas, fala o mesmo assunto, agente ri bastante é isso, quase as mesmas coisas”.

9- Qual sua opinião sobre as condições que a escola dá aos meninos do Projeto esporte Social. Tenho conhecimento de passeios, uniformes, livros...

“Além da escola nos tratar igual aos alunos que não são do Projeto, nos beneficiam muito, eles pagam viagem, eles dão bastante coisa para gente, é muito bom são amigos”.

10- Livros também?

“Livros, quando a gente têm que ir na biblioteca para pegar uns livros, eles deixam agente passar na frente dos outros alunos, estes são benefícios que agente deve aproveitar o máximo”.

11- Em relação às aulas, vocês têm que cumprir o calendário, eles oportunizam isso, com aulas particulares ou aulas em outros horários?

“Todas as séries do colégio têm turno integral, que é terça-feira à tarde, no nosso caso é a 8ª série. Agente tem os treinos, daí a gente falta, e o colégio nos ajuda, eles nos dão materiais que os professores dão a tarde, se um aluno do Projeto têm dificuldade, eles marcam aulas aos domingos, ou como eles fazem com os outros alunos, eles dão aulas num período de uma matéria que o aluno esta bem”.

12- O que tu acha importante à escola disponibilizar, para os meninos do Projeto, para vocês terem um melhor desempenho na escola. O que à escola fornecesse. Um exemplo que tu acha que não têm e gostaria que tivesse.

“Eles nos ajudam bastante, não preciso de nada, esta tranqüilo. Tudo que agente precisa eles dão. Acho que não preciso mais nada, eles dão o máximo”.

13- Você tem relação com os colegas da escola, fora da escola?

“No primeiro ano aqui na escola saia com o Salomão, com o Natan, até foram eles que me indicaram a Hazit (movimento juvenil judaico). Todos os sábados eu faço com eles e com outros alunos a Hazit, tanto que nenhum dos alunos do Projeto freqüentam este movimento, então eu vou com os outros. Eu também saio com o Guido, eu vou a festas com ele”.

14- Você participa de barmitzva?

“Participo, vou aos barmitzva com os colegas, fico mais com eles, durante as aulas fico mais com os guris do Projeto, mas na hora de sair eu acho que eui nunca sai com os meninos do Projeto”.

15- O que você acha de representar o CIB em competições esportivas, passeios?

“Eu acho que é uma escola, que eles dão muita ênfase ao respeito essas coisas. Eu acho que representar o CIB é importante, e agente tem que mostrar como é a cara dos alunos do Israelita, é isso eu gosto muito”.

16- Futebol é muito importante para você?

“É a minha vida, o futebol”.

17- Além do futebol, você visualiza outra perspectiva profissional, Se não for jogador, o que tu vai ser?

“Nada, nada só jogar futebol”.

18- Você acha que o colégio pode te ajudar nesta perspectiva?

“Se eu não tivesse os meus pais como eu tenho, acho que poderia influenciar no estudo assim, ir mal, pensar só em futebol, não estudar para as provas, mas como os meus pais dizem para mim todos os dias, que é para eu visar op estudo depois o futebol, eu vou bem na escola, tanto que pela manhã eu vou à escola, e a tarde vou ao futebol”.

19- Você vê alguma relação de comportamento, teu na escola com o teu comportamento lá no clube. Tua relação com os atletas de lá e com os meninos daqui, o que tu observa de afinidade, coisas parecidas e coisas diferentes.

“Aqui no colégio os alunos são mais legais, agente não tem muito tempo para ficar de agitação, agente tem que ficar mais na aula, agente conversa sobre assuntos que agente não conversa lá no Grêmio. Lá no Grêmio agente só vai lá treina, conversa, não tem mais nada para fazer. Aqui agente conversa de assuntos diferentes é isso aí a diferença”.

Você se relaciona melhor com os alunos do colégio ou com os meninos do Grêmio?

“Me relaciono melhor com os alunos do colégio, porque lá no Grêmio é muita competição, e às vezes eles não são leais com as pessoas”.

Aqui você sente que os alunos do colégio são leais contigo?

Nem todos, mas a maioria é. Acho que eles são mais verdadeiros tentam me ajudar mais que lá no Grêmio”.

22- Você vê alguma diferença aqui na escola de relacionamento com os colegas, por não ser judeu?

“Acho que teria alguma diferença talvez seria mais excluído mas eu sendo um aluno negro, e a história dos negros tem haver com a história dos judeus. Os judeus foram mortos pelos nazistas e os negros também. Já que a história é parecida, acho que eles nos recebem bem, e nos tratam como se fossemos da comunidade, eu me vejo muito haver com eles. É por isso que eu gosto de ficar neste colégio até me formar”.

Você como um aluno negro, você sente que aqui no Israelita não tem nenhuma diferença?

“Não, claro que já teve aquelas brincadeiras de mau gosto dos meus colegas, mas nada que eu não pude resolver, tudo eu consegui resolver com a direção, essas coisas. Mas no momento esta tudo ótimo, estou me dando bem”.

Entrevista com aluno D do Projeto Esporte Social

1- Quanto tempo você participa do Projeto esporte Social?

“Participo já a 4 anos, entrei na 6ª série e agora estou no 1º ano do ensino médio”.

2- Qual sua opinião sobre o Projeto Esporte Social?

“O Projeto Esporte Social eu acho muito importante, porque agrega várias coisas, várias pessoas ao esporte, não só no esporte, várias coisas como teatro. É importante para manter as pessoas ligadas em alguma coisa, não sendo só escola”.

3- Este projeto te oportuniza algumas coisas, pelo fato de jogares no Internacional?

“Eu acho importante porque o Projeto esporte Social te dá algumas coisas que às vezes tu nem busca”.

4- Por que você escolheu esta escola?

“Na verdade eu fui convidado, mas procurei ficar aqui, porque aqui é muito bom, e o ensino é muito bom, e achei que daqui se eu não for jogador de futebol posso ter um bom ensino”.

5-O que a sua família acha da escola?

“A minha família acha isso como uma grande oportunidade, uma oportunidade que muitos da minha família não puderam ter”.

6-Qual sua opinião sobre o CIB?

“Minha opinião é que é um colégio que busca inovações, não só pessoas dentro da área judaica, mas pessoas de fora também, até para poder conhecer como é o colégio, e também ele te dá várias oportunidades. Eles te tratam muito bem, eles tratam bem com as diferenças, principalmente os alunos, que são nota dez”.

7-Como você se relaciona com os alunos da escola. Não os colegas do projeto?

A minha relação com eles é muito boa, eu me dou bem com todos. Estou sempre brincando com todo mundo, quase não tenho problemas, se tenho problemas é no futebol, aí agente resolvi tranquilo”.

8-Você se sente bem recebido pelos teus colegas?

“Eu me sinto bem recebido, te brinco com tudo mundo, então por este fato, posso dizer que sou bem acolhido por todos”.

9-Como é sua relação com os colegas do Projeto Esporte Social?

“A minha relação com os meninos do projeto é maravilhosa né, agente conversa bastante sempre que agente se vê, e agente esta sempre junto”.

10-Por que você acha que se relaciona bem com eles?

“Até pelo fato de já ter jogado no clube, até pelo fato de conversar com os guris, sobre futebol, agente fica resenhando”.

11-Qual sua opinião sobre as condições que a escola fornece?

“Acho muito importante, principalmente pelo fato de ter que ler livros, porque eu antes de vir para cá não lia. Hoje eu estou até lendo livros que não preciso ler, não são para escola. Também pelo fato de poder viajar para Macabíadas, até pelo fato de tu poder ir para outros clubes melhores”.

12-A escola te possibilita situações materiais que você não teria condições de ter, para você se relacionar melhor na escola?

“Com certeza me oportuniza várias coisas. Se eu não tivesse aqui, não teria. Ela me ajuda bastante”.

13-O que a escola poderia melhorar, para dar mais condições a você?

“Uma coisa para agregar, isso não sei. Penso que esta tudo bem”.

14-Você se relaciona fora da escola com os colegas do CIB?

“Sim, com certeza, têm alguns que mais, sempre que agente vai para um lugar fora da escola, eu me relaciono com todos”.

15-Você vai nas festas com os colegas do CIB?

“Sim, eu vou em festas, a maioria que têm, eu estou aí”.

16-O que você acha de representar o CIB em passeios e eventos esportivos?

“Representar o CIB é muito bom, como agente agora os aluno do projeto tem ajudado a jogar nos jogos. O CIB acaba levando o nome como time forte, então é muito legal ajudar o CIB manter o nome”.

17-O futebol é muito importante para você?

“O futebol é minha vida”.

18-Além do futebol você visualiza outra perspectiva profissional/

“Além do futebol, agora não vejo nada”.

19-Você acha que o CIB pode te ajudar no futebol ou em outra profissão?

“Com certeza com relação às outras profissões, pelo ensino bastante forte. Eu posso fazer qualquer coisa em relação ao esporte também. Até pelas Macabiadas deu para conhecer bastante pessoas lá em São Paulo. Dá para ir para lá e morar lá, sei l jogar em outro time de lá”.

20-A relação que você têm com os alunos da escola pode te proporcionar futuramente trabalhar em algum lugar, que não seja o futebol?

“Com certeza acredito que eles vão e dar bem na profissão, e se eu não me der bem no futebol vou ter muitos contatos com certeza”.

21-Você vê alguma diferença entre os teus colegas do CIB e os teus colegas de clube?

No clube eu falo bastante sobre o colégio. E aqui, muitos me perguntam sobre lá se é diferente, e eu acabo falando o inverso, quando estou num falo sobre o outro”.

22- A respeito das relações com os colegas do CIB e com os colegas do clube, como você vê?

“As relações lá também são muito boas, até pelo fato de eu já ter conhecido várias pessoas lá antes de eu sair do Inter. Eu já tinha jogado lá (São José) uma vez, e a relação é muito boa entre nós”.

23-Você sente muita competição entre os alunos da escola e os alunos do clube?

Aqui na escola eu não sinto tanta competição como a que têm lá. Lá se compete muito mais pelo lugar., até pelo fato que aqui meu lugar esta quase certo”.

24-Você vê alguma diferença de tratamento na escola pelo fato de não ser judeu?

“Diferença acho que não, até chegar aqui tinha muitos não judeus aqui, eles já eram muito bem recebidos aqui, e comigo não foi diferente”.

25- Você se sente diferente aos teus colegas da escola?

“Em relação a eles, a única diferença que eu vejo é que eles fazem barmitzva. Eu não faço barmitzva, e eles aprofundam mais o conhecimento na cultura judaica, e é coisa que eu não faço, até por não ser da religião”.

26-Você se sente diferente deles pela sua raça?

“Eu me sinto tranquilo, sempre têm as brincadeiras com os amigos, mas é coisa normal”.

27-Eles brincam contigo em relação a tua raça?

“Eles mechem comigo e eu mecho com eles, está tudo bem. Eu levo na boa e eles também. Está tudo tranqüilo”.

APÊNDICE C - GRUPO DAS OBSERVAÇÕES

1- Integração dos alunos do projeto na escola e admiração da comunidade escolar, por estes alunos.

- O aluno D do Projeto Esporte Social, que participa da equipe de futsal e do grupo de dança, chega sempre no primeiro período de sexta-feira das 7h20 as 8h05 (não sendo obrigado a chegar neste horário), para completar as equipes.

- Todos querem jogar no seu time.

- Os alunos comentavam da habilidade técnica do aluno D, entre eles e com o professor. O aluno D durante o jogo, apesar de ter uma técnica diferenciada, driblava bastante, mas também passava a bola para seus colegas.

- Na aula do dia 14/03/08 novamente o aluno D chegou cedo para completar as equipes.

- Os colegas que estavam na equipe do aluno D aplaudiam e festejavam as jogadas de seu colega.

- Os colegas comentavam que o aluno C jogava muito bem.

- Viagem para Rio Grande, o aluno D conversava numa roda de seis colegas, entre eles duas meninas.

- A equipe do Israelita é composta por alunos da 8ª série do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio. Entre os integrantes da equipe estava o aluno D do projeto. Ele era o goleiro e o capitão da equipe, apesar de ser um aluno de 8ª série, fato surpreendente, pois jogava com alunos mais velhos. Durante o jogo verifiquei a participação constante do aluno D, apoiando, orientado e muitas vezes criticando seus colegas. Observando estes fatos, entendi, porque ele era o capitão da equipe.

- VIII Liga das Escolas Particulares de Porto Alegre. A final foi entre o Colégio Israelita e o Colégio Bom Conselho, no ginásio do Colégio Farroupilha. Na equipe de futsal do Colégio Israelita os alunos A e B do projeto faziam parte.

- Eu e o técnico fomos jantar para comemorar a vitória, sem antes ter levado os dois alunos do projeto em casa. A escola deu bastante ênfase ao feito, colocando cartazes no saguão da escola, homenageando os atletas e técnico no horário do recreio e colocando fotos do jogo no site da escola.

- Recreio do ensino fundamental - Os meninos da 7ª série e os meninos da 8ª série estavam quase todos (em torno de 30 alunos), jogando futebol na quadra externa. Os quatro meninos do projeto (A,B,C e D), estavam jogando.

- Recreio ensino fundamental - O aluno D estava conversando em uma das mesas do pátio, com duas meninas e mais três meninos da 8ª série. O aluno D alisava o cabelo de uma das meninas, enquanto conversavam. Aproximei para ouvir a conversa. Falavam sobre a festa que iriam sábado, na casa de uma colega.

- Horário livre na quadrinha. Perguntei para um dos alunos que estava do lado de fora, porque não estavam jogando junto com os colegas. Ele respondeu que não conseguia fazer a mesma coisa com a bola, que os “jogadores” faziam.

- Aula de fala - o aluno A, falou sobre o treinamento que realizava em sua equipe de futebol. No final de sua fala foi aplaudido pelos colegas.

- Horário livre - restaurante Bauru do Trianon, que fica na avenida Protásio Alves, em frente ao Colégio Israelita. Eram 13h. Quando entrei no restaurante, uma das mesas, era composta pelo aluno D (1º ano do EM) do projeto, três alunas do 2º ano do EM e um aluno do 2º ano do EM. Sentei para almoçar, e fiquei observando a mesa dos alunos do Colégio Israelita, todos estavam conversando.

- A diretora salientou muito, o trabalho do cônsul gremista e colorado na escola. Estes são eleitos pelos colegas. A diretora ressaltou, que além de placas de publicidade da escola, nos estádios de Grêmio e Inter, a escola têm direito a ingressos, e entrar com seus alunos em campo, em dois jogos por ano do Grêmio e do Internacional.

- A diretora da escola, comentou que já alugou do seu próprio bolso, duas vezes, trajes sociais para os alunos do projeto, poderem ir, nas festas de Bar mitzva.

- O professor EF relatou que os meninos A, B, D faziam a diferença em suas equipes, no aspecto técnico, físico e experiência em quadra.

- A professora H comentou, que emprestou seus livros para o aluno D estudar.

- O aluno C é visto pelos professores como um futuro atleta de futebol, todos o admiram como aluno, pelo seu caráter e personalidade.

2- Ações de inclusão por parte da escola e comunidade, projetos de inclusão, formação de professores, marketing.

- “III Festival de Talentos da Escola”. O evento oportuniza que os alunos da escola demonstrem seus talentos extra-curriculares. O representante no festival da turma 71 da 7ª série foi o aluno B do projeto. O aluno B na sua apresentação executou malabarismos com a bola de futebol durante dois minutos. A sua apresentação foi muito aplaudida pelo público presente.

- Fui informado neste dia pela professora G, que o aluno B também tinha sido escolhido pelos seus colegas de classe como um dos representantes da turma 71 (este no ano de 2006 também foi representante da sua turma na 6ª série).
- Viajem para Rio Grande, a escola subsidia o passeio para o aluno D.
- Observei no pátio da escola que alguns alunos do colégio estavam vestidos com traje auto - esporte. Entre os alunos estava o aluno C do projeto. Perguntei para o professor CJ, porque os alunos estavam vestidos naqueles trajes. O professor respondeu que os alunos representantes das duas turmas de 7ª séries iriam visitar, a Câmara de Vereadores de Porto Alegre, para levar um projeto de segurança para o bairro.
- Ele me relatou, que a direção da escola alugou o traje para o aluno C vestir.
- As 10h30min os alunos da 8ª série ingressaram no ginásio para festejar Purim.
- Os professores da escola receberam da coordenação, um e-mail comunicando que os alunos B e C do projeto, estariam viajando com suas equipes, para disputar um campeonato de futebol fora do estado, no período de 18 a 25/05/07. Os professores deveriam abonar as faltas dos alunos. Está semana em que os alunos estarão viajando, coincidiu com a semana de provas do 1º trimestre. Os professores deveriam fazer novas avaliações para os dois alunos do projeto, e estas deveriam ser aplicadas durante o 2º trimestre.
- Os alunos da 7ª série estavam sentados nos bancos, e escrevendo em papéis sobre as mesas do pátio. Aproximei do professor H e perguntei o que estavam fazendo ali. Ele respondeu, que estavam fazendo trabalho em grupos sobre Roma. E que estavam no pátio para diversificar o ambiente de estudo. Ao observar os três meninos do projeto, verifiquei que estavam em grupos de estudo diferentes. O aluno A estava em um grupo com mais três meninas. O aluno B estava em um grupo com um menino e duas meninas. Já o aluno A estava em grupo com mais um menino e duas meninas.
- Sala de aula da 8ª série - Todos os alunos estavam sentados em duplas. As duplas eram formadas por uma menina e um menino.
- Perguntei, por estarem na sétima série, se já tinham ido a alguma festa de Bar mitzva. Eles me relatam que são convidados pelos seus colegas, para participarem das festas de Bar mitzva. O aluno B relatou que foi três vezes e aluno C comentou que foi duas vezes.
- Situações como alimentação, transporte, uniforme, aulas e colegas. O aluno B era o mais falante, este comentou que as terças-feiras uma Kombi escolar levava o aluno C até o Inter, e depois levava ele para o Grêmio. Também as terças, eles almoçam no refeitório da escola. Perguntei, porque só as terças? O aluno C respondeu, que as terças eles saíam mais cedo, pois seus colegas de classe tinham aula à tarde, e eles tinham que treinar em seus clubes. Perguntei, vocês não assistem às aulas, terça? Os dois responderam que não. Para não perder as matérias, eles faziam trabalhos em casa, das disciplinas que não podem assistir.
- Seleção Brasileira de Futebol, representando o Brasil na Macabíada Pan Americana Juvenil em dezembro de 2007 a janeiro de 2008, esta realizada em Buenos Aires (Argentina) - Um dos quatro atletas gaúchos convocados foi o aluno D do projeto. Perguntei ao professor EF quem viabilizou a viagem do aluno D. O

professor disse que todas as despesas (passagem, alimentação, estadia) foram pagas pela Macabi – Brasil.

- O aluno D foi numa festa na casa de uma colega no bairro Higianópolis, e depois como não tinha ninguém para busca – lo, dormiu na casa da colega. Perguntamos se ele não ficou com vergonha de ter ficado lá. O aluno D respondeu que não. Disse que quando acordou foi tomar café com o irmão de sua colega. Por volta do meio dia de domingo (09/03/08), saiu para almoçar em uma galeteria com toda a família, “tudo pago pelo pai da colega”. Também nos informou que à tarde outras colegas foram para residência da menina, e todos ficaram jogando vídeo game até o anoitecer, quando o pai da menina o levou em casa.

- Reunião de professores - Integrei o grupo que estudava sobre Dificuldades de Aprendizagem e Inclusão. Este grupo é formado por oito professores das mais diversas disciplinas, e por interesse dos professores sobre o tema. Neste dia conversamos e discutimos sobre inclusão escolar. O foco da discussão foi caracterizar alunos de inclusão.

- Reunião do grupo de estudos Dificuldades de Aprendizagem e Inclusão, debatemos sobre o tema, e oficializamos o documento que apresentamos, ao grupo de professores da escola.

- A diretora disse, que têm apoio de um grupo de senhoras judaicas, no auxílio da alimentação e do transporte dos meninos. Sobre o apoio pedagógico para os meninos, ela falou, que eles têm aulas aos domingos, e às vezes à noite com os professores da escola. Os livros que os alunos do projeto utilizam, são comprados pela escola, emprestados pelos professores ou doados por outras famílias.

- O professor EF falou, que os meninos do projeto ganhavam passagem escolar para freqüentarem a escola. Sobre o uniforme escolar, um dos alunos do projeto, disse para o professor que alguns vestuários vinham dos achados e perdidos da escola.

- A coordenadora explicou que apesar do aluno A ter saído do Grêmio e ter ido para o E.C.São José, a escola manteria sua bolsa de estudos.

- A coordenadora respondeu, dizendo que ele tinha acompanhamento desta disciplina, em horário extra-curricular durante o ano.

- A coordenadora falou, que as recuperações do aluno C seriam feitas no início do ano letivo de 2008, pois ele irá participar de um torneio de futebol internacional, com seu clube.

- A coordenadora comentou, que o caso do aluno D, é o mesmo do aluno A, apesar de ter saído do Internacional, continuaria com todos os privilégios da bolsa de estudos.

- A coordenadora falou que o aluno D tinha professora particular de matemática oferecida pela escola.

- A coordenadora comentou, que o aluno C faria a recuperação no início do ano letivo de 2008, pois ele estava viajando com o Internacional, para disputar o Torneio de Futebol Infantil de Alegrete, e isto, atrapalharia um pouco, a rotina da escola.

- Perguntei para ela sobre os alunos que são dispensados do Inter e do Grêmio [casos do aluno A,D e do aluno que não observo (E)], como fica a situação das bolsas de estudos. Ela disse, que a escola mantém a bolsa de estudos dos alunos e

continua com os mesmos critérios como, auxiliar no material pedagógico, aulas particulares aos domingos, excluí-los das aulas de terça a tarde, uniforme e passagem escolar.

- No seminário de professores das 18h as 19h30, tivemos no mesmo dia uma explanação por uma das coordenadoras da escola, sobre a Legislação da Inclusão Escolar.
- Das 14h às 16h, tivemos uma palestra sobre o tema Dificuldade de Aprendizagem e Inclusão, com Dr. Luiz Alberto ROHDE; sobre: “Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: reconhecimento e manejo na escola”.
- No dia 11/08/08 o grupo que faço parte, que trabalha Dificuldade de Aprendizagem e Inclusão, apresentou o trabalho realizado durante o ano, para os outros professores da escola.
- A professora “A” comentou que o professor G não se preocupasse, pois ela também não dava aulas para eles, e no final do trimestre, eram elaborados trabalhos para os alunos fazerem em casa.
- O aluno C no aspecto cognitivo possui muitas deficiências em matemática, mas este problema já foi resolvido, com acompanhamento pedagógico aos domingos.

3- Auto-exclusão dos alunos do projeto, auto-elogio e solidariedade entre os mesmos.

- Quando da divisão das equipes, pude observar que os alunos do projeto ficaram isolados de seus colegas de turma.
- O aluno B, debochava de seus colegas menos habilidosos.
- Sempre que acontecia um gol no jogo, e era feito por algum aluno do projeto, estes comemoravam entre si, e se auto - elogiavam com frases do tipo “como eu sou bom... e sou o cara..., entre outras frases”.
- No final da aula os três alunos do projeto saíram juntos e ficaram comentando suas proezas durante o jogo.
- Os alunos do projeto chegaram juntos e atrasados. O aluno B não estava com uniforme adequado para prática esportiva, estava com uma bermuda de brim e chinelos. O aluno B pediu para o professor um calção do uniforme da equipe da escola, e um par de tênis para o aluno A. Quando o aluno A não jogava, este emprestava seus tênis para o aluno B.
- No final da aula o aluno B e o aluno A foram até a arquibancada conversar com o aluno C, e depois foram embora caminhando para sala de aula.
- Observei que os três alunos do projeto A,B e C, mantiveram-se juntos, participando das brincadeiras com outros colegas, mas os três sempre no mesmo grupo.
- Após as atividades no ginásio, a turma 81 se deslocou para a sinagoga, que fica localizada dentro da escola. Os três alunos do projeto sentaram juntos na sinagoga.
- Recreio ensino fundamental - Os alunos da 7ª série A,B e C, brincavam de pegar ao redor da quadra externa. Só os três estavam brincando.

- Horário livre os três alunos do projeto jogavam bola sozinhos na quadrinha, os outros colegas só olhavam.
- Perguntei ao técnico porque o aluno C não estava jogando. Ele respondeu, que o aluno C o comunicou, que teria jogo à tarde pelo seu clube de futebol, e estaria cansado para jogar a noite.
- O professor também comentou que convidou o aluno C várias vezes para jogar, e o menino sempre tinha uma desculpa para não jogar.
- Nas minhas aulas os meninos do projeto, passavam o tempo todo juntos, e pouco se relacionavam com os outros colegas.

4- Exclusão da comunidade escolar para com os alunos do projeto, desconhecimento do projeto e críticas ao projeto.

- Os colegas criticavam a atitude do aluno B.
- Durante os jogos vários alunos tinham rugas e discussões com o aluno B.
- Alguns alunos da turma criticavam a atitude dos mesmos (de comemorar os gols).
- Alguns colegas da turma de Educação Física reclamavam para o professor da maneira agressiva que o aluno B jogava. Em vários lances estes colegas chegavam mais duro no aluno B.
- No momento da escolha, nenhum dos meninos do projeto foi convidado para escolher as equipes. Um fato me chamou atenção, foi quando os três alunos do projeto foram os últimos há serem escolhidos para as equipes. Alguns colegas ficavam rindo desta situação.
- Lesão de um dos alunos do projeto, que não está sendo observado por mim. Perguntei, se a escola lhe dava auxílio médico. Ele me respondeu que não, pois a direção o informou, que ele tinha se machucado em horário extra-curricular.
- A diretora disse que ainda têm que resolver muitos problemas de discriminação.
- O professor de EF disse que seria melhor se o técnico da escola, no caso ele, fosse ao Grêmio e ao Internacional selecionar os garotos, e não como acontece, onde os alunos são colocados pelo clube na escola, sem processo de seleção. Se ele pudesse escolher os garotos bolsistas, não aconteceria de algum menino se recusar a jogar pela escola.
- A coordenadora relatou que a maior dificuldade da escola, com os alunos do projeto, acontece quando estes chegam no Ensino Médio, pois os professores não são tão tolerantes, como os professores do Ensino Fundamental, e o nível de exigência da escola no Ensino Médio, para os alunos passarem no vestibular, é muito alto.
- A coordenadora comentou que um dos problemas da escola é não organizar as turmas antecipadamente, os alunos entram nas turmas que têm menos alunos, não existe critério para formação das turmas.
- A comentou que tivera muitas reclamações de colegas de aula do aluno D, pedindo para que este fosse, com mais calma nos jogos, das aulas de Educação Física.

- A coordenadora falou, que a assistente social do clube deu poucas informações, sobre os novos meninos, e as informações que passou não condiziam, com as informações que os meninos novos do projeto, relataram a seus professores.
- A professora H pediu a palavra, e disse que era contra o Projeto Esporte Social, pois os alunos chegavam com poucos pré-requisitos, faltavam às aulas de terça – feira à tarde e os professores tinham que fazer avaliações e trabalhos extras, para suprir estas faltas. O professor G, que só dá aulas, nas terças a tarde, disse que não conhecia nenhum dos alunos do projeto.
- O aluno A deveria sentar na frente da sala com outra menina, pois a que estava sentada ao lado dele, o ignorava.

5- Influência da família e diferença sócio-cultural dos alunos do projeto.

- O primeiro aluno do projeto foi o aluno B, sobre ele os professores falaram que tinha muitas responsabilidades para com a família, pois o pai foi jogador de futebol. Também comentaram, que os pais recém haviam se separados, e isto atrapalhou o aluno B durante o 3º trimestre. A coordenadora comentou que a família deposita muita expectativa para que o aluno B torne-se um jogador de futebol profissional.
- A professora responsável pela série disse, que seria importante um acompanhamento pedagógico para ajuda - lo.
- Sobre o aluno A, todos professores comentaram que ele tinha uma base boa, pois vinha da Escola Anne Frank. A coordenadora comentou, que a família do aluno era muito presente e comprometida com a escola. A professora responsável pela série disse, que ele era um aluno sereno e que não tinha nenhuma pressão para ser jogador de futebol.
- O aluno C, sobre ele os professores comentaram que teve um bom crescimento durante o ano, pois chegou com poucos pré-requisitos da outra escola. A professora M referiu-se ao aluno C como muito fraco em sua disciplina.
- A família do aluno C deposita muita esperança, que ele se torne um jogador de futebol profissional.
- Sobre o aluno D, os professores comentaram que ele está bem integrado com a turma, tem um bom potencial intelectual e possui uma ótima auto-imagem.
- A professora H comentou, que o aluno D convivia muito bem com a diferença social entre ele e seus colegas. Muitas vezes ela viu, ele almoçando no refeitório dos funcionários, sem nenhum problema.
- A mãe do aluno D é presente na escola.
- A coordenadora comentou que o aluno B passou por momento difíceis (separação dos pais) durante o ano.

APÊNDICE D - FORMAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

1- Integração Escolar

- O aluno D do Projeto Esporte Social, que participa da equipe de futsal e do grupo de dança, chega sempre no primeiro período de sexta-feira das 7h20 as 8h05 (não sendo obrigado a chegar neste horário), para completar as equipes.
- Todos querem jogar no seu time.
- Os alunos comentavam da habilidade técnica do aluno D, entre eles e com o professor. O aluno D durante o jogo, apesar de ter uma técnica diferenciada, driblava bastante, mas também passava a bola para seus colegas.
- Na aula do dia 14/03/08 novamente o aluno D chegou cedo para completar as equipes.
- Os colegas que estavam na equipe do aluno D aplaudiam e festejavam as jogadas de seu colega.
- Os colegas comentavam que o aluno C jogava muito bem.
- Sobre o aluno D, os professores comentaram que ele está bem integrado com a turma, tem um bom potencial intelectual e possui uma ótima auto-imagem.
- A equipe do Israelita é composta por alunos da 8ª série do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio. Entre os integrantes da equipe estava o aluno D do projeto. Ele era o goleiro e o capitão da equipe, apesar de ser um aluno de 8ª série, fato surpreendente, pois jogava com alunos mais velhos. Durante o jogo verifiquei a participação constante do aluno D, apoiando, orientado e muitas vezes criticando seus colegas. Observando estes fatos, entendi, porque ele era o capitão da equipe.

- Eu o técnico fomos jantar para comemorar a vitória, sem antes ter levado os dois alunos do projeto em casa. A escola deu bastante ênfase ao feito, colocando cartazes no saguão da escola, homenageando os atletas e técnico no horário do recreio e colocando fotos do jogo no site da escola.
- Horário livre na quadrinha - Perguntei para um dos alunos que estava do lado de fora, porque não estavam jogando junto com os colegas. Ele respondeu que não conseguia fazer a mesma coisa com a bola, que os “jogadores” faziam.
- Aula de fala - o aluno A, falou sobre o treinamento que realizava em sua equipe de futebol. No final de sua fala foi aplaudido pelos colegas.
- Horário livre - restaurante Bauru do Trianon, que fica na avenida Protásio Alves, em frente ao Colégio Israelita. Eram 13h. Quando entrei no restaurante, uma das mesas, era composta pelo aluno D (1º ano do EM) do projeto, três alunas do 2º ano do EM e um aluno do 2º ano do EM. Sentei para almoçar, e fiquei observando a mesa dos alunos do Colégio Israelita, todos estavam conversando, mas só as meninas estavam comendo.
- Ela (direção) também comentou que já alugou do seu próprio bolso, duas vezes, trajes sociais para os alunos do projeto, poderem ir, nas festas de Barmitzva.
- O professor EF relatou que os meninos A, B, D e o menino do projeto que se lesionou (não observei – por ser branco), faziam a diferença em suas equipes, no aspecto técnico, físico e experiência em quadra.
- A professora H comentou, que emprestou seus livros para o aluno D estudar.
- O aluno C é visto pelos professores como um futuro atleta de futebol, todos o admiram como aluno, pelo seu caráter e personalidade.
- Quando da divisão das equipes, pude observar que os alunos do projeto ficaram isolados de seus colegas de turma.
- O aluno B, debochava de seus colegas menos habilidosos.
- Sempre que acontecia um gol no jogo, e era feito por algum aluno do projeto, estes comemoravam entre si, e se auto - elogiavam com frases do tipo “como eu sou bom... e sou o cara..., entre outras frases”.
- No final da aula os três alunos do projeto saíram juntos e ficaram comentando suas proezas durante o jogo.
- Perguntei ao técnico porque o aluno C não estava jogando. Ele respondeu, que o aluno C o comunicou, que teria jogo à tarde pelo seu clube de futebol, e estaria cansado para jogar a noite.
- Os alunos do projeto chegaram juntos e atrasados. O aluno B não estava com uniforme adequado para prática esportiva, estava com uma bermuda de brim e chinelos. O aluno B pediu para o professor um calção do uniforme da equipe da escola, e um par de tênis para o aluno A. Quando o aluno A não jogava, este emprestava seus tênis para o aluno B.
- No final da aula o aluno B e o aluno A foram até a arquibancada conversar com o aluno C, e depois foram embora caminhando para sala de aula.
- Observei que os três alunos do projeto A,B e C, mantiveram-se juntos, participando das brincadeiras com outros colegas, mas os três sempre no mesmo grupo.

- As 10h30min os alunos da 8ª série ingressaram juntos no ginásio para festejar Purim.

- Após as atividades no ginásio, a turma 81 se deslocou para a sinagoga, que fica localizada dentro da escola. Os três alunos do projeto sentaram juntos na sinagoga, e realizaram a mesma atividade com seus colegas.

- Recreio ensino fundamental - Os alunos da 7ª série A,B e C, brincavam de pegar ao redor da quadra externa. Só os três estavam brincando.

- Horário livre os três alunos do projeto jogavam bola sozinhos, os outros colegas só olhavam.

- O professor também comentou que convidou o aluno C várias vezes para jogar, e o menino sempre tinha uma desculpa para não jogar.

- Nas minhas aulas (Educação Física) os meninos do projeto, passavam o tempo todo juntos, e pouco se relacionavam com os outros colegas.

3- Como você vê sua relação com os colegas da escola, não os meninos do projeto. Os colegas da sala de aula?

“Com essa chance consegui plantar várias amizades, tive um pouco de sorte, os meninos e as garotas gostam de mim, acho que tive uma sorte muito grande deles gostarem de mim”.C

6- Como você vê sua relação com os colegas da escola, não os meninos do projeto. Os colegas da sala de aula?

“Como sempre em todos colégios do mundo é claro que tem aqueles teus melhores amigos, mas eu sou um guri que gosta de ser amigo de todo mundo, dos guris das gurias, claro que tem alguns que tu não gosta muito, mas sou amigo de todo mundo, e quero continuar assim para o resto da minha vida”.B

“Têm sempre os amigos que tu convive mais, e são estes os meus amigos, eu ando mais com eles, porque eles tem um jeito parecido com o meu, eles gostam de futebol, gostam também de estudar bastante”.B

“Minha relação é muito boa, não tenho muito a acrescentar é muito legal, convivo bem com eles todos (alunos do projeto)”.C

“A minha relação com os meninos do projeto é maravilhosa né, agente conversa bastante sempre que agente se vê, e agente esta sempre junto”.D

4- Você tem relação com os colegas da escola, fora da escola?

“Alguns eu tenho, com os do futebol falo direto, mas eu tenho com alguns sim”.C

5- Você participa de alguns eventos com eles tipo festas?

“Não tive oportunidade de ir em barmitzva, mas eu sei que vai ter mais alguns este ano, e daí eu pretendo ir”. C

21- Neste começo eu não estava aqui, tu acha que acontecia isto porque você era jogador de futebol ou era por ser negro?

“Eu acho, porque eu era jogador, queria me mostrar demais, mas consegui pegar amizades, o cara vê e no começo o cara quer se mostrar um pouco, mas consegui plantar amizades boas, agora esta tudo bem”.C

2- Futebol como meio de inclusão e ascensão social

- Seleção Brasileira de Futebol, representando o Brasil na Macabíada Pan Americana Juvenil em dezembro de 2007 a janeiro de 2008, esta realizada em Buenos Aires (Argentina) - Um dos quatro atletas convocados foi o aluno D do projeto. Perguntei ao professor quem viabilizou a viagem do aluno D. O professor disse que todas as despesas (passagem, alimentação, estadia) foram pagas pela Macabi – Brasil.

- O primeiro aluno do projeto foi o aluno B, sobre ele os professores falaram que tinha muitas responsabilidades para com a família, pois o pai foi jogador de futebol. Também comentaram, que os pais recém haviam se separados, e isto atrapalhou o aluno B durante o 3º trimestre. A coordenadora comentou que a família deposita muita expectativa para que o aluno B torne-se um jogador de futebol profissional.

22- Você vê alguma relação de comportamento, teu na escola com o teu comportamento lá no clube. Tua relação com os atletas de lá e com os meninos daqui, o que tu observa de afinidade, coisas parecidas e coisas diferentes.

“De diferença no jogo assim, os jogadores que jogam no Inter, os meus amigos lá, o problema é que tem muita “traírajem”, uma coisa assim desamada, aqui tu já chega eles são teus amigos, não tem esse negócio assim tipo mau. Agente briga um dia, no outro dia também. Lá no inter briga um dia, fica um mês sem falar com o cara. Acho que aqui no colégio, a relação é bem mais fácil, no Inter já é mais complicado”.C

19- Você acha que o CIB pode te ajudar no futebol ou em outra profissão?

“Com certeza com relação às outras profissões, pelo ensino bastante forte. Eu posso fazer qualquer coisa em relação ao esporte também. Até pelas Macabíadas deu para conhecer bastante pessoas lá em São Paulo. Dá para ir para lá e morar lá, sei l jogar em outro time de lá”.D

20- A relação que você têm com os alunos da escola pode te proporcionar futuramente trabalhar em algum lugar, que não seja o futebol?

“Com certeza acredito que eles vão e dar bem na profissão, e se eu não me der bem no futebol vou ter muitos contatos com certeza”.D

19- Você vê alguma relação de comportamento, teu na escola com o teu comportamento lá no clube. Tua relação com os atletas de lá e com os meninos daqui, o que tu observa de afinidade, coisas parecidas e coisas diferentes.

“Aqui no colégio os alunos são mais legais, agente não tem muito tempo para ficar de agitação, agente tem que ficar mais na aula, agente conversa sobre assuntos que agente não conversa lá no Grêmio. Lá no Grêmio agente só vai lá treina, conversa, não tem mais nada para fazer. Aqui agente conversa de assuntos diferentes é isso aí a diferença”.B

“Me relaciono melhor com os alunos do colégio, porque lá no Grêmio é muita competição, e às vezes eles não são leais com as pessoas”.

6- Aqui você sente que os alunos do colégio são leais contigo?

Nem todos, mas a maioria é. Acho que eles são mais verdadeiros tentam me ajudar mais que lá no Grêmio”.B

10- Por que você acha que se relaciona bem com eles?

“Até pelo fato de já ter jogado no clube, até pelo fato de conversar com os guris, sobre futebol, agente fica resenhando”D.

8- A afinidade que tu tens com eles é por causa do futebol ou têm mais coisas?

“Além do futebol, agente gosta das mesmas músicas, fala o mesmo assunto, agente ri bastante é isso, quase as mesmas coisas”.B

7- Futebol é muito importante para você?

Futebol é muito importante para mim é a coisa que eu mais gosto, mas o que a minha família mais me ajuda é eu não tirar o foco dos estudos, se não pode complicar muito”.C

“É a minha vida, o futebol”.B

“O futebol é minha vida”.D

18-Além do futebol você visualiza outra perspectiva profissional?

“Além do futebol, agora não vejo nada”.D

“Nada, nada só jogar futebol”.B

3- Inclusão Escolar e Social

- “III Festival de Talentos da Escola”. O evento oportuniza que os alunos da escola demonstrem seus talentos extra-curriculares. O representante no festival da turma 71 da 7ª série foi o aluno B do projeto. O aluno B na sua apresentação executou malabarismos com a bola de futebol durante dois minutos. A sua apresentação foi muito aplaudida pelo público presente.

- Fui informado neste dia pela professora G, que o aluno B também tinha sido escolhido pelos seus colegas de classe como um dos representantes da turma 71 (este no ano de 2006 também foi representante da sua turma na 6ª série).

- Viajem para Rio Grande, a escola subsidia o passeio para o aluno D.

- Viajem para Rio Grande, o aluno D conversava numa roda de seis colegas, entre eles duas meninas.

- Observei no pátio da escola que alguns alunos do colégio estavam vestidos com traje auto - esporte. Entre os alunos estava o aluno C do projeto. Perguntei para o professor CJ, porque os alunos estavam vestidos naqueles trajes. O professor respondeu que os alunos representantes das duas turmas de 7ª séries iriam visitar, a Câmara de Vereadores de Porto Alegre, para levar um projeto de segurança para o bairro.

- Ele me relatou, que a direção da escola alugou o traje para o aluno C vestir.

- VIII Liga das Escolas Particulares de Porto Alegre. A final foi entre o Colégio Israelita e o Colégio Bom Conselho, no Ginásio do Colégio Farroupilha. Na equipe de futsal do Colégio Israelita os alunos A e B do projeto faziam parte.

- Recreio do ensino fundamental - Os meninos da 7ª série e os meninos da 8ª série estavam quase todos (em torno de 30 alunos), jogando futebol na quadra externa. Os quatro meninos do projeto (A,B,C e D), estavam jogando.
- Recreio ensino fundamental - O aluno D estava conversando em uma das mesas do pátio, com duas meninas e mais três meninos da 8ª série. O aluno D alisava o cabelo de uma das meninas, enquanto conversavam. Aproximei para ouvir a conversa. Falavam sobre a festa que iriam sábado, na casa de uma colega.
- Os professores da escola receberam da coordenação, um e-mail comunicando que os alunos B e C do projeto, estariam viajando com suas equipes, para disputar um campeonato de futebol fora do estado, no período de 18 a 25/05/07. Os professores deveriam abonar as faltas dos alunos. Está semana em que os alunos estarão viajando, coincidiu com a semana de provas do 1º trimestre. Os professores deveriam fazer novas avaliações para os dois alunos do projeto, e estas deveriam ser aplicadas durante o 2º trimestre.
- A coordenadora respondeu, dizendo que ele (o aluno C) tinha acompanhamento desta disciplina, em horário extra-curricular durante o ano.
- Os alunos da 7ª série estavam sentados nos bancos, e escrevendo em papéis sobre as mesas do pátio. Aproximei do professor H e perguntei o que estavam fazendo ali. Ele respondeu, que estavam fazendo trabalho em grupos sobre Roma. E que estavam no pátio para diversificar o ambiente de estudo. Ao observar os três meninos do projeto, verifiquei que estavam em grupos de estudo diferentes. O aluno A estava em um grupo com mais três meninas. O aluno B estava em um grupo com um menino e duas meninas. Já o aluno A estava em grupo com mais um menino e duas meninas.
- Sala de aula da 8ª série - Todos os alunos estavam sentados em duplas. As duplas eram formadas por uma menina e um menino.
- Perguntei, por estarem na sétima série, se já tinham ido a alguma festa de Barmitzva. Eles me relatam que são convidados pelos seus colegas, para participarem das festas de Barmitzva. O aluno B relatou que foi várias vezes.
- Situações como alimentação, transporte (vale transporte subsidiado pelo clube), uniforme, aulas e colegas. O aluno B era o mais falante, este comentou que as terças-feiras uma Kombi escolar (subsidiada pelo clube) levava o aluno C até o Inter, e depois levava ele para o Grêmio. Também as terças, eles almoçam no refeitório da escola (almoço subsidiado pelo clube). Perguntei, porque só as terças? O aluno C respondeu, que as terças eles saíam mais cedo, pois seus colegas de classe tinham aula à tarde, e eles tinham que treinar em seus clubes. Perguntei, vocês não assistem às aulas, terça? Os dois responderam que não. Para não perder as matérias, eles faziam trabalhos em casa, das disciplinas que não podem assistir.
- A professora "A" comentou que o professor G não se preocupasse, pois ela também não dava aulas para eles, e no final do trimestre, eram elaborados trabalhos para os alunos fazerem em casa.
- A professora responsável pela série disse, que seria importante um acompanhamento pedagógico para ajuda - lo.
- O aluno D foi numa festa na casa de uma colega no bairro Higianópolis, e depois como não tinha ninguém para buscá-lo, dormiu na casa da colega. Perguntamos se ele não ficou com vergonha de ter ficado lá. O aluno D respondeu que não. Disse

que quando acordou foi tomar café com o irmão de sua colega. Por volta do meio dia de domingo (09/03/08), saiu para almoçar em uma galeteria com toda a família, “tudo pago pelo pai da colega”. Também nos informou que à tarde outros colegas foram para residência da menina, e todos ficaram jogando vídeo game até o anoitecer, quando o pai da menina o levou em casa.

- Reunião de professores - Integrei o grupo que estudava sobre Dificuldades de Aprendizagem e Inclusão. Este grupo é formado por oito professores das mais diversas disciplinas, e por interesse dos professores sobre o tema. Neste dia conversamos e discutimos sobre inclusão escolar. O foco da discussão foi caracterizar alunos de inclusão.

- Reunião do grupo de estudos Dificuldades de Aprendizagem e Inclusão, debatemos sobre o tema, e oficializamos o documento que apresentamos, ao grupo de professores da escola.

- A diretora disse, que têm apoio de um grupo de senhoras judaicas, no auxílio da alimentação e do transporte dos meninos. Sobre o apoio pedagógico para os meninos, ela falou, que eles têm aulas aos domingos, e às vezes à noite com os professores da escola. Os livros que os alunos do projeto utilizam, são comprados pela escola, emprestados pelos professores ou doados por outras famílias.

- O professor EF falou, que os meninos do projeto ganhavam passagem escolar (clube) para freqüentarem a escola.

- A coordenadora falou, que as recuperações do aluno C seriam feitas no início do ano letivo de 2008, pois ele irá participar de um torneio de futebol internacional, com seu clube.

- A coordenadora falou que o aluno D tinha professora particular de matemática oferecida pela escola.

- O aluno C no aspecto cognitivo possui muitas deficiências em matemática, mas este problema já foi resolvido, com acompanhamento pedagógico aos domingos.

- A coordenadora comentou, que o aluno C faria a recuperação no início do ano letivo de 2008, pois ele estava viajando com o Internacional, para disputar o Torneio de Futebol Infantil de Alegrete, e isto, atrapalharia um pouco, a rotina da escola.

- Perguntei para ela sobre os alunos que são dispensados do Inter e do Grêmio [casos do aluno A,D e do aluno que não observe (E)], como fica a situação das bolsas de estudos. Ela disse, que a escola mantém a bolsa de estudos dos alunos e continua com os mesmos critérios como, auxiliar no material pedagógico, aulas particulares aos domingos, excluí-los das aulas de terça a tarde, uniforme e passagem escolar (clube).

- A coordenadora comentou, que o caso do aluno D, é o mesmo do aluno A, apesar de ter saído do Internacional, continuaria com todos os privilégios da bolsa de estudos.

- A coordenadora explicou que apesar do aluno A ter saído do Grêmio e ter ido para o E.C. São José, a escola manteria sua bolsa de estudos.

- No seminário de professores das 18h as 19h30, tivemos no mesmo dia uma explanação por uma das coordenadoras da escola, sobre a Legislação da Inclusão Escolar.

- Das 14h às 16h, tivemos uma palestra sobre o tema Dificuldade de Aprendizagem e Inclusão, com Dr. Luiz Alberto ROHDE; sobre: “Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: reconhecimento e manejo na escola”.

- No dia 11/08/08 o grupo que faço parte, que trabalha Dificuldade de Aprendizagem e Inclusão, apresentou o trabalho realizado durante o ano, para os outros professores da escola.

8- Qual sua opinião sobre as condições que a escola dá aos meninos do Projeto esporte Social. Tenho conhecimento de passeios, uniformes, livros...

“Acho isso importante, para gente, mais importante para nossa carreira. Para alguns não é experiência, mas acho uma experiência muito boa estudar num colégio que têm uma capacidade muito boa”.C

“Além da escola nos tratar igual aos alunos que não são do Projeto, nos beneficiam muito, eles pagam viagem, eles dão bastante coisa para gente, é muito bom são amigos”.B

10- Livros também?

“Livros, quando a gente têm que ir na biblioteca para pegar uns livros, eles deixam agente passar na frente dos outros alunos, estes são benefícios que agente deve aproveitar o máximo”.B

9- A escola fornece materiais, que muitas vezes vocês não têm condições de adquirir. Isto é importante para você?

“Muito importante, continua legal, tudo bem legal, as cadeiras confortáveis, tudo é uma coisa no ápice, muito anormal”.C

10- O que tu acha importante à escola disponibilizar, para os meninos do Projeto, para vocês terem um melhor desempenho na escola. O que à escola fornecesse. Um exemplo que tu acha que não têm e gostaria que tivesse.

“Acho melhor que tivesse professor tipo particular, no próprio colégio, podia ter na aula. Mas para nós fica difícil porque treinamos todos os dias as tardes. Não tenho muito para acrescentar, por que este colégio é muito bom do jeito que esta”.C

11) Você não tinha aula de matemática particular?

“Estou tendo agora”.C

“Eles nos ajudam bastante, não preciso de nada, esta tranquilo. Tudo que agente precisa eles dão. Acho que não preciso mais nada, eles dão o máximo”.B

“Acho muito importante, principalmente pelo fato de ter que ler livros, porque eu antes de vir para cá não lia. Hoje eu estou até lendo livros que não preciso ler, não são para escola. Também pelo fato de poder viajar para Macabíadas, até pelo fato de tu poder ir para outros clubes melhores”. D

“Com certeza me oportuniza várias coisas. Se eu não tivesse aqui, não teria. Ela me ajuda bastante”.D

11- Em relação às aulas, vocês têm que cumprir o calendário, eles oportunizam isso, com aulas particulares ou aulas em outros horários?

“Todas as séries do colégio têm turno integral, que é terça-feira à tarde, no nosso caso é a 8ª série. Agente tem os treinos, daí a gente falta, e o colégio nos ajuda, eles nos dão materiais que os professores dão a tarde, se um aluno do Projeto têm

dificuldade, eles marcam aulas aos domingos, ou como eles fazem com os outros alunos, eles dão aulas num período de uma matéria que o aluno esta bem”.B

15- O que você acha de representar o CIB em competições esportivas, passeios?

“Eu acho que é uma escola, que eles dão muita ênfase ao respeito essas coisas. Eu acho que representar o CIB é importante, e agente tem que mostrar como é a cara dos alunos do Israelita, é isso eu gosto muito”.B

12- Quando você foi representar a escola na assembléia, o que tu achou disto?

“Achei meio bizarro, usar terno, negócio bem estranho, consegui o terno emprestado, e fui. Fiquei muito feliz pelo fato, foi um momento muito feliz na minha vida”.C

23- Você acha que o colégio pode te ajudar nesta perspectiva?

“O colégio pode me ajudar muito, porque o ensino é muito excelente, eu acho que no vestibular não têm como não passar, porque o ensino é muito bom, ótimos professores, ajudam mesmo, é muito bom”.C

“Se eu não for jogador, eu queria fazer advocacia, acho um negócio bem legal, eu queria ajudar a população toda”.C

Você tem relação com os colegas da escola, fora da escola?

“No primeiro ano aqui na escola saia com o Salomão, com o Natan, até foram eles que me indicaram a Hazit (movimento juvenil judaico). Todos os sábados eu faço com eles e com outros alunos a Hazit, tanto que nenhum dos alunos do Projeto frequenta este movimento, então eu vou com os outros. Eu também saio com o Guido, eu vou a festas com ele”.B

“Sim, com certeza, têm alguns que mais, sempre que agente vai para um lugar fora da escola, eu me relaciono com todos”.D.

“Sim, eu vou em festas, a maioria que têm, eu estou aí”.D

14- Você participa de barmitzva?

“Participo, vou aos barmitzva com os colegas, fico mais com eles, durante as aulas fico mais com os guris do Projeto, mas na hora de sair eu acho que eu nunca sai com os meninos do Projeto”.B

“Diferença acho que não, até chegar aqui tinha muitos não judeus aqui, eles já eram muito bem recebidos aqui, e comigo não foi diferente”.D

7- Como você se relaciona com os alunos da escola. Não os colegas do projeto?

A minha relação com eles é muito boa, eu me dou bem com todos. Estou sempre brincando com todo mundo, quase não tenho problemas, se tenho problemas é no futebol, aí agente resolvi tranqüilo”.D

8-Você se sente bem recebido pelos teus colegas?

“Eu me sinto bem recebido, te brinco com tudo mundo, então por este fato, posso dizer que sou bem acolhido por todos”.D

23-Você sente muita competição entre os alunos da escola e os alunos do clube?

Aqui na escola eu não sinto tanta competição como a que têm lá. Lá se compete muito mais pelo lugar, até pelo fato que aqui meu lugar esta quase certo”.D

4- A escola e o Projeto Esporte Social.

- O aluno A, todos professores comentaram que o aluno A tinha uma base boa, pois vinha da Escola Anne Frank. A coordenadora comentou, que a família do aluno era muito presente e comprometida com a escola. A professora responsável pela série disse, que ele era um aluno sereno e que não tinha nenhuma pressão para ser jogador de futebol.

- O aluno C sobre ele os professores comentaram que teve um bom crescimento durante o ano, pois chegou com poucos pré-requisitos da outra escola. A professora M referiu-se ao aluno C como muito fraco em sua disciplina.

- A família do aluno C deposita muita esperança, que ele se torne um jogador de futebol profissional.

- A mãe do aluno D é presente na escola.

- A coordenadora comentou que o aluno B passou por momento difíceis (separação dos pais) durante o ano.

13- Qual sua opinião sobre a escola?

“Esta escola têm um ensino muito bom é difícil encontrar em outra escola, o ensino que é dado nessa escola, eu acho que escolhi a escola melhor”.C

“O colégio é excelente, em termos de estudo, aqui têm muita gente boa, os alunos são muito legais, e acho o colégio excelente, em termos de amizade, de estudo, essas coisas”.B

“Minha opinião é que é um colégio que busca inovações, não só pessoas dentro da área judaica, mas pessoas de fora também, até para poder conhecer como é o colégio, e também ele te dá várias oportunidades. Eles te tratam muito bem, eles tratam bem com as diferenças, principalmente os alunos, que são nota dez”. D

2- Qual sua opinião sobre o Projeto Esporte Social?

“Projeto muito bom, ajuda pessoas que jogam em times importantes, Grêmio e Internacional, têm chance de estudar neste colégio, que é muito bom e de ensino ótimo, e ajuda quando chegar no júnior e no profissional, ser um jogador bom, não só dentro, mas também fora de campo”. C

“Bom, o Projeto Esporte Social é muito bom, eu acho que é uma oportunidade para os alunos que jogam futebol, no Grêmio e no Inter, e é uma oportunidade muito boa, que agente deve aproveitar o máximo, vir no colégio estudar”.B

“O Projeto Esporte Social eu acho muito importante, porque agrega várias coisas, várias pessoas ao esporte, não só no esporte, várias coisas como teatro. É importante para manter as pessoas ligadas em alguma coisa, não sendo só escola”.D

Este projeto te oportuniza algumas coisas, pelo fato de jogares no Internacional?

“Eu acho importante porque o Projeto esporte Social te dá algumas coisas que às vezes tu nem busca”.D

4- Por que você escolheu esta escola?

“Na verdade eu fui convidado, mas procurei ficar aqui, porque aqui é muito bom, e o ensino é muito bom, e achei que daqui se eu não for jogador de futebol posso ter um bom ensino”.D

3- Por que você escolheu esta escola para estudar?

“Bom, escolhi essa escola porque, como a minha mãe e o meu pai diz, não só eles, muita gente diz, uma das melhores de Porto Alegre, se não a melhor. Com ensino muito bom, e a minha mãe e o meu pai, sempre visam o ensino para mim, porque primeiro o estudo e depois o futebol”.B

4- O que sua família acha de você estudar nesta escola?

“A família me apóia o máximo, sabe que é uma escola muito boa, vai me dar um ensino muito bom, para eu chegar no meu máximo, que é ser jogador de futebol”. C

“Eles acham ela muito boa”.B

“A minha família acha isso como uma grande oportunidade, uma oportunidade que muitos da minha família não puderam ter”.D

5- Exclusão social e escolar

- Os colegas criticavam a atitude do aluno B, por debochar dos colegas.
- Durante os jogos vários alunos tinham rugas e discussões com o aluno B.
- Alguns alunos da turma criticavam a atitude dos mesmos (de comemorar os gols).
- Alguns colegas da turma de Educação Física reclamavam para o professor da maneira agressiva que o aluno B jogava. Em vários lances estes colegas chegavam mais duro no aluno B.
- No momento da escolha, nenhum dos meninos do projeto foi convidado para escolher as equipes. Um fato me chamou atenção, foi quando os três alunos do projeto foram os últimos há serem escolhidos para as equipes. Alguns colegas ficavam rindo desta situação.
- A diretora disse que ainda têm que resolver alguns problemas de discriminação.
- O professor de EF disse que seria melhor se o técnico da escola, no caso ele, fosse ao Grêmio e ao Internacional selecionar os garotos, e não como acontece, onde os alunos são colocados pelo clube na escola, sem processo de seleção. Se ele pudesse escolher os garotos bolsistas, não aconteceria de algum menino se recusar a jogar pela escola.
- Lesão de um dos alunos do projeto, que não esta sendo observado por mim. Perguntei, se a escola lhe dava auxílio médico. Ele me respondeu que não, pois a direção o informou, que ele tinha se machucado em horário extra-curricular.
- Sobre o uniforme escolar, um dos alunos do projeto, disse para o professor EF que alguns vestuários vinham dos achados e perdidos da escola.
- A coordenadora relatou que a maior dificuldade da escola, com os alunos do projeto, acontece quando estes chegam no Ensino Médio, pois os professores não são tão tolerantes, como os professores do Ensino Fundamental, e o nível de exigência da escola no Ensino Médio, para os alunos passarem no vestibular, é muito alto.

- A coordenadora comentou que um dos problemas da escola é não organizar as turmas antecipadamente, os alunos entram nas turmas que têm menos alunos, não existe critério para formação das turmas.
- A coordenadora falou, que a assistente social do clube deu poucas informações sobre os novos meninos, e as informações que passou não condiziam, com as informações que os meninos novos do projeto, relataram a seus professores.
- A professora H pediu a palavra, e disse que era contra o Projeto Esporte Social, pois os alunos chegavam com poucos pré-requisitos, faltavam às aulas de terça – feira à tarde e os professores tinham que fazer avaliações e trabalhos extras, para suprir estas faltas. O professor G, que só dá aulas, nas terças a tarde, disse que não conhecia nenhum dos alunos do projeto.
- O aluno A deveria sentar na frente da sala com outra menina, pois a que estava sentada ao lado dele, o ignorava.
- A professora H comentou, que o aluno D convivia muito bem com a diferença social entre ele e seus colegas. Muitas vezes ela viu, ele almoçando no refeitório dos funcionários, sem nenhum problema.

14- O que tu acha ser parecido com eles. O que é para ti isto?

“Este papinho deles, tipo computador, estes negócios assim, que o cara não é muito chegado, porque eu penso muito em futebol, isso aí é que é o diferente, o computador, brincadeiras meio idiota para gente, mas é bem importante para eles”.

15- Tu te adapta há isso?

“Na 6ª série estava meio confuso, depois na 7ª já melhorei bastante, estou no clima”.C

24- O fato de ser um menino de cor escura, de outra classe social, aqui no colégio, tu acha que existe alguma diferença no tratamento. Você se vê diferente deles, eles te tratam bem por isso. Você se desta forma?

“Acho que no começo eles não tratavam bem, ficou meio assim, acho que era porque não me conheciam, até entende?Porque eu tenho uma cabeça boa para me colocar, tipo assim ó,fui treinando eles, entrando no clima, não piava nada. Porque no começo foi complicado, mas depois encontrei algumas amizades e deu tudo certo”.C

16- Como você vê sua relação com os colegas da escola, não os meninos do projeto. Os colegas da sala de aula?

“Com essa chance consegui plantar várias amizades, tive um pouco de sorte, os meninos e as garotas gostam de mim, acho que tive uma sorte muito grande deles gostarem de mim”.C

17- Tu não acha que é por causa tua?

“Acho que é por causa minha, porque eu não trago comigo esse jeito de boleiro, de ser jogador, eu tento não ser diferente, parecendo com eles”.C

18- Você como um aluno negro, você sente que aqui no Israelita não tem nenhuma diferença?

“Não, claro que já teve aquelas brincadeirinhas de mau gosto dos meus colegas, mas nada que eu não pude resolver, tudo eu consegui resolver com a direção, essas coisas. Mas no momento está tudo ótimo, estou me dando bem”.B

25- Você se sente diferente aos teus colegas da escola?

“Em relação a eles, a única diferença que eu vejo é que eles fazem barmitzva. Eu não faço barmitzva, e eles aprofundam mais o conhecimento na cultura judaica, e é coisa que eu não faço, até por não ser da religião”.D

26- Você se sente diferente deles pela sua raça?

“Eu me sinto tranquilo, sempre têm as brincadeiras com os amigos, mas é coisa normal”.D

27- Eles brincam contigo em relação a tua raça?

“Eles mechem comigo e eu mecho com eles, está tudo bem. Eu levo na boa e eles também. Está tudo tranquilo”.D

25- Você vê alguma diferença aqui na escola de relacionamento com os colegas, por não ser judeu?

“Pior, que no começo quando eu entrei, eu pensei nisso, fiquei bem assim, porque não sou judeu, pode me complicar. Mas com a conversa que tive com a coordenação e com os professores, eles me deram uma confiança muito grande, e me deixaram bem pleno como eu tinha que fazer, como eu tinha que agir, mais ou menos assim. Acho que eu dei certo, ainda bem”.C

22- Você vê alguma diferença aqui na escola de relacionamento com os colegas, por não ser judeu?

“Acho que teria alguma diferença talvez seria mais excluído, mas eu sendo um aluno negro, e a história dos negros tem haver com a história dos judeus. Os judeus foram mortos pelos nazistas e os negros também. Já que a história é parecida, acho que eles nos recebem bem, e nos tratam como se fossemos da comunidade, eu me vejo muito haver com eles. É por isso que eu gosto de ficar neste colégio até me formar”.B

26- Mas a tua postura, o teu cabelo, a maneira que tu veste, o que tu gosta de ouvir, tu te vê diferente deles?

Eu me acho bem diferente, acho que meu estilo é mais de jogador. Para falar a verdade, tipo comparado com o Anderson do Grêmio, tipo jogador com esse cabelo. Acho bem diferente, eles têm outra cultura.C